



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS –
MESTRADO PROFISSIONAL (PPGEJA)**

JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA

**SABERES SOCIOEMOCIONAIS NA FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA NO
ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Salvador
2024

JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA

**SABERES SOCIOEMOCIONAIS NA FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA NO
ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Defesa de Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos – PPGEJA - CAMPUS I da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito à obtenção do título de Mestra em Educação de Jovens e Adultos. Área de Concentração 2 – **Formação de Professores e Políticas Públicas.**

Orientadora: Prof.^a Dra. Carla Meira Pires de Carvalho

Salvador
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca Professor **Edivaldo Machado Boaventura - UNEB – Campus I**
Bibliotecária: Célia Maria da Costa – CRB5/918

A447s Almeida, Josete Moreno do Nascimento

Saberes socioemocionais na formação docente continuada no âmbito da educação de jovens e adultos / Josete Moreno do Nascimento Almeida .- Salvador, 2024.

150 f. : il.

Orientadora: Carla Meira Pires de Carvalho.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos - MPEJA, Campus I. 2024.

Contém referências, apêndices e anexos.

1. Educação de jovens e adultos – Salvador (BA). 2. Professores – Formação. 3. Professores – Educação (Educação permanente). 4. Currículos. 5. Educação de jovens e adultos - Prática de ensino 6. Educação afetiva. 7. Psicologia educacional. I. Carvalho, Carla Meira Pires de. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. III. Título.

CDD: 370.71

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Reconhecido Homologado pelo CNE (Portaria MEC nº 1009, DOU de 11/10/13, seção 1, pág. 13.)

MESTRADO PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

DEDC - CAMPUS I
Departamento
de Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

SABERES SOCIOEMOCIONAIS NA FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA, em 29 de outubro de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Profa. Dra. Carla Meira Pires de Carvalho (UNEB)
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Profa. Dra. FLÁVIA LORENA DE SOUZA ARAÚJO (UNEB)
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia

Profa. Dra. Cléide Nascimento Canda (UFBA)
Doutorado em Artes Cênicas
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Dedico este sonho realizado:

Aos meus pontos de partida
Carolina e José (*in memoriam*), que a vida
escolheu para serem minha mãe e meu pai
biológicos.

Zayde e Rubem (*in memoriam*), escolhidos
pela vida para serem minha mãe e meu pai.

Somente por causa deles eu sou.
Sendo, cheguei até aqui.

Ao meu tripé de amor infinito, parte de nós
quatro, que acompanhou todo o processo do
meu ingresso no mestrado, desde as primeiras
tentativas, das insistências como aluna
especial, até o dia da alegria, imensurável, da
minha aprovação na seleção e do
acompanhamento do curso. Ele/as têm lugar de
destaque nessa minha realização. São
protagonistas do fazer esse sonho acontecer.
Na base do tripé, *Alberto Jorge*, em um lado,
Carolina e, no outro, *Tarsila*.

Ao meu tio Hilton (*in memoriam*) e à tia Ana,
com o reconhecimento de todo o carinho
mútuo entre nossas famílias.

A todos/as educadores/as, professores/as e
educandos/as que, de alguma forma, me
impulsionaram e contribuíram para a
realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda energia divina, a mais sagrada e poderosa, que rege a vida dos seres vivos e de toda natureza, o grande universo.

À minha mãe biológica Carolina (*in memoriam*), que não teve a oportunidade de acompanhar, fisicamente, o meu processo de desenvolvimento, mas esteve presente em energia. Obrigada por ter me escolhido e acolhido, com amor, no seu ventre.

Ao meu pai José (*in memoriam*), obrigada por dividir a sua função de pai com os meus tios (meus pais adotivos), tendo a sabedoria de não se afastar de mim.

Agradeço a cada átomo, molécula, organelas, célula, tecidos, órgão, sistema e organismo do meu corpo, que resistiram aos desafios impostos pela vida e permaneceram com força e encantamento até aqui, e assim continuará. À minha consciência plena, agradeço pelas escolhas assertivas que fiz, nas vidas pessoal e profissional.

À minha mãe Zayde e ao meu pai Rubem por escolherem ser, além de tia e tio, minha mãe e meu pai, me ensinando, através de suas ações, a importância dos valores humanos.

Ao meu esposo Alberto Jorge, obrigada pelo incentivo, pela atenção e pelo carinho através das comidas nutritivas e criativas da sua autêntica e amorosa culinária, além dos lanches de pipocas, mangas, jacas, umbus, cajaranas, castanhas e outros que me energizavam para o estudo.

À Tarsila, minha filha, obrigada por me proporcionar segurança nos momentos mais exaustivos e estressantes, através da sua atenção e da sua escuta às minhas angústias de mestrandia e, ainda, pela paciência em atender às solicitações em curto espaço de tempo para criação de *cards* e *slides*, recursos usados nas atividades avaliativas de seminários e *lives* no percurso do mestrado.

Agradeço à Carolina, minha filha, que se fez presente, por telefone e/ou chamadas de vídeos, escutando as minhas satisfações e/ou insatisfações de mestrandia, sempre com retornos pertinentes, mesmo estando distante fisicamente, em outra América, em Toronto, a 98927 km de distância de Salvador¹ em linha reta e, a 12 horas de voo, sua voz e sua atenção chegavam encurtando essa distância.

¹ Informação obtida pelo site do Brasil Distância.

À D. Terezinha, minha sogra, que se tornou um exemplo e símbolo de vida próspera para mim, obrigada por tantos ensinamentos sobre lucidez, dinamismo, alegria, fé e resistência, substantivos que me acompanharam nesse processo de intenso estudo.

À Márcia, minha cunhada, presente que ganhei quando casei com o irmão dela, obrigada pelos livros que me foram presenteados ao longo do período das minhas tentativas de ingresso no mestrado, os quais contribuíram para me manter persistente e interessada no meu objeto de pesquisa.

À Joy, minha amiga que se tornou irmã logo que nos conhecemos ainda crianças, obrigada pelo incentivo e pelas vibrações de positividade a cada seleção que eu participava, mesmo sem sucesso, me fazendo acreditar que chegaria a hora certa da minha aprovação.

À Camila Oliveira, agradeço pelo incentivo dado ao título do tema e à escrita do meu projeto de pesquisa, assim como pelas pontuações avaliativas as quais contribuíram para a minha aprovação na seleção do mestrado.

À Rita Quintela, colega da rede municipal, que se tornou amiga, agradeço pela disponibilidade, pois, mesmo com seu tempo escasso, compartilhou valiosas orientações acerca do processo de seleção do mestrado, na torcida pela minha aprovação. Preciso dizer que foi um anjo neste meu caminhar de mestranda.

À professora Dr^a. Carla Meira, agradeço, por ter escolhido ser minha orientadora, pela sua didática e metodologia nas orientações individuais e em grupo: sem pressão, com paciência e conhecimento. Agradeço, também, por ter sido minha professora no componente curricular *Fundamentos Legais e Políticas Públicas de EJA no Brasil*, me permitindo vivenciar aulas inovadoras, a exemplo da nossa apresentação coletiva a partir do olhar do colega, assim como da aula no teatro, com a peça *Dandara na Terra dos Palmares*.

Agradeço à professora Dr^a. Cilene Canda e à professora Dr^a. Flávia Lorena Araújo, por exercerem a função de avaliadoras, externa e interna respectivamente, da minha qualificação, conseguindo conciliar os horários, mesmo com todas as demandas de suas agendas acadêmicas e, ainda, pelas orientações e pelas sugestões pertinentes.

À equipe da Escola Municipal Cidade de Jequié, obrigada por toda a acolhida e a confiança no meu trabalho, acreditando nas possibilidades que o investimento na educação socioemocional pode nos trazer, pessoal e profissionalmente.

A/os colaboradores/as da pesquisa, prof. Pedro Anselmo, prof. Davi, prof.^a Ana Rosa, prof.^a Laís, prof.^a Ana Claudia, prof.^a Cristiane, prof. Jocely e coordenadora Claudia, sem vocês nada disso teria acontecido. Obrigada por fazerem o meu sonho de cursar o mestrado

em uma universidade pública — UNEB — tornar-se realidade. Vocês deram vida ao meu projeto de pesquisa e, através das cartas pedagógicas, denunciaram lacunas e também anunciaram possibilidades sobre a educação socioemocional na formação de professores/as.

Aos colegas do PPGEJA — Turma 10, obrigada pelos aprendizados, desde os projetos de pesquisa até o jeito de ser, pensar e agir de cada um/a. Em especial, agradeço à colega Karla Suane pela sintonia desde o primeiro semestre do mestrado, a ponto de publicarmos, juntas, um artigo como capítulo no livro *Pesquisa aplicada, inovação social e educação de jovens e adultos*, pela EDUFBA, além de apresentarmos, no VIII ALFAeEJA, uma comunicação científica. Nossa amizade está em ANAIS.

Ao meu gatinho Nego, obrigada por me acompanhar nos estudos, nas mais variadas horas, por me proteger e por me tranquilizar com seu olhar e seu silêncio nos momentos em que eu só enxergava o computador e só escutava os teclados dando forma ao texto. Também agradeço por me fazer avançar no processo de compaixão, compreendendo que os animais são verdadeiros anjos.

A todos/as aqui citados/as, meu profundo agradecimento.

Leve e suave

*Há de ser leve
Um levar suave
Nada que entrave
Nossa vida breve
Tudo que me atreve
A seguir de fato
O caminho exato
Da delicadeza
E ter a certeza
De viver no **afeto**
Só viver no **afeto***

Lenine

Resumo: A presente pesquisa ocupa o espaço das Ciências Humanas, tendo a educação socioemocional na formação de professores/as da EJA como foco central. Sendo da área das Ciências Humanas e Sociais, epistemologicamente, esta é uma pesquisa que se define como qualitativa, tendo como abordagem principal, metodologicamente falando, a pesquisa formação e, como técnica, o grupo focal, reconhecendo as emoções e os sentimentos nas ações dos sujeitos. A pesquisa, realizada na Escola Municipal Cidade de Jequié com sete professores/as colaboradores/as, teve como objetivo geral investigar as contribuições dos saberes socioemocionais na formação continuada dos docentes no âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os objetivos específicos incluíram: analisar os saberes necessários para uma educação socioemocional, promover encontros formativos para reflexão colaborativa sobre sua importância e incentivar a produção de cartas pedagógicas focadas nesses saberes. A partir dos encontros formativos, surgiram os dispositivos de análise de dados, sendo as cartas pedagógicas o principal entre eles. Embasaram esta pesquisa, como fundamentação teórica, estudos sobre educação socioemocional, formação de professores/as e saberes socioemocionais, a partir do aporte teórico de autores/as que estudam esses temas. Como considerações (in)conclusas, foi possível constatar, dentre outras evidências, a partir das produções das Cartas Pedagógicas utilizadas na análise de dados, que os/as professores/as sentem insegurança e preocupação em lidar com os saberes socioemocionais na sala de aula, que aprender a administrar o tempo é fator considerado importante para a vida pessoal e profissional, que a comunicação é necessária para o desenvolvimento das boas relações entre os pares e que o excesso de atividades tem contribuído para o cansaço físico e mental dos/as professores/as, corroborando o adoecimento de ordem emocional. Nesse sentido, os/as colaboradores/as denunciam a ausência de formação continuada para professores/as na área da educação socioemocional, além da ausência de uma escuta e um olhar sensível para as questões emocionais do corpo docente. Na contrapartida das questões apresentadas, os/as colaboradores/as da pesquisa também evidenciam interesse e motivação para participarem, de forma sistemática, de formação continuada na área dos saberes socioemocionais.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; saberes socioemocionais; formação de educadores/as.

Abstract: This research, titled *Socioemotional Knowledge in Continuous Teacher Training within the Scope of Youth and Adult Education*, occupies the space of Human Sciences, focusing on socioemotional education and teacher training in Youth and Adult Education (EJA). As a part of the Human and Social Sciences, this research is epistemologically defined as qualitative, primarily utilizing focus groups as its methodological approach, recognizing emotions and feelings in the actions of subjects. The study was conducted at the Escola Municipal Cidade de Jequié, involving seven collaborating teachers, with the general objective of investigating the contributions and influences of socioemotional knowledge on the continual training processes of teachers in the context of EJA. Specific objectives include analyzing aspects related to the knowledge necessary for developing a socioemotional education in the training of EJA teachers; conducting formative meetings with teachers to collaboratively reflect on the importance of socioemotional knowledge in their training processes; and encouraging the production of pedagogical letters focusing on socioemotional knowledge. From the formative meetings, data analysis devices emerged, with pedagogical letters being the main focus. The theoretical foundation for this research is based on studies concerning socioemotional education, teacher training and socioemotional knowledge, drawing from the theoretical contributions of authors who study these themes. As (in)conclusive considerations, it was possible to ascertain, among other evidence, from the productions of the pedagogical letters used in the data analysis, that teachers feel insecurity and concern in dealing with socioemotional knowledge in the classroom, that learning to manage time is considered important for personal and professional life, and that the excess of activities has contributed to physical and mental exhaustion among teachers, leading to emotional distress. Additionally, communication also emerges as a significant factor necessary for developing good relationships among peers. Collaborating teachers report a lack of continual training for educators in the field of socioemotional education, as well as a lack of sensitive listening and awareness regarding the emotional issues of the teaching staff. In response to the presented issues, the collaborators in the research also express interest and motivation to systematically participate in continual training in the area of socioemotional knowledge.

Key-words: Youth and Adult Education; socioemotional knowledge; teacher training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	<i>Live Educação, poesia e ludicidade: prática e reflexões na pandemia</i>	48
FIGURA 2 –	<i>Live Educação, poesia e ludicidade: prática e reflexões na pandemia</i>	48
FIGURA 3 –	<i>Live O afeto que educa: da emoção à cognição</i>	49
FIGURA 4 –	<i>Live A arte como fio condutor: por uma educação do sensível</i>	49
FIGURA 5 –	<i>Live A ciência da respiração na gestão da saúde integral</i>	49
FIGURA 6 –	<i>Live A diversidade humana pelo olhar da biologia</i>	49
FIGURA 7 –	Encontro formativo – Gente nasceu para brilhar	50
FIGURA 8 –	Encontro formativo – Para além de escutar, ver e sentir	51
FIGURA 9 –	Encontro formativo – Para além de escutar, ver e sentir	51
FIGURA 10 –	Fachada da Escola Municipal Cidade de Jequié	52
FIGURA 11 –	1º Encontro – Grupo Focal	63
FIGURA 12 –	2º Encontro – Grupo Focal	65
FIGURA 13 –	3º Encontro – Grupo Focal	72
FIGURA 14 –	4º Encontro – Grupo Focal	74
FIGURA 15 –	Tetragrama/Carta pedagógica	75
FIGURA 16 –	4º EF: cartas pedagógicas	76
FIGURA 17 –	4º EF: cartas pedagógicas	76
FIGURA 18 –	4º EF: cartas pedagógicas	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Atividade Complementar
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil
COMSEJA – Competências socioemocionais na Educação de Jovens e Adultos
DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais
EMCDJ – Escola Municipal Cidade de Jequié
EJA – Educação de Jovens e Adultos
GF – Grupo Focal
GRE – Gerência Regional de Educação
LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
PPGEJA – Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE- Plano Nacional de Educação
PPP- Projeto Político Pedagógico
SEJA – Segmento de Educação de Jovens e Adultos
SEPESQ – Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras
TAP – Tempo de Aprendizagem
TCLE- Termo de Consentimento de Livre Escolha
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
SMED – Secretaria Municipal de Educação
UCSAL – Universidade Católica do Salvador
UFBA - Universidade Federal da Bahia
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Quadro dos/as educandos/as da EJA da EMCDJ de acordo com os gêneros	31
QUADRO 2 – Colaboradores/as da pesquisa	56

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 – 1º Encontro – Grupo Focal – A pesquisa e os acordos - Saberes socioemocionais na formação docente continuada no âmbito da Educação de Jovens e Adultos

APÊNDICE 2 – 2º Encontro – Grupo Focal – Experiências prévias dos/as professores/as sobre saberes socioemocionais

APÊNDICE 3 – 3º Encontro – Grupo Focal – Sentir, pensar e agir consciente

APÊNDICE 4 – 4º Encontro – Grupo Focal – Produção das cartas pedagógicas

APÊNDICE 5 – Roteiro de perguntas

APÊNDICE 6 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE ANEXOS

- ANEXO 1 – Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética
- ANEXO 2 – Cartas pedagógicas
- ANEXO 3 – Carta de apresentação para a escola lócus da pesquisa Escola Municipal Cidade de Jequié
- ANEXO 4 – Atestado da vivência realizada no Centro Municipal de Educação Infantil Amaralina
- ANEXO 5 – Atestado da vivência realizada no Centro de Educação Pestalozzi (1)
- ANEXO 6 – Atestado da vivência realizada no Centro de Educação Pestalozzi (2)
- ANEXO 7 – *Card* da Roda de Conversa realizada no Centro de Educação Pestalozzi
- ANEXO 8 – Certificado do minicurso realizado no Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras – SEPESQ 2023
- ANEXO 9 – Certificado da oficina realizada no XIII ETBCES
- ANEXO 10 – Palestra para educadores/as da Secretaria Municipal de Educação
- ANEXO 11 – Atestado da vivência realizada na Escola Municipal Maria Amália Paiva
- ANEXO 12 – Declaração da vivência realizada na graduação de Pedagogia da UNEB
- ANEXO 13 – Declaração da vivência realizada na Creche Primeiro Passo Sussuarana

SUMÁRIO

1	UM RETORNO AOS “VELHOS TEMPOS DE MIM”	18
1.1	A educação como sentido de vida	19
1.2	Vínculos fortalecidos em tempo de pandemia	23
1.3	O todo em partes: as seções	26
2	EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NO CONTEXTO DA EJA	28
2.1	Educandos/as da EJA da Escola Municipal Cidade de Jequié	28
2.2	Os saberes socioemocionais denunciam a BNCC	32
2.3	Educação socioemocional no currículo da EJA	37
2.4	Formação continuada de professores/as e educação socioemocional	42
3	METODOLOGIA – “O IMPORTANTE É QUE EMOÇÕES EU VIVI”	44
3.1	Experiências prévias: o antes	44
3.1.1	Vozes pela Educação	45
3.1.2	Conhecimentos socioemocionais na EJA – CONSEJA	50
3.2	O coração da pesquisa: a Escola Municipal Cidade de Jequié	52
3.3	Quem são os/as colaboradores/as da pesquisa	54
3.4	O jeito de fazer acontecer	56
3.5	“A emoção começa agora”: encontros formativos	60
3.5.1	Encontro com a dupla gestora	61
3.5.2	Primeiro encontro formativo: a pesquisa e os acordos	63
3.5.3	Segundo encontro formativo: experiências prévias dos/as professores/as sobre os saberes socioemocionais	65
3.5.3.1	Entre perguntas e respostas: o que é preciso saber e sentir	66
3.5.4	Terceiro encontro formativo: sentir, pensar e agir consciente	72
3.5.5	Quarto encontro formativo: a produção das cartas pedagógicas	74
4	CARTAS PEDAGÓGICAS: O SENTIR DENUNCIA, A ESPERANÇA ANUNCIA	78
4.1	Cartas pedagógicas: as palavras sentem muito mais	80
4.2	As cartas dizem muito mais: análise dos resultados	98
4.2.1	Saberes necessários para o desenvolvimento de uma educação socioemocional	99
4.2.2	A EJA e o <i>ser</i> professor/a	101
4.2.3	A EJA e o tempo pedagógico	103
4.2.4	A lacuna do socioemocional na formação do/a professor/a da EJA	104
5	(IN) CONCLUSÃO: “A HISTÓRIA NÃO TEM FIM”	108
	REFERÊNCIAS	114
	APÊNDICES	
	ANEXOS	

1 UM RETORNO AOS “VELHOS TEMPOS DE MIM”

A paixão com que conheço e com que falo ou escrevo não diminuem em nada o compromisso com que denuncio ou anuncio. Eu sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte de mim esquemática, meticulosa, racionalista, conhecendo os objetos e outra, desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço, com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também (Freire, 2015, p. 23).

É com minha razão encharcada de emoção, como propõe Freire (1997), que, através desses registros, falo de mim, ao tempo que compartilho minha trajetória como sentido de vida, a fim de apresentar o percurso da minha pesquisa de mestrado, intitulada *Saberes socioemocionais na formação docente continuada no âmbito da EJA*, a qual foi desenvolvida no ano de 2023, com professores/as da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Cidade de Jequié, situada na cidade de Salvador, no bairro da Federação.

Me chamo Josete Moreno. Este não é um nome composto. Moreno é o sobrenome da minha mãe e o carrego como símbolo de força, sabedoria e ancestralidade feminina. Hoje, mãe de duas filhas e casada com um professor, recordo da rotina da minha família de origem e o quanto isso influenciou na minha trajetória pessoal e profissional. Lembro do meu pai, com aquele jornal aberto, eu criança, imaginando como ele conseguia ler aquelas folhas tão grandes com letras tão pequenas. Minha mãe, com seus cadernos de culinária com deliciosas receitas de salgados e doces, além de seus livros e panfletos de orações de anjos, santos e missas dominicais. Eles sempre me atraíram para leituras e escritas do mundo e da palavra.

Meu pai e minha mãe não chegaram a concluir o ensino médio, mas possuíam saberes fundamentais que nos inspiravam para os estudos. Tinham, ele e ela, uma caligrafia legível, com um traçado seguro que parecia um bordado feito à caneta no papel. Aprendi, também, com eles, sobre valores humanos, como paciência, respeito, lealdade, sinceridade, simplicidade, persistência, diálogo e amor. Meu pai, homem do mar, me ensinou a admirar o horizonte, observar o vento, perceber as diferentes marés e gostar de cartas. Do alto mar ou dos portos onde parava, em viagem marítima a trabalho, sempre nos escrevia cartas. Minha mãe me mostrou diversas formas de acreditar nas possibilidades de fazer o sonho acontecer, através da fé, do movimento e da busca, semelhantes ao esperar de Paulo Freire. Essa sensibilidade com o *ser* e a perseverança nas realizações dos desejos me empoderaram e me organizaram para trilhar os caminhos dos conhecimentos e chegar até o mestrado com a pesquisa *Saberes socioemocionais na formação docente continuada no âmbito da EJA*,

referente à área de Concentração 2 – Formação de Professores e Políticas Públicas, a qual tem aderência ao meu objeto de trabalho e a compreensão acerca da urgência de temas como esse fazerem parte das formações continuadas dos/as educadores/as.

1.1 A educação como sentido de vida

[...] esse movimento de retorno a si mesmo se mostra abstrato e ineficaz caso não seja ativado por cada um em si mesmo. Quer dizer, o que se deve investigar de início é a natureza humana do próprio conhecimento, portanto, o conhecimento que em cada um de nós se encontra já atualizado como horizonte existencial concreto, isto é, como consciência encarnada individual e pessoal (Galeffi, 2009, p. 22).

Acreditando que voltar aos velhos tempos de mim contribui para o entendimento do presente, relato as minhas experiências educacionais, as quais deram sentido ao meu ser e ao meu fazer profissional até a chegada ao mestrado com a pesquisa *Saberes socioemocionais na formação docente continuada no âmbito da EJA*. Graduei em Pedagogia, em 1986, pela Universidade Católica do Salvador, mas, desde 1983, já estagiava na Escola Girassol, com crianças de cinco anos, no curso de Jardim II, atual grupo 5. De 1988 a 1991, atuei como vice-gestora na Escola Fundação Bradesco, em Salvador, a qual foi fundada em 1985 e desenvolvia um trabalho diferenciado na comunidade de Cajazeiras. Eram oferecidos, à comunidade, cursos de Educação Básica (Ensino Fundamental e Ensino Médio) e Educação de Jovens e Adultos, além de cursos de Formação Inicial e Continuada de Trabalhadores. O quadro de professores/as nessa escola era completo, assim como a equipe técnico-pedagógica, o acervo de material didático e as refeições, que eram substanciosas, de modo que os/as educadores/as conseguiam acompanhar os educandos/as de perto, com escuta sensível. Foi nesse período que tive o meu primeiro contato com a Educação de Jovens e Adultos. Não imaginava que futuramente conheceria as condições precárias da EJA da Educação Municipal de Salvador.

Estudei Psicopedagogia Institucional e Clínica durante três anos, realizando, simultaneamente, um trabalho de Psicoterapia individual, que me fez dar saltos na visão da educação, entendendo que o indivíduo é um ser integral, único e diverso, como diz Morin (2000). Nesse período, já me inquietava a invisibilidade do/a aluno/a como ser integral na escola. O que se via, ou ainda se vê, é a valorização da cognição e o pouco ou quase nada investimento nas questões emocionais dos sujeitos aprendentes, sejam eles/as educandos/as ou educadores/as. Ali, naquele ano, já entendia que os currículos da educação precisavam

garantir saberes que contemplassem o entendimento das emoções dos/as envolvidos/as nos processos do ensinar e do aprender. Só não sabia como fazer. A pergunta que me acompanhava era: existe formação inicial e continuada para os/as professores/as na área da educação socioemocional?

A Pedagogia e a Psicopedagogia chegaram para mim como uma balança, equilibrando a razão e a emoção, respectivamente, nas minhas ações pessoais e profissionais. Isso trouxe sentido para o meu fazer, despertando meu lado poético e me ensinando, como diz Fernandez (1991), que, em todo e qualquer processo de aprendizagem, quatro importantes elementos estão presentes: organismo, corpo, inteligência e desejo. Ampliava-se, a partir disso, o meu entendimento sobre a importância de os currículos abordarem conteúdos sobre o *ser*. A esse respeito, segundo Edgar Morin:

A natureza complexa humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos (Morin, 2001, p. 15).

Frente a isso, me perguntava como fomentar nos/nas educadores/as o desejo de apropriarem-se desses saberes? Como contemplar, nos planejamentos, conteúdos atitudinais e procedimentais, com a mesma relevância, ou maior, que os conteúdos conceituais, já que os conteúdos conceituais sempre foram, e ainda são, prioridades? Naquele período, eu já me indagava sobre a falta de importância dada às questões subjetivas dos/as educandos/as e dos/as educadores/as nos currículos, da ausência do reconhecimento, por parte da escola, das influências dos sentimentos e das emoções nos processos de aprender e ensinar dos indivíduos. Já me indagava sobre a necessidade de os cursos de graduação apresentarem, nos seus currículos, conteúdos contemplando a educação socioemocional. Já me interessava saber sobre as emoções.

Segundo, Wallon (1999) as emoções se apresentam através do corpo, expressões do estado de espírito, manifestações físicas, alterações orgânicas, como frio na barriga, secura na boca, choro etc., tendo papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. Ainda segundo Wallon (1999), é por meio das emoções que o indivíduo exterioriza seus desejos e suas vontades. Em geral, são manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos modelos tradicionais de ensino.

Acerca da promoção de atividades, com os/as educadores/as, que contribuam para o desenvolvimento de saberes socioemocionais, como autoconhecimento, autocuidado,

autoconsciência, reconhecimento das emoções, formação de hábitos e atitudes saudáveis, e sua influência nos processos do aprender e do ensinar, Galvão diz que:

A emoção é altamente orgânica, altera a respiração, os batimentos cardíacos e até o tônus muscular, tem momentos de tensão e distensão que ajudam o ser humano a se conhecer. A raiva, a alegria, o medo, a tristeza, e os sentimentos mais profundos ganham função relevante na relação [...]. A emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social (Galvão, 1995, p. 61).

Diante da afirmação de Galvão (1995), citada acima, podemos entender a importância de reconhecermos como as emoções atuam em nossas ações diárias e a necessidade de reconhecermos os benefícios oriundos do entendimento sobre as consequências do estado emocional dos/as professores/as e dos/as educandos/as nos processos de aprendizagens.

Na busca de entender mais sobre o ser, atuei como Psicopedagoga Clínica no Serviço Social da Indústria – SESI, como Coordenadora das séries do Fundamental I e, posteriormente, como Coordenadora de 5ª a 8ª séries do Fundamental II. Trabalhei com os/as professores/as desses segmentos e muito aprendi com eles/as no que diz respeito à estrutura da matéria. Também percebia que eles/as, professores/as, demandavam questões relacionadas à relação professor/a e aluno/a. Foi nesse período que foi publicado, no relatório intitulado *Educação: um Tesouro a Descobrir*, os quatro pilares da educação, elaborados em 1999, pelo professor político e econômico francês Jacques Delors, que elencou as quatro aprendizagens fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social que deveriam nortear a educação no século XXI. Aprender a aprender, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conviver. Meu coração batia mais forte no aprender a ser e no aprender a conviver por acreditar que saber sobre si e saber conviver respeitando os outros, mas também não permitindo ser desrespeitado/a poderiam ser dimensões que contribuíram para o fortalecimento do indivíduo e, conseqüentemente, para os processos de aprendizagens.

Conforme Galeffi (2009, p. 30), “O ser humano também precisa de imagens, afetos, juízos, metáforas e conceitos para formar uma compreensão articulada de sua existência concreta”. Na busca por essa “existência concreta” que nos fala Galeffi (2009), continuei investindo nas aprendizagens acerca do ser e do conviver quando ingressei no Instituto Social da Bahia (ISBA), atuando, primeiro, como Coordenadora Pedagógica das 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental I e, posteriormente, como Orientadora Educacional nas 8ª e 6ª séries do Ensino Fundamental II. Minha atividade estava diretamente ligada ao acompanhamento

dos/as alunos/as no que diz respeito ao rendimento escolar, aos comportamentos e às atitudes, assim como a todos os contatos com as famílias e profissionais que acompanhassem os/as alunos/as.

Cito minhas atuações, porque acredito que o meu interesse pela educação socioemocional na formação de educadores/as vem me acompanhando ao longo da minha jornada profissional, ganhando forma na medida que vou me conscientizando, cada vez mais, de que as emoções fazem parte de tudo na nossa vida. Nesse percurso, para minha alegria, fui tendo acesso a autores que já abordavam, de alguma forma, sobre uma educação humanizada e a necessidade de levar esse conhecimento para as escolas. Autores a exemplo de Dewey, no século XX, já ressaltavam a importância de uma escola que preparasse para os desafios da vida e desenvolvesse atributos humanos para além do desenvolvimento escolar, enfatizando o trabalho cooperativo e o fazer como parte inseparável do aprender. Além de Dewey, Freire, Vigotsky, Morin, Fernandez, Delores, Tardif, Wallon, Gadotti, Maturana, Damásio, Carvalho e outros também dialogam com saberes necessários para um currículo humanizado.

Em 2008, aprovada no concurso público, ingressei na Secretaria Municipal de Educação de Salvador e fui atuar em uma escola no turno noturno como Coordenadora Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos. Foi um período de bastante reflexão na minha atuação profissional, pois dividia o meu trabalho com realidades de alunos/as com classes sociais distintas. Por um lado, o ISBA, uma escola da rede privada, com jovens de classe social média/alta, com todas as condições favoráveis para o melhor desempenho dos processos de ensinar e aprender e, por outro, uma realidade em que não existiam condições favoráveis, desde a estrutura física do prédio até a condição física e emocional dos educandos/as, na sua maioria, trabalhadores/as que chegavam cansados/as de uma jornada de trabalho diária para enfrentar um terceiro turno, desmotivados/as pelo próprio cansaço do corpo.

Começo a vivenciar a teoria de Freire (1977) na prática, quando ele diz que a educação deve ser um processo transformador que permita a cada pessoa alcançar seus sonhos e suas potencialidades. Percebo como o aprender a *ser* e o aprender a conviver têm tanta importância quanto o aprender a aprender e o aprender a fazer, sobretudo na EJA, em que os educandos/as apresentam uma característica de serem jovens, adultos e idosos trabalhadores.

Em 2011, fui aprovada no curso de especialização em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), coordenado pela professora Sandra Marinho. O meu trabalho de conclusão do curso – TCC foi uma experiência inédita, vivenciada com

educandos/as da Escola Municipal Senador Antônio Carlos Magalhães, intitulado *A prática correta da respiração como fator importante para o desenvolvimento da consciência e melhoria dos processos da Educação de Jovens e Adultos*. Desenvolvemos atividades de relaxamento corporal, consciência da respiração, dos pensamentos, dos sentimentos e da importância do viver o aqui e o agora. Essas práticas, realizadas antes das aulas curriculares, promoviam um bem-estar nos educandos/as e, conseqüentemente, geravam maior interesse pelas aulas. Escutando os depoimentos dos/as educandos/as, constatava-se que, de alguma forma, eles/as haviam se beneficiado com as práticas da respiração. A partir das avaliações positivas dos/as educadores/as e dos/as educandos/as que participaram das atividades, alguns questionamentos me instigavam. Será possível desenvolver atividades de consciência corporal com os/as educandos/as e os/as educadores/as da EJA dentro do tempo pedagógico? Será que ter consciência das emoções, reconhecê-las e saber lidar com elas contribuem nos processos de aprender e ensinar dos/as sujeitos/as da EJA? Como contemplar a educação socioemocional nos planejamentos?

Em 2022, concluí a especialização em Neuroeducação. Durante as tentativas de ingressar no mestrado, cursei disciplinas, como aluna especial, na UFBA, a exemplo da Psicologia Escolar e Educacional: perspectiva crítica, com prof.^a Dr.^a Lygia Veiga, e, na UNEB, Fenomenologia e Educação, com a prof.^a Pós-Dr.^a Sueli Sousa Mota, além de Educação, Psicanálise e Subjetividade com a prof.^a Pós-Dr.^a Maria de Lourdes S. Ornelas. Mantive sempre uma proximidade com as questões comportamentais e emocionais, questões do *ser*. Ainda em 2022, para a minha alegria, participo da seleção do Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos – UNEB, referente à Área de Concentração 2 – Formação de Professores e Políticas Públicas, e sou aprovada com o projeto de pesquisa intitulado *Saberes socioemocionais na formação docente no âmbito da Educação de Jovens e Adultos*.

1.2 Vínculos fortalecidos em tempo de pandemia

Tendo em vista que é preciso não apenas criar vínculos, mas fortalecê-los, foi no período da pandemia da COVID 19, com a suspensão das aulas presenciais, que comecei a realizar *lives* para os/as educadores/as, com o objetivo de manter um espaço para compartilhamentos de saberes entre profissionais da Secretaria Municipal de Educação (SMED), sobretudo da EJA, e outros/as. Nesse processo, nomeei esses encontros mensais de *Vozes pela Educação*, abordando por 1h30 um tema voltado para a educação. Percebia que os

temas voltados para as questões socioemocionais tinham um maior número de participantes, assim como maior interação. Inicialmente, era um espaço de escuta e fala sobre as demandas daqueles momentos difíceis da pandemia da Covid-19, envolvendo questões emocionais, dúvidas, incertezas, novas exigências de trabalho e uso das tecnologias. De modo geral, situações desagradáveis afloravam período com mais intensidade por estarmos, todos/as, naquele período, obrigatoriamente, distantes fisicamente. Esse projeto contribuiu para a escrita do Projeto de Mestrado *Saberes socioemocionais na formação docente continuada no âmbito da EJA*.

No ano de 2022, os documentos de orientação institucional para o início das atividades pedagógicas da rede municipal de educação de Salvador, a fim de nortear a Jornada Pedagógica, apresentaram como tema *Acolher, alfabetizar e integrar: a construção de vínculos para recomposição das aprendizagens*. Foi um tema inovador e que abordava a importância dos vínculos e do acolhimento. As escolas foram pegadas de surpresa. Em que momento houve formação continuada para a dupla gestora (gestor/a e coordenador/a pedagógico/a) das escolas do Fundamental I e II, da EJA e dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI), para que eles/as fossem os/as protagonistas no fazer acontecer dessa Jornada Pedagógica? A maioria das/os gestores/as procurou apoio externo para a realização dessa jornada, tendo em vista que esses não se achavam preparados/as para desenvolverem a jornada pedagógica com o tema em questão.

As gestoras e as coordenadoras pedagógicas sabiam do meu interesse pelo tema e, por isso, fui convidada por algumas escolas e CMEIs para realizar vivências e rodas de conversas com as equipes das escolas, atendendo ao tema proposto. Realizei atividades na proposta citada com os/as educadores/as do Centro Municipal de Educação Infantil Pio Bittencourt, do Centro Municipal de Educação Infantil Calabar, do Centro Municipal de Educação Infantil Amaralina, da Escola Municipal Cidade de Jequié – EJA e com os/as gestores/as, coordenadores/as e professores/as da Gerência Regional de Educação Cabula. As vivências tinham como objetivo fortalecer os vínculos a partir de atividades que contribuem para o desenvolvimento da consciência das emoções e dos sentimentos e, conseqüentemente, do autoconhecimento e do autocuidado.

Ao término de cada atividade, no processo de avaliação, recebia retornos dos/as participantes, em que eles/as afirmavam a necessidade de se realizar mais encontros formativos com essa abordagem. Expressavam o bem-estar de que eram acometidos após a participação em tais atividades. Estava claro que as questões socioemocionais não faziam

parte da rotina escolar, das pautas das Atividades Complementares (ACs) nem de qualquer outro encontro formativo. Isso não é uma crítica ao trabalho das coordenadoras pedagógicas, mas são denúncias das lacunas existentes na educação, oriundas da ausência de formação inicial e continuada para professores/as no que se refere à educação socioemocional. Também são anúncios de possibilidades sobre o acesso a tais saberes por parte dos/as educadores/as.

Essas práticas me impulsionaram a criar novas vivências e a procurar entender mais sobre esse saber que não é disponibilizado nos cursos de graduação, exceto nas áreas da Psicologia. Percebe-se que este é um tema fora das formações iniciais e continuadas, o que favorece a invisibilidade da educação socioemocional na EJA. Acerca disso, de acordo com Galvão (1995, p. 39), “As emoções são uma manifestação de natureza paradoxal, a emoção encontra-se na origem da consciência, operando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico”. Nesse sentido, se os/as educadores/as não têm conhecimento nem formação sobre educação socioemocional, como podem entender a zona de intersecção existente entre a cognição e a emoção nos processos do aprender e do ensinar? Como entender que a cognição caminha paralelo à emoção? Será mesmo que o saber lidar com as próprias emoções e o relacionar-se com o grupo social exercem influência positiva nos processos do aprender e do ensinar? Essas, também, foram questões que contribuíram para a realização desta pesquisa.

Foi na Escola Municipal Cidade de Jequié que realizei um maior número de encontros com a participação de professores/as especialistas das áreas de Matemática, Português, História, Geografia, Educação Física, Artes e Espanhol. Realizamos dez encontros com a participação de professores/as da EJA das áreas citadas acima. A receptividade do grupo me incentivou a pensar novas formas de abordar o tema, o que me levou a escrever um projeto que pudesse chegar em outras escolas da EJA, de forma que a formação continuada nessa área pudesse ser iniciada de forma regular. Foi, então, que nasceu o projeto *Conhecimentos socioemocionais na Educação de Jovens e Adultos – CONSEJA*. Infelizmente, esse projeto não foi adiante, porque os encontros com os/as professores/as foram interrompidos, tendo em vista uma nova dinâmica de coordenação pedagógica ter sido instituída na Gerência Regional de Educação Orla, no final do ano de 2022.

Tudo o que aqui escrevo é para dizer que foi a partir dessas diversas experiências e ações, permeadas de sentidos e emoções, que o Projeto de Mestrado *Saberes socioemocionais na formação docente continuada no âmbito da EJA* se constituiu de um corpo com vida e foi aprovado no Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos – PPGEJA. O objetivo

geral desta pesquisa foi investigar as contribuições e as influências dos saberes socioemocionais nos processos de formação continuada dos/as professores/as no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, no contexto da rede municipal de educação de Salvador/BA. Como objetivos específicos, buscou-se analisar aspectos concernentes aos saberes necessários para o desenvolvimento de uma educação socioemocional na formação dos/as professores/as da EJA; realizar encontros formativos com os/as professores/as, a fim de refletir, de forma colaborativa, sobre a importância dos saberes socioemocionais em seus processos formativos; e produzir escritas de cartas pedagógicas com enfoque nos saberes socioemocionais.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de investimentos na formação continuada dos/as educadores/as no âmbito da EJA, mas também pela importância de construção e implementação de novas ações pedagógicas nas escolas que contemplem a educação socioemocional, com suporte aos/as professores/as para que se sintam seguros ao lidarem com as suas questões subjetivas e, conseqüentemente, com as dos/as educandos/as, dentro dos limites oferecidos no espaço escolar. Esses são temas que exercem grande influência nos processos das mediações das aprendizagens, mas ainda há poucas discussões sobre isso no campo da educação. Conforme nos diz Fernandez:

A aprendizagem ocorre através da trama organismo-inteligência-corpo-desejo. É uma trama que embora se expresse em um sujeito particular, é necessariamente constituída e construída no vínculo com o outro. Operam junto com a aprendizagem as emoções, os desejos, os sonhos, ilusões e frustrações, as angústias, as alegrias e sofrimentos do corpo (Fernandez, 1991, p. 70).

Concordando com Fernandez, acredita-se que esta pesquisa segue na perspectiva de contribuir com os/as sujeitos/as da Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Educação de Salvador, tanto com os/as professores/as como com os/as educandos/as, principalmente nas escolas da Gerência Regional de Educação Orla, nas quais trabalho.

1.3 O todo em partes: as seções

Para uma melhor compreensão do formato em que se encontra esta dissertação, apresentamos para o leitor as seções e as subseções, com as suas respectivas abordagens, iniciando pela Introdução. Os registros desta dissertação estão organizados em cinco seções. A primeira seção, dividida em três subseções, intitulada **Um retorno aos “velhos tempos de mim”**, é a introdução, espaço em que reporto as influências positivas do meu contexto

familiar no meu processo de formação pessoal, profissional e de pesquisadora. Sua primeira subseção é **A educação como sentido de vida**, relato do meu percurso realizado como educadora e o desenvolvimento do meu ser, do meu sentir e do meu fazer no caminho da educação socioemocional até a chegada no Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos com a pesquisa *Saberes Socioemocionais na formação docente continuada no âmbito da EJA*, a qual se agrega ao campo das políticas públicas de formação de professores/as. Sua segunda subseção é **Vínculos fortalecidos em tempos de pandemia**, em que relato ações profissionais realizadas no período da pandemia, as quais contribuíram para e com a escrita do projeto de pesquisa. Sua terceira subseção é **O todo em partes: as seções**, na qual apresento de forma sucinta as cinco seções da dissertação.

A segunda seção, demarcada para o registro de uma abordagem acerca da **Educação socioemocional no contexto da EJA**, apresento quatro subseções: 1. Educandos/as da EJA da Escola Municipal Cidade de Jequié; 2. Os saberes socioemocionais denunciam a BNCC; 3. Educação socioemocional no currículo da EJA e 4. Formação continuada de professores/as e educação socioemocional.

A terceira seção, demarcada como **Metodologia: “O importante é que emoções eu vivi”**, está subdividida em 5 subseções. Na primeira, apresento o início de tudo, que chamo de **Experiências prévias: o antes**, subdividida em duas subseções, sendo a primeira **Vozes pela Educação** e a segunda **Conhecimentos socioemocionais na EJA – CONSEJA**. Na segunda subseção, faço uma breve descrição e apresentação do *locus*, **O coração da pesquisa: a Escola Municipal Cidade de Jequié**, apresento o bairro onde a escola está situada, a fim de aproximar o leitor do *locus* da pesquisa. Na terceira subseção, apresento **Quem são os/as colaboradores/as da pesquisa**. Na quarta subseção, denominada **O jeito de fazer acontecer**, apresento a metodologia utilizada durante os quatro encontros realizados com os/as colaboradores/as. Na quinta e última subseção desta seção, **“A emoção começa agora”**: **encontros formativos**, descrevo o processo de desenvolvimento da pesquisa por meio das vivências realizadas com os/as colaboradores/as da pesquisa.

A quarta seção, intitulada **Cartas pedagógicas: o sentir denuncia, a esperança anuncia**, se apresenta com duas subseções. Na primeira subseção, **Cartas pedagógicas: as palavras sentem muito mais**, apresento as produções das cartas pedagógicas, escritas pelos/as colaboradores/as, as quais utilizamos como dispositivo para a produção de dados. A segunda subseção, **O que dizem as cartas: análise dos dados**, prossegue com quatro subseções escolhidas como categorias de análise: 1. Saberes necessários para o

desenvolvimento de uma educação socioemocional; 2. A EJA e o *ser* professor/a; 3. A EJA e o tempo pedagógico; 4. A lacuna do socioemocional na formação do professor/a da EJA.

A quinta seção, a qual nomeio de **(In)conclusão: “A história não tem fim”**, demarcada nesta escrita como a última, será o ponto de partida para a continuidade de futuros estudos, que se darão na sequência de novos e tantos saberes. Reafirmo que este é um caminhar que não se esgotará neste mestrado. Nesta seção, pontuo sobre a provisoriedade dos saberes construídos nesta pesquisa, as inquietações quanto à invisibilidade da educação socioemocional nos espaços educativos, assim como à ausência de formação continuada para os/as professores/as e as expectativas e as observações realizadas pelos/as colaboradores/as nos encontros formativos durante a pesquisa. Posto isso, revisito os objetivos propostos na pesquisa, a fim de registrar o que foi atingido e, ainda, compartilho ações formativas realizadas pela pesquisadora, a convite, em espaços de educação, além da escola *locus* da pesquisa, durante o desenvolvimento do mestrado, o que nos dá indícios de que a pesquisa teve relevância e impactos positivos.

2 EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NO CONTEXTO DA EJA

[...] É preciso salientar que a formação humana necessita de uma concepção integral, cujas capacidades intelectuais de reflexão e pensamento crítico estejam intimamente ligadas ao desenvolvimento e equilíbrio emocional, o autoconhecimento e conhecimento do outro, com a sensibilidade estética e a conscientização corporal (Carvalho, 2013, p. 37).

Esta seção, composta por quatro subseções, está voltada a oferecer, primeiramente, informações para os leitores acerca das/os educandas/dos que estavam matriculadas/os na EJA da escola Cidade de Jequié no período da pesquisa. A segunda subseção apresenta uma crítica à BNCC; a terceira aborda sobre a educação socioemocional no currículo da EJA, seguindo da quarta subseção, que apresenta informações que oportunizam reflexões acerca da formação continuada para professoras/es no âmbito da educação socioemocional.

2.1 Educandos/as da EJA da Escola Municipal Cidade de Jequié

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino utilizada na rede pública no Brasil para a inclusão de jovens, adultos e idosos na educação formal. Em síntese, tem o propósito de desenvolver os ensinos fundamental e médio com qualidade para jovens a partir

de 15 anos, adultos/as e idosos/as que perderam a oportunidade e/ou tiveram, por diversos motivos, seu direito, de ter acesso à escola em idade escolar institucionalizada negligenciado. Vale registrar, aqui, a insuficiência de políticas públicas para verdadeiro acesso, permanência e aprendizagem dos/as sujeitos que se encontram e/ou têm interesse em ingressar na Educação de Jovens e Adultos.

Nesse sentido, parte significativa de pessoas que trabalha com serviços relacionados a atividades informais vinculados ao comércio, ao setor doméstico, à construção civil, a empresas de transporte, de segurança e outros é o/a jovem, adulta/o e/ou idosa/o que, também, movida/o pelo desejo de iniciar os estudos ou continuar estudando procuram uma escola que oferta a EJA e que seja mais próxima de sua residência, no turno noturno. Segundo Oliveira (1999):

O adulto, no âmbito da educação de jovens e adultos, não é o estudante universitário o profissional qualificado que frequentou cursos de formação continuada ou especialização (...) ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta então sistemática, após experiência no trabalho rural na infância na adolescência, que busca a escola tardia para alfabetizar-se ou cursar algumas séries de ensino supletivo (Oliveira, 1999, p. 59).

Concordamos com Oliveira quanto às características dos/as educandos/as da EJA e acrescentamos que, atualmente, tem crescido o número de jovens na faixa etária de 15 anos ou mais, oriundos/as dos segmentos do Fundamental I e Fundamental II de escolas diurnas, por terem sido conservados por mais de dois anos consecutivos no mesmo ano de escolaridade. Também tem se destacado o número de pessoas idosas, acima de 60 anos, retornando para dar continuidade aos estudos interrompidos, e/ou, também, idosos/as iniciando sua experiência com os primeiros acessos à escola por intermédio da EJA.

A Educação de Jovens e Adultos é regulamentada pelo artigo 37, da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB):

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. §1o – Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. §2o – O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (BRASIL, 1996, p. 19).

No município de Salvador, a EJA foi regulamentada no ano de 2007 enquanto modalidade, mediante a Resolução CME nº 11/2007. Desde o ano de 2014, a rede municipal de ensino de Salvador, mediante a resolução CME nº 041/2013, que dispõe sobre a Educação de Jovens e Adultos, tem oferta em dois segmentos: EJA I e EJA II, divididos em Tempos de Aprendizagens I, II, III, IV e V, equivalentes aos nove anos correspondentes ao Ensino Fundamental, com a seguinte organização: EJA I, 1º Segmento da EJA, composta por Tempo de Aprendizagem I (TAP I); Tempo de Aprendizagem II (TAP II), Tempo de Aprendizagem III (TAP III) e EJA MULTI, que são turmas compostas por educandos/as dos TAPs I, II, e III em uma mesma sala. A EJA MULTI surge por determinação do órgão central de agrupar, em uma mesma sala, os/as educandos/as das salas que apresentassem menos de 10 educandos/as. A carga horária total da EJA I é de 2.400 horas, em três anos, com períodos de 200 dias letivos cada. A EJA II, 2º Segmento da EJA, é composta por Tempo de Aprendizagem IV (TAP IV) e Tempo de Aprendizagem V (TAP V), com duração total de 2.000 horas, em dois anos, com períodos de 200 dias letivos cada.

Atualmente, a EJA da Gerência Regional de Educação Orla está composta por oito (8) unidades escolares, número que vem decaindo a cada ano. Vale registrar o fechamento de 43 escolas da EJA da Rede Municipal de Educação de Salvador no ano de 2021, com justificativas do então Secretário de Educação daquele período, Sr. Marcelo Oliveira, de que o número de educandos/as matriculados/as nas escolas não justificava mantê-las funcionando. No momento atual, temos um total de 647 (seiscentos e quarenta e sete) educandas(os) matriculadas(os) nas escolas da Gerência Regional de Educação Orla, distribuídas desta forma: 141 (cento e quarenta e um) educandos/as na EJA I, 411 (quatrocentos e onze) educandos/as na EJA II e 95 (noventa e cinco) educandos/as na EJA MULTI.

No quadro de educandos/as da EJA da Escola Municipal Cidade de Jequié, observa-se um número significativo de mulheres, idosas e negras. A escola possui quatro turmas: 1 turma de EJA MULTI, com 08 educandos/as, 1 turma de TAP IV, com 16 educandos/as e 2 turmas de TAP V, com 51 educandos/as, somando um total de 75 educandos, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 – Quadro dos/as educandos/as da EJA da EMCDJ de acordo com os gêneros

Quadro dos/as educandos/as da EJA da EMCDJ de acordo com os gêneros				
Educandos/as	EJA MULTI	TAP IV	TAP V a	TAP V b
Mulheres	7	14	15	18
Homens	1	02	11	07
Total	8	16	26	25

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações da GRE ORLA – 2024

De acordo com a 6ª Conferência Internacional de Jovens e Adultos – VI CONFINTEA, evento internacional que aconteceu em Belém do Pará, entre 1 e 4 de dezembro de 2009, a Educação de Jovens e Adultos é reconhecida como um componente essencial do direito à educação e é preciso, com urgência, traçar um novo curso de ação para que todos os jovens e adultos possam ter esse direito garantido.

A respeito da EJA na Escola Municipal Cidade de Jequié, destaca-se a equipe de educadoras/es envolvida e comprometida em desenvolver atividades instigantes e motivadoras com os/as educandos/as, ações que contribuem para a permanência desses/as educandos/as, que também apresentam um interesse em estarem na escola aprendendo e relacionando-se com os colegas e os/as professores/as. Nessa ótica, Carvalho (2009) contribui para a discussão com o seu pensar:

Nessa perspectiva, as instituições de ensino buscam, a partir das suas realidades sociais, caminhos e alternativas que tornem a vivência escolar uma experiência que suscite no indivíduo, não apenas o contato com o conhecimento nas diversas áreas do currículo, mas o prazer de estar em contato com tais conhecimentos, fortalecendo a reflexão coletiva de temas atuais, a troca de experiências entre os sujeitos no processo de ensino-aprendizagem. Enfim, tornar vivo o espaço escolar, em que os sujeitos se coloquem enquanto agentes transformadores de si em suas perspectivas e leituras críticas sobre o mundo e, em consequência, agentes transformadores de sua realidade social (Carvalho, 2009, p. 52).

Concordando com Carvalho (2009), é a partir desse espaço reflexivo, em que os sujeitos se percebem “agentes transformadores de si”, que a escola se torna viva e convidativa para os/as educandos/as nela estarem. Ainda que a questão da faixa etária dos/as educandos/as seja diversa, de maneira que encontramos, na escola e na mesma sala de aula, o jovem, o adulto e o idoso, observa-se a grande maioria desses educandos/as colocando o desejo de aprender acima das dificuldades do dia a dia que muitos/as passam para vencer os obstáculos que enfrentam para a sua permanência na escola, enfrentando os dispositivos que distanciam

esses sujeitos da escola, a começar, muitas vezes, pela localização geográfica de suas residências. É possível perceber os/as educandos/as na busca por dias melhores, a partir da educação, com acesso e proximidade da leitura e da escrita, enfrentando barreiras para aprender a ler e escrever, o que, para muitos, ainda é um grande desafio a ser vencido.

Quando desenvolvemos saberes relacionados à autoconsciência, ao autoconhecimento e ao autocuidado, passamos a nos conhecer mais. Esses aprendizados impulsionam o indivíduo a fazer escolhas mais próximas daquilo que se acredita ser melhor para cada um/a, além de procurar estratégias que os levem no caminho dos seus objetivos. Entendendo o funcionamento da EJA, a composição docente da escola em questão e o comprometimento dos/das educadores/as durante as atividades, podemos dizer que os/as educandos/as da EJA da Escola Municipal Cidade de Jequié são bem mediados/as pelos/as professore/as nos processos de aprendizagens.

2.2 Os saberes socioemocionais denunciam a BNCC

Nessa caminhada de sentidos e emoções, acompanhei, de longe, em 2018, a homologação pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento previsto na Constituição Brasileira de 1988.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (Brasil, 2018, p. 1).

O documento, que se refere poucas vezes à EJA e apresenta dez competências para serem desenvolvidas com os/as educandos/as, aborda a necessidade de os/as educadores/as saberem desenvolver atividades que contemplem as dez competências. Pretende-se, aqui, se ater às competências de número oito, nove e dez, que estão, basicamente, voltadas para a educação socioemocional. Em síntese, respectivamente, de acordo com a BNCC (Brasil, 2018), essas competências tratam de cuidar da própria saúde física e emocional, dialogar e resolver conflitos sem preconceitos de qualquer natureza e agir com autonomia, tomando decisões de acordo com princípios éticos.

Entretanto, sabemos que esses saberes não estão nos currículos das graduações dos/as educadores/as e que se faz necessário trazê-los para a pauta de formação de professores/as. A partir das palavras de, Carvalho (2013) podemos refletir sobre tal necessidade:

É preciso compreender que mudanças são bem vindas no que diz respeito a um possível modelo de Educação no qual o sorriso, a emoção, as atividades corporais, os momentos de ludicidade estejam disponíveis não apenas nas aulas de Arte ou Educação Física, que em geral possuem uma carga horária inferior, mas também sejam contempladas nas outras disciplinas para as quais o sistema educacional investe mais tempo e mais recursos didáticos. (Carvalho, 2013, p. 29).

Partindo do que nos diz Carvalho (2013), as mudanças para uma educação que reconheça as emoções são bem-aceitas e devem ser ampliadas para serem contempladas nas diversas áreas de conhecimento. O problema da minha pesquisa está norteado na ausência de formação continuada para professores/as da EJA acerca dos saberes socioemocionais. Como os educadores/as podem sentir-se seguros para realizarem atividades que promovam o desenvolvimento de saberes socioemocionais se eles/as não tiveram formação inicial e não têm formação continuada para desenvolverem esses saberes? Em se tratando de professores/as especialistas, a situação torna-se mais grave, tendo em vista que a educação socioemocional não é contemplada nas ementas dos componentes curriculares das suas graduações.

Faz-se necessário pontuar que o documento da BNCC atende a uma educação neoliberal e, portanto, distancia-se da proposta desta pesquisa, que entende o autoconhecimento e o reconhecimento das emoções e dos sentimentos como forma de saber lidar, prevenir e afastar situações que possam contribuir para adoecimentos, a exemplo da Síndrome de *burnout*, também conhecida por Síndrome do esgotamento profissional, tão corriqueira no grupo de educadores/as nos últimos anos.

Não se trata de propor aos educadores/as formação por discursos sedutores, prometendo a melhoria na educação e no processo das mediações de aprendizagens, apenas a partir dos saberes socioemocionais. Também não se trata de fazer propaganda enganosa de que os saberes socioemocionais podem resolver as mazelas da educação e da sociedade. Tampouco se trata de propagar que a educação socioemocional deixa as pessoas apáticas e inacessíveis ao “mal-estar da civilização”, discutido por Freud (1929). De acordo com Freire *apud* Block e Rausch:

Os saberes docentes perpassam pelo campo das emoções e da ética profissional. O saber da docência não se constitui apenas com conhecimentos de origem científica e pedagógica, mas sim, conforme Freire (2009), torna imprescindível que o professor

se reconheça como um ser pensante, dotado de interesses e movido por questionamentos que impulsionem sua fala de modo que esta se torne um aprendizado de escuta. Para o autor, a educação é um processo de humanização e, por isto, os alunos, seres humanos, suscitam no professor, em decorrência da relação e dos vínculos estabelecidos no âmbito da sala de aula, um autoconhecimento, um saber sobre si mesmo que pode resultar em um saber lidar melhor com suas formas de ensinar. Freire (2009) enfatiza que professor e aluno são sujeitos produtores de saberes, onde um influencia e deixa marcas no saber construído pelo outro (Freire *apud* Block; Rausch, 2014, p. 251).

A proposta da educação socioemocional é, também, possibilitar que os/as educadores/as tenham consciência das suas potencialidades emocionais e sentimentais, valorizando o ser, assim como das suas possibilidades e dos seus limites no papel de educador/a, com clareza daquilo que é possível e não é possível na sua atuação, evitando autocobranças. Não se trata de naturalizar as dificuldades do dia a dia de educadores/as e educandos/as, tampouco de normatizar os conflitos sociais instaurados dentro e fora das escolas. Trata-se de fortalecer os educadores/as a partir do reconhecimento e do entendimento das emoções, do saber reconhecer a origem delas e do poder modular os encaminhamentos que podem vir a partir dos sentimentos e dos pensamentos, em uma proposta de educação libertadora e esperançosa no sentido do esperar freireano. Segundo Freire (2000):

Por isso que toda prática educativa libertadora, valorizando o exercício da vontade, da decisão, da resistência, da escolha; o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, dos limites; a importância da consciência na história, o sentido ético da presença humana no mundo, a compreensão da história como possibilidade jamais como determinação, é substantivamente esperançosa e, por isso mesmo, provocadora da esperança (Freire, 2000, p. 23).

Para Saviani (2001), a BNCC vem na contramão das aspirações educacionais da população e das lutas em que vêm se empenhando os movimentos dos educadores desde a Constituição de 1988. Portanto, a BNCC e a pesquisa *Saberes socioemocionais na formação docente continuada no âmbito da EJA* caminham em lados opostos, com diferentes propostas. Ainda, Saviani nos diz:

Mas foi com base no referido modelo, que fracassou nos Estados Unidos, que o grupo que assumiu o governo brasileiro em consequência do golpe de 2016 veio propor a BNCC no âmbito de uma tendência a subordinar inteiramente a educação aos mecanismos de mercado (Saviani, 2021, p. 17).

A proposta da educação socioemocional na formação continuada dos/as professores/as está na via da autoconsciência e do reconhecimento de que somos movidos por emoções e que, muitas vezes, temos dificuldades de identificá-las e nomeá-las, o mínimo para nos fortalecermos naquilo que gostamos e não gostamos, no que nos faz nos sentirmos bem ou

não, dispositivos importantes tanto para a vida pessoal quanto profissional. Não se trata de acatar e dizer sim aos desrespeitos, às opressões e às violências em prol da calma e da paciência. A consciência nos fortalece para realizar os devidos questionamentos e ir em busca pela garantia dos nossos direitos. Não se trata de adaptar-se, conforme nos diz Freire, à vida feliz das gentes:

Servir à ordem dominante é o que fazem hoje intelectuais ontem progressistas que, negando à prática educativa qualquer intenção desveladora, a reduzem à pura transferência de conteúdos considerados como suficientes para a vida feliz das gentes. E a vida feliz é aquela que se vive na *adaptação* ao mundo sem raivas, sem protestos, sem sonhos de transformação (Freire, 2015, p. 35).

Sendo assim, o que se propõe é o fortalecimento emocional para que essa dimensão possa reverberar em outras, física e mental, podendo esse comportamento ser um dispositivo de tomada de consciência e, conseqüentemente, de fortalecimento de identidades, reconhecimento de direitos e clareza do pensar, sentir e agir, o que poderá repercutir, de forma positiva, na construção dos vínculos entre educadores/as e educandos/as, nas mediações de aprendizagens e na relação com toda comunidade escolar. Sobre consciência e emoção, Damásio (1996) afirma:

Não creio que o conhecimento das emoções nos torne menos interessados na verificação empírica. Pelo contrário, o maior conhecimento da fisiologia da emoção e da sensação pode tornar-nos mais conscientes das armadilhas da observação científica. A formulação por mim apresentada não diminui nossa determinação em controlar as circunstâncias externas em proveito dos indivíduos e da sociedade, ou nossa vontade de desenvolver, inventar ou aperfeiçoar os instrumentos culturais com que podemos melhorar o mundo: a ética, o direito, a arte, a ciência, a tecnologia. Nada na minha formulação leva a que se aceitem as coisas tal como são ou estão (Damásio, 1996, p. 277).

Logo, a partir das afirmações dos autores acima, é possível entender os benefícios dos saberes socioemocionais para a tomada de consciência de direitos e estratégias para defendê-los.

Não quero aqui propagar a BNCC com aplausos ao que se propõe o documento. Tenho um posicionamento crítico sobre ele. Proponho-me a compreender sobre a educação socioemocional, os ganhos que nós, sujeitos da educação, podemos ter nos apropriando desses saberes. A proposta apresentada pelo documento oficial da BNCC deveria atender às necessidades e às especificidades em contextos em que se atendem sujeitos historicamente excluídos do acesso aos bens sociais, culturais, políticos e econômicos. São muitos os desafios enfrentados pelos sujeitos da EJA, sejam educadores/as, sejam educandos/as. Possivelmente, o maior dos desafios é compreender e respeitar as especificidades e as

identidades no universo de jovens, adultos e idosos aprendentes, cujo direito humano à educação foi negado durante décadas.

É importante se entender a necessidade de um investimento na formação continuada dos professores/as e de se ter um currículo que atenda às demandas de uma educação pautada na condição humana e no socioemocional, não para fortalecer uma proposta de educação neoliberal, que não tem interesse na evolução da educação, mas para possibilitar o desenvolvimento de uma autoconsciência dos professores/as e, em efeito, dos educandos/as. Falo do lugar de educadora que defende as/os educandas/os da EJA, exploradas/os e sem direitos, assim como defendo o direito a um ambiente de trabalho saudável, com condições respeitadas e que valorize o bem-estar e a saúde do/a professor/a e de todos/as envolvidos/as na comunidade escolar.

No livro de Paulo Freire *Professora, sim: tia não* (1993), o autor atribui à segunda carta pedagógica da obra o título “Não deixe que o medo do difícil paralise você”. Para o autor, somos uma inteireza, de modo que cognição e emoção não se dissociam. Em suas palavras Freire (1993, p. 29) aproxima-se do socioemocional: “O que eu sei, sei com meu corpo inteiro: com minha mente crítica, mas também com meus sentimentos, com minhas intuições, com minhas emoções”. Isso é educação socioemocional: sentir, pensar e agir de forma consciente são saberes socioemocionais.

Freire (2015) nos diz que somos seres no mundo, com o mundo e com os outros, por isso, somos seres da transformação e não da adaptação ao mundo. A percepção adotada nesta pesquisa, que apresenta os saberes socioemocionais como dispositivos para uma emancipação do ser profissional, a partir do fortalecimento da atuação pedagógica aproxima-se do pensamento do autor, pois possibilita tomada de decisões conscientes, reconhecendo as atribuições de professor/a, sabendo identificar, inclusive, o que é de responsabilidade do/a educando/a, da escola, da família e, sobretudo, do Estado — por meio de políticas públicas. O que isenta o profissional educador/a de autocobranças e de sentimentos desagradáveis, a exemplo de sentir-se incapaz frente às demandas que lhes são impostas sem a devida condição de serem realizadas.

2.3 Educação socioemocional no currículo da EJA

O currículo escolar é o cerne dos processos de ensino e aprendizagem, articulando conhecimentos, habilidades e ações imprescindíveis para o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos no ensinar e no aprender. Para Arroyo (2013, p. 17), currículo é “[...] um território político de disputas, quanto às suas estruturas e seus ordenamentos, mais que objetos de indagações e mais do que veículo em movimento”. E Macedo (2010) nos fala de um currículo sendo um lugar de emergência de alterações mútuas e, portanto, de intimidades em negociações. Para Costa (2020, p. 100), “[...] o currículo historicamente assume um papel imprescindível no contexto das indagações sobre o que é importante se formar e ensinar nas escolas”. A autora (2020, p. 100) destaca, ainda, que “A atuação do professor é fundamental na implementação desse currículo, a partir de seus valores e concepções”.

Sendo assim, corroborando os pensamentos dos/a autores/a citados/a acima, entendemos que, para as instituições de ensino acompanharem, plenamente, as demandas de uma sociedade em constante evolução, é crucial que os currículos contemplem, também e prioritariamente, saberes da condição humana, respeitando o ser de quem ensina e o ser de quem aprende. Para tanto, é necessário que os currículos estabeleçam prioridade em ações de respeito e fortalecimento dos vínculos entre educandos/as e educadores/as, a fim de valorizar e implementar relações de confiança, respeito e sentimento de pertencimento. Conforme nos diz Carvalho (2009):

[...] nesse conflituoso universo escolar, onde, na maioria das vezes, as diferenças, sejam elas culturais, econômicas ou religiosas, são toleradas quando deveriam ser acolhidas; onde os sentimentos são ignorados, as vozes silenciadas, as emoções são sufocadas, o corpo é esquecido e o autoritarismo é exercido, constantemente, sem que haja espaço para o diálogo e para a troca de experiências interculturais. É nessa perspectiva que uma educação escolar, que valoriza o sujeito, suas criações e sentimentos, pode contribuir na formação de uma sociedade mais justa e humana (Carvalho, 2009, p. 52).

Pensar e falar de currículo escolar é refletir sobre os conteúdos dos saberes necessários e essenciais que devem constar nos documentos orientadores dos processos de aprendizagem. É refletir sobre o conhecimento a ser transmitido, mas também sobre habilidades acerca desse conhecimento e das ações que podem ser realizadas a partir desses saberes. Uma das responsabilidades das instituições de ensino deve ser a de priorizar os conteúdos de forma igualitária, nas dimensões do ser, do fazer, do aprender e do conviver, em equilíbrio com as

mudanças que ocorrem no mundo, desde o que foi planejado até os saberes oriundos de situações inesperadas, das incertezas da vida, que é uma certeza, como nos diz Morin (2000):

A história humana foi e continua a ser uma aventura desconhecida. Grande conquista da inteligência seria poder enfim se libertar da ilusão de prever o destino humano. O futuro permanece aberto e imprevisível [...] O futuro chama-se incerteza. (Morin, 2000, p. 76).

Partindo dos pressupostos de Morin (2000) acerca da complexidade humana, os currículos escolares necessitam atender a uma demanda até então não priorizada, a exemplo das emoções. É preciso implementar um currículo que desenvolva e fortaleça, nos/as sujeitos/as, atores e atrizes dos processos do ensinar e do aprender, saberes socioemocionais que possam contribuir não só com a cognição mas, acima de tudo, com a emoção desses atores.

O direito à educação atravessa o currículo existente na escola. Não é comum encontrar um currículo escolar que contemple a educação socioemocional, que aborde os conteúdos dos saberes socioemocionais como prioritários. Também não faz parte da formação continuada para os/as educadores/as a abordagem desses conteúdos. Em documentos da Secretaria de Educação de Salvador, ainda quando se chamava SEJA – Segmento da Educação de Jovens e Adultos, a proposta Político-Pedagógica (2011) ressaltava que:

Nesse contexto social e da educação em geral, a EJA, compreendida numa perspectiva diferenciada do ensino regular tradicional, tanto pela trajetória pessoal e profissional, quanto pelas demandas pessoais e sociais dos sujeitos, pressupõe uma prática docente que possibilite aos educandos desenvolverem a criticidade e a autonomia na própria ação educativa, de forma que seja possível utilizá-la nas práticas sociais, em diferentes formas e situações que demandam reconstruções e transformações. A escola que trabalha com jovens e adultos deve atentar para a superação da escola fragmentada, dividida em disciplinas e grades curriculares, distante da vida dos educandos (Projeto Político Pedagógico da Educação de Jovens e Adultos - Rede Municipal de Ensino de Salvador, 2011, p. 27).

Apesar de a escola fragmentar os conteúdos, compartimentando os componentes curriculares — Português, História, Geografia, Artes, Matemática, Ciências —, não se ensina sobre a condição humana, sobre o ser integral. Sobre isso, Morin (2001) nos diz:

O ser humano é, a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. [...] desse modo, a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino. (Morin, 2001, p. 6).

Reafirmando o que defende Morin (2001), de forma similar, a educação socioemocional deveria ser objeto essencial em todo ensino, pois tem relação direta com nossos sentimentos, nossas emoções e nossa natureza, exercendo influências diretas no nosso corpo físico, que pode adoecer por situações de estresse, causado pela falta de conhecimento e modulação das emoções. De acordo com Barrett (2013):

Sem energia suficiente, nem as células do sistema imunológico nem seus produtos bioquímicos podem nos proteger contra infecções. Se houver ATP insuficiente no cérebro, o humor e a habilidade mental ficarão prejudicados. Havendo um excesso do hormônio de estresse (cortisol), os ossos, o coração, e as vísceras sofrerão. Em outras palavras, o estresse a longo prazo nos esgota (Barrett, 2013, p. 140).

Como bem afirma a autora, o estresse está diretamente ligado ao esgotamento físico das pessoas. Em que momento a escola ensina sobre sentimentos, emoções, autoconsciência e autoconhecimento? A escola deve ser um espaço de construção de novos saberes, novas formas de ensinar, desenvolvendo a consciência na promoção do autoconhecimento, que pode ser a partir do físico, mental e emocional. Sentimentos como a vulnerabilidade, o medo e a tristeza são subestimados no dia a dia nos inúmeros espaços que ocupamos, seja porque não se sabe lidar com isso, seja porque vivemos em uma sociedade em que somente a alegria e a coragem são valorizadas. Prefiro afirmar que não se ensina e pouco se sabe sobre afetividade, emoções e sentimentos nos espaços educativos. Segundo Maturana (1998):

Vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções em função de uma supervalorização da razão, num desejo de dizer que nós, os humanos, nos distinguimos dos outros animais por sermos seres racionais. Mas acontece que somos mamíferos e, como tais, somos animais que vivem na emoção. As emoções não são algo que obscurece o entendimento, não são restrições da razão: as emoções são dinâmicas corporais que especificam os domínios de ação em que nos movemos. Uma mudança emocional implica uma mudança de domínio de ação. Nada nos ocorre, nada fazemos que não esteja definido como uma ação de um certo tipo por uma emoção que a torna possível (Maturana, 1998, p. 89).

Partindo do pressuposto de Maturana, uma boa saúde emocional pode nos ajudar a vivenciar, com mais sabedoria, as vicissitudes e os desafios que encontramos na educação, na vida e em situações inesperadas. Reconhecer e nomear nossas emoções quando elas se apresentam não é tarefa fácil, sobretudo porque não nos ensinaram a conhecê-las, e sim a suprimi-las. Quando começamos a entender cada sentimento e olhar diretamente para como nos sentimos, temos a oportunidade de decidir o que fazer com isso. Isso é autoconhecimento. De acordo com Damásio (2015), existe uma diferença entre emoção e sentimento:

A emoção é um programa de ações, portanto, é uma coisa que se desenrola com ações sucessivas. É uma espécie de concerto de ações. Não tem nada a ver com o

que se passa na mente. É espoletada pela mente, mas acontece com ações que acontecem dentro do corpo, nos músculos, coração, pulmões, nas reações endócrinas. Sentimentos são, por definição, a experiência mental que temos do que se passa no corpo. É o mundo que se segue à emoção (Damásio, 2015, p. 1).

A partir das explicações de Damásio e associando a discussão com a educação, entendemos a importância da educação socioemocional, pois essa envolve os processos de ensino e aprendizagem, na perspectiva da importância do investimento em conhecimentos do aprender a ser e aprender a conviver, desenvolvendo saberes que contribuem no gerenciamento dos nossos próprios comportamentos e emoções, possibilitando a convivência com relacionamentos respeitosos e saudáveis, tão importantes para um bem viver.

Os currículos escolares, sobretudo da EJA, podem ter como proposta saberes, a exemplo do autoconhecimento, que se desdobram em vários outros saberes, como conhecer-se a partir dos pontos fortes e das vulnerabilidades; ser capaz de reconhecer as emoções e os comportamentos, a fim de alcançar objetivos pré definidos; perceber sinais de estresse; saber mediar conflitos, adquirir comunicação clara e eficaz, entender sobre empatia, praticar escuta ativa, trabalhar de modo cooperativo; optar por caminhos construtivos, responsáveis e seguros, que levem em consideração todas as necessidades envolvidas; compreender, respeitar e valorizar as diferenças de raça, gênero, religião, cultura, entre outras. Pensar e agir de maneira crítica e ética.

Nesse contexto, os jovens, adultos e idosos que frequentam a escola no turno noturno, na grande maioria, chegam na escola após oito horas diárias de trabalho árduo. Cansados fisicamente, cansados mentalmente, muitos vivenciando situações conflituosas nas comunidades onde moram, portanto, com demandas emocionais, nem sempre sabem lidar com essas situações. A educação socioemocional pode contribuir para que os educadores/as tenham escuta e olhar sensível para seus educandos/as, podendo ser motivadores/as para esse caminhar que, muitas vezes, se torna desmotivador pela dureza de uma vida cansada, imposta por uma sociedade desigual, que retira inúmeros direitos, já no nascimento, de muitos sujeitos que estão na EJA. A educação socioemocional não irá resolver as diferenças, as injustiças e as desigualdades da sociedade, mas pode ser o início de um trabalho de autoconhecimento, ponto de partida para desenvolvimento de consciências que ajudam no caminho do reconhecimento de seus direitos.

O conceito de educação e o papel do/a professor/a vêm mudando no processo histórico, mas não estamos muito distantes de um tempo em que o/a professor/a era tido como

o detentor e transmissor do conhecimento, assim como o/a estudante, de forma passiva, recebia esse conhecimento. Os conteúdos conceituais dos componentes curriculares estiveram sempre em destaque nos planejamentos das aulas, pois o que importava para a escola, e ainda vemos isso se perpetuando, era o aprendizado dos conceitos, valorizando, assim, a cognição sem investimentos nas aprendizagens relacionadas à emoção. Frente a isso, Freire (1996) nos diz, no seu livro *Pedagogia da autonomia*:

É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender (Freire, 1996, p. 23).

Assim, podemos entender que a educação socioemocional é parte importante na formação de pessoas envolvidas com a educação, logo, precisa estar contemplada nos currículos escolares, sobretudo no currículo da Educação de Jovens e Adultos, na perspectiva da afetividade. A busca por uma educação pautada no respeito, reconhecendo que somos todos/as seres do pensar, do sentir e do agir, não se esgota, pois é um trabalho que deve ser instituído e manter-se contínuo. Isso é educação socioemocional. Reforçando esse pensamento e entendimento, Del Prette (2005) articula que:

Os produtos desejáveis da educação escolar não se restringem a assimilação de conteúdos e competências acadêmicas, mas incluem valores e habilidades de convivência que, certamente, não são adquiridos meramente por instrução, requerendo novas metodologias e, também, uma atitude proativa por parte da instituição escolar (Del Prette, 2005, p. 239).

Uma de tantas coisas importantes que a educação socioemocional promove é nos sintonizar com os nossos sentimentos, possibilitando reconhecê-los e nomeá-los, assim como entender e saber lidar com eles. O que vemos, na citação de Del Prette, é a denúncia da invisibilidade das questões socioemocionais nas salas de aula. O bem-estar psicológico do indivíduo está associado ao desenvolvimento socioemocional. Quanto mais se reconhece as emoções, melhor entendimento se tem sobre os efeitos dos afetos no corpo. Por isso, o desenvolvimento do autoconhecimento é uma excelente estratégia para o fortalecimento da autoestima e, por conseguinte, da modulação das emoções. Portanto, é sempre bom lembrar que a educação socioemocional é um forte indicador do desempenho escolar, não sendo diferente na Educação de Jovens e Adultos. De acordo com Dantas (1992):

A emoção traz consigo a tendência para reduzir a eficácia do funcionamento cognitivo; neste sentido ela é regressiva. Mas a qualidade final do comportamento do qual ela está na origem dependerá da capacidade cortical para retomar o controle da situação. Se ele for bem-sucedido, soluções inteligentes serão mais facilmente encontradas, e neste caso a emoção, embora sem dúvida não desapareça completamente, se reduzirá (Dantas, 1992, p. 88).

A partir da segunda década do século vinte e dos estudos da aprendizagem e da psicologia do desenvolvimento, o estudante passa a ser o centro dos processos de ensino e aprendizagem, de forma que o professor passa a ser um mediador, respeita os conhecimentos prévios dos alunos, reconhece a importância do cotidiano e do contexto dos alunos, tendo em vista que a interação é reconhecida como importante para o processo de aprendizagem. Sobre isso, Freire (1996, p. 19) vem nos lembrar: “Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar”. Ainda, os autores Amorim, Santos e Castañeda dissertam:

[...] O diálogo e a participação são atitudes humanas imprescindíveis para a inovação da gestão dos saberes escolares. A inovação, como produto de uma prática humana significativa, não pode ocorrer em uma esfera abstrata, deslocada da vida dos sujeitos, e, no caso da educação, dos estudantes, dos professores e dos gestores. [...] Esse construto requer o fomento de redes que envolvam indivíduos e escola em prol da defesa dos valores essenciais da gestão democrática, como os de equidade, respeito aos direitos humanos, à diversidade cultural, justiça, liberdade, diálogo, solidariedade e participação cidadã (Amorim; Santos; Castañeda, 2012, p. 124).

A educação socioemocional vê o indivíduo em todos os seus aspectos, como um ser integral, valorizando o pensar, o sentir e o agir em uma mesma proporcionalidade. Ela trabalha com a organização do indivíduo, as autogestões, a criatividade, a empatia e a resiliência. Quando o professor/a desenvolve os saberes socioemocionais, ele impacta positivamente, com seu comportamento, a formação do/a educando/a, por meio das suas ações. Posto isso, reforçamos a importância de a educação socioemocional estar nos currículos escolares da EJA, tendo em vista a influência direta que essa acarreta tanto nos processos do aprender quanto nos processos do ensinar.

2.4 Formação continuada de professores/as e educação socioemocional

A formação inicial e continuada do docente, assegurada pela LDBEN, Lei nº 9.394/96, artigo 62, ainda precisa de avanços para que o que está escrito saia dos documentos e caminhe chegando aos espaços educativos da EJA. Essa é uma demanda da educação que precisa ter

investimentos em curto espaço de tempo, já havendo décadas que autores renomados pontuam essa necessidade e o que vemos são poucos ou quase nenhum investimento de formação inicial e continuada, sobretudo na área dos saberes socioemocionais.

Em 1995, há exatamente 29 anos, Daniel Goleman lançava seu livro *Inteligência Emocional* — a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. No livro, o autor ressalta a importância da educação emocional nas escolas, comprovando que o ensino das habilidades emocionais deve ser tão importante quanto o ensino das habilidades acadêmicas. Os ensinamentos do autor influenciaram e provocaram mudanças nas políticas educacionais em vários países, provocando um olhar mais direcionado para a educação emocional nas salas de aula. Para Goleman (1995), a inteligência emocional é a capacidade que uma pessoa tem de gerenciar seus sentimentos, a fim de que eles sejam expressados de forma apropriada, eficaz e consciente. O autor apresenta 5 pilares da inteligência emocional: autoconsciência, controle de impulsos, empatia, habilidade social e automotivação.

Na realidade, exige-se do/a professor/a o domínio dos conteúdos da sua disciplina e, nas poucas formações continuadas oferecidas aos educadores/as, não são contemplados os saberes socioemocionais. Será que se acredita que todos/as os/as profissionais da educação já possuem o domínio sobre tais saberes? Acontece que esses saberes não são inatos e precisam ser ensinados e aprendidos. Segundo Tardif (2017) a questão do saber está ligada, assim, à dos poderes e regras mobilizados pelos atores sociais na interação concreta. Ela também está ligada a interrogações relativas aos valores, à ética e às tecnologias da interação”.

Com isso, novas exigências passam a fazer parte da atuação do ser professor/a. Entender e acolher a diversidade, estar aberto ao novo e às mudanças, ser colaborativo com a comunidade escolar e apropriar-se da educação socioemocional são saberes que irão contribuir para o desenvolvimento das habilidades que auxiliam o professor/a nas suas diversas ações pedagógicas. Nesse viés, o/a professor/a pode ser um/a influenciador/a do aprendizado e do desenvolvimento acadêmico do educando/a, por meio das suas atitudes, tendo em vista que se aprende mais por exemplos.

A forma com que os/as professores/as conseguem lidar com as suas emoções servirá de exemplo para os estudantes. Isso ajuda tanto no desempenho acadêmico como nas questões socioemocionais dos/as educandos/as. Quando os/as professores/as têm mais conhecimento sobre suas emoções, eles/as entendem melhor os/as educandos/as. Reconhecer os saberes socioemocionais e o que precisamos desenvolver é essencial. Esse é um aprendizado que deve

fazer parte da formação docente inicial e da formação continuada dos/as educadores/as, através de política de Estado. De acordo com Del Prette (2005):

A competência social é a capacidade de articular pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demandas da situação e da cultura, gerando consequências positivas para o indivíduo e para a sua relação com as demais pessoas (Del Prette, 2005, p. 35).

Os saberes socioemocionais não são inatos e requerem aprendizagem, entendimento e prática constante no exercício de quem aprende, posto que é preciso se aprimorar para, a partir disso, poder ser multiplicador/a desse saber. Dessa maneira, educação socioemocional não pode ser ensinada somente com conceitos, sendo necessário vivenciar, experienciar e praticar.

3. METODOLOGIA – “O IMPORTANTE É QUE EMOÇÕES EU VIVI”

Esta seção está subdividida em cinco subseções, a saber, **Experiências prévias: o antes**, relato aqui ações e experiências que antecederam e contribuíram para a escrita do Projeto de pesquisa. Em seguida, **O coração da pesquisa: a Escola Municipal Cidade de Jequié**, onde apresento o bairro da Federação, localização da escola, a fim de aproximar o leitor do *locus* desta pesquisa, seguindo da apresentação de **Quem são os/as colaboradores/as**, que deram vida à pesquisa. Na continuidade **O jeito de fazer acontecer**, apresentando a metodologia, e em seguida “**A emoção começa agora**”: **encontros formativos**, onde apresento as vivências realizadas durante os quatro encontros com os/as colaboradores/as, a utilização do questionário sobre saberes socioemocionais e a produção das cartas pedagógicas, pelos/as colaboradores/as, as quais foram utilizadas como dispositivo para análise de dados.

3.1 Experiências prévias: o antes

Todo depois tem um antes, e todo antes é sempre alcançado através de outra coisa, que tem em si igualmente um antes e um depois. Essa evocação jocosa apresenta o caráter histórico e vivo de toda pesquisa dita científica, assim como de todo processo natural e humano, o que requer previamente uma localização histórica específica, aquela da gênese e estado atual da ciência qualitativa e suas relações de identidade e diferença com a ciência quantitativa (Galeffi, 2009, p. 14).

Concordando com Galeffi (2009), apresentamos, aqui, ações e experiências que antecederam e contribuíram para o nascer da pesquisa *Saberes socioemocionais na formação*

docente continuada no âmbito da EJA. Algo que precisamos levar para as escolas como conteúdo essencial é o saber lidar com o inesperado, como diz Morin (2001). Situações imprevistas requerem de nós novas posturas, com responsabilidade, criatividade e, acima de tudo, equilíbrio para modular nossas emoções. De acordo com Freire (1982), a educação é uma forma de transformação da realidade, não sendo neutra nem indiferente. A/o educadora/o deve assumir-se como um ser histórico e social, que pensa, critica, opina, sonha, se comunica e sugere.

Nesse sentido, pensando em estratégias que possibilitassem uma aproximação com os/as educadores/as, os/as educandos/as e a comunidade escolar em um contexto de pandemia mundial, de distanciamento físico, nasce um projeto com o nome *Vozes pela Educação*. Naquele momento de pandemia, fez-se necessário pensar e colocar em prática ações diferenciadas que amenizassem o distanciamento físico. Idealizado por mim, na Gerência Regional de Educação Orla, o projeto foi pensado para atender aos/às educadores/as das diversas áreas de conhecimento e segmentos da Secretaria Municipal de Educação de Salvador, especialmente para os/as educadores/as da Educação de Jovens e Adultos.

3.1.1 Vozes pela Educação

O projeto reuniu, de forma *on-line*, educadores/as, pais e interessados/as pela educação, não só de Salvador, mas também de outras cidades da Bahia e outros estados, como Rio de Janeiro, São Paulo e Ceará. A partir dos temas definidos, com a contribuição e a sugestão dos participantes, refletíamos acerca das novas demandas dos processos do aprender e do ensinar nas suas diversas dimensões, afetivas, sociais, emocionais e cognitivas. Ecoavam vozes de saberes e, também, de dúvidas, questionamentos e indignação sobre as circunstâncias globais daquele período, em particular, sobre a educação. Educação exige ação, reflexão, ação e, sobre isso, Freire (1996) alerta:

Estar no mundo sem história, sem por ela ser feito, sem cultura, sem "tratar" sua própria presença no mundo, sem sonhar sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível (Freire, 1996, p. 34).

Partindo das palavras de Freire e entendendo o papel de educador/a como agente transformador/a de um mundo mais reflexivo e humano, fez-se necessário assumir

responsabilidade que contribuísse com uma educação pautada na esperança de dias melhores. A educação e a esperança formaram uma dupla poderosa, em tempos de pandemia, de rompimentos de sonhos, perdas, mortes, enfim, situações diversas promotoras de sentimentos desagradáveis, como o medo e a tristeza. É na educação do movimento e da busca que encontramos alternativas para um mundo mais humano, criativo, justo e igualitário. A respeito disso, de acordo com Gadotti (2011):

Muito sofrimento da professora, do professor, poderia ser evitado se sua formação inicial e continuada fosse outra, se aprendesse menos técnicas e mais atitudes, hábitos, valores. Antes de se perguntar o que deve saber para ensinar, a professora deve se perguntar por que ensinar e como deve ser para ensinar. Muito desconforto e insegurança poderiam ser evitados se o professor, a professora, aprendessem a organizar melhor seu trabalho e os de seus alunos e alunas, se aprendessem a sistematizar e avaliar mais dialogicamente, se tivessem aprendido a aprender de forma cooperativa: o individualismo da profissão mata de ansiedade e angústia, leva ao sofrimento e até ao martírio do professor compromissado e à desistência daquele que perdeu a esperança (Gadotti, 2011, p. 43).

Em um momento em que o distanciamento entre as pessoas era a ordem principal, tornava-se necessário um movimento em que a comunidade de professores/as se sentisse acolhida e soubesse que não estava só para lidar com as questões conflituosas, pessoais e profissionais daquele momento. Os temas abordados no projeto *Vozes pela Educação* caminharam na perspectiva de atender às demandas do contexto em que se encontrava a educação, tornando-se aquele um espaço de escuta, troca e expansão de conhecimento. Os encontros aconteciam remotamente pela plataforma *Zoom*, sendo divulgados pelas redes sociais e por grupos de *Whatsapp*, a fim de chegar, predominantemente, nos/as educadores/as das escolas da Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Salvador – Gerência Regional de Educação Orla.

De acordo com Freire (1996), a “Pedagogia da Autonomia” tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão, da responsabilidade e, principalmente, da liberdade. O cenário da educação naquele período, nos anos de 2020 e 2021, exigiu muito dos profissionais dessa área, a começar com a ressignificação das suas práticas pedagógicas e o uso intensivo de tecnologias, celulares, tablets, computadores e redes sociais. Novos saberes foram exigidos para a elaboração de planejamentos de aulas *on-line*, a criação e a edição de videoaulas, a elaboração de aulas síncronas e assíncronas e a participação em *lives* e em grupos de *Whatsapp* com educandos/as, familiares e pares da escola. Foi um momento de intervir de forma diferenciada em um cenário inesperado. Ainda conforme Freire (1996):

Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem **estuda**, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não pode estar no mundo de luvas nas mãos **constatando** apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a **inserção**, que implica **decisão, escolha, intervenção** na realidade (Freire, 1996, p. 77, *grifos do autor*).

Mesmo com a proposta de intervenção naquela realidade, as novas exigências contribuíram para o aumento de estresse, o que afetou diretamente o físico, o emocional e o mental das pessoas, principalmente, dos/as educadores/as que, naquele período, se encontravam apreensivos/as com as novas demandas e notícias inesperadas. O quadro que se desenhava nas escolas era de professores/as adoecidos/as, buscando atendimento psicológico, com o emocional abalado por emoções e sentimentos desagradáveis. De forma utópica, naquele período, idealizei o *Vozes pela Educação*. Levei adiante planejando, realizando e avaliando da forma como foi possível naquele momento. De acordo com Araújo:

[...] A utopia é necessária para viver, sobretudo, porque o mundo é “um amplo encontro cheio de futuro”. A essência humana estende-se eternamente no futuro, o *pool* de possibilidades humanas permanece eternamente não exaurido, e o próprio futuro é desconhecido e incognoscível, impossível de vislumbrar (Araújo, 2017, p. 40).

No desconhecido em que todos estávamos inseridos, entre setembro de 2020 e maio de 2022, realizamos dezessete *lives*. Cada *live* contou com um/a convidado/a abordando os mais variados temas: a 1ª edição, intitulada *Espaço para troca e escuta sensível de educadores/as*, em 02/09/2020, com a Dra. Bianca Dray (RJ), foi visualizada por trinta pessoas; a 2ª edição, de título *O afeto que educa: da emoção à cognição*, ocorreu em 23/09/2020, com Vanessa Catuci (SC), Max Romano (RJ) e Ana Carolina Victoria (SC); a 3ª edição voltou a discutir sobre *O afeto que educa: da emoção à cognição (2)*, sendo realizada no dia 06/10/2020, com Adelly Lopes (BA) e Silvana Mendes (BA); a 4ª edição abordou *Inclusão: possibilidades na educação*, tendo acontecido em 23/10/2020, com Miriã Calda (BA); e, mais uma vez, a 5ª edição, em 23/10/2020, falou sobre *Inclusão: possibilidades na educação em espaços não formais*, como no caso da Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce, e teve a participação de Tainã Rodrigues (BA) e Vanessa Catuci (SC). Na 6ª edição, discutimos *Educação, poesia e ludicidade: práticas e reflexões na pandemia*, no dia 18/11/2020, com a prof.^a Dra. Cilene Canda (BA); na 7ª edição, discutiram-se *Dificuldades e transtornos de aprendizagem: o que precisamos aprender?*, em 27/01/2021,

com o prof. Me. Matheus Wisdom (BA); em 19/03/2021, realizou-se a 8ª edição, em que se debateu *Ensino híbrido: desafios e possibilidades*, com Alanna Carvalho (CE); a 9ª edição, ocorrida no dia 05/05/2021, dedicou-se a abordar a importância de *Cuidar de si para cuidar do outro*, com Andrezza Amorelli (RJ); em 02/06/2021, ocorreu a 10ª edição, com o tema *Educação socioemocional: ferramentas para sala de aula – relato de experiência*, com o prof. Max Romano (RJ); na 11ª edição, tivemos um bate-papo sobre *Poesia falada: a arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar*, que aconteceu no dia 14/07/2021, com a profa. Dra. Camilla Oliveira (RJ); a 12ª edição tratou sobre *A ciência da respiração na gestão da saúde integral: física, mental e emocional*, em 18/08/2021, com a Dra. Bianca Dray (RJ). Dando continuidade à sequência, tivemos a 13ª edição, intitulada *A arte como fio condutor: por uma educação do sensível*, no dia 29/09/2031, com a profa. Ma. Poliana Bicalho (BA); a 14ª edição, que dialogou sobre *O racismo estrutural e a formação sociocultural do povo brasileiro*, em 27/10/2021, com a Dra. Bruna Rocha (BA); a 15ª edição, com a temática *A diversidade humana pelo olhar da biologia*, em 01/12/2021, com o prof. Alberto Jorge Moreira Almeida (BA); a 16ª edição, que ressaltou que *Sua voz importa*, em 27/04/2022, com a Dra. Valéria Rezende (BA) e, por fim, a 17ª edição, que abordou *Alimentação: caminho para viver bem*, no dia 24/05/2022, com a Dra. Tassara Moreira (BA).

Cada *live* apresentou um número significativo de participantes, o que nos motivava a continuar. Em todas as dezessete *lives* realizadas, eu estive como mediadora.

Figuras 1 e 2 – Live Educação, poesia e ludicidade: prática e reflexões na pandemia



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021)

Figura 3 – Live *O afeto que educa: da emoção à cognição*



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2020)

Figura 4 – Live *A arte como fio condutor: por uma educação do sensível*



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021)

Figura 5 – Live *A ciência da respiração na gestão da saúde integral: corpos físico, mental e emocional*



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021)

Figura 6 – Live - *A diversidade humana pelo olhar da Biologia*



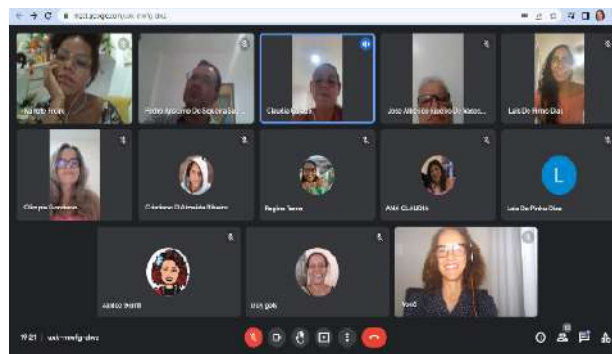
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021)

Todos os temas foram pensados como proposta para contribuir com o bem-estar dos/as educadores/as, que, naquele momento, encontravam-se em distanciamento físico por conta da pandemia. Ao final de cada *live*, pedíamos aos participantes para avaliarem e sugerirem temas para as futuras *lives*. As avaliações eram sempre positivas e os temas sugeridos perpassavam pela gestão das emoções, do autocuidado e do saber lidar com o estresse. Podemos avaliar as *lives* como encontros oportunos tanto para o fortalecimento de vínculos como para construção de novos aprendizados. Contamos com a participação de profissionais renomados da academia e colegas da própria Secretaria Municipal de Educação. Com o retorno das aulas presenciais, as *lives* devolveram aos professores/as seus horários e seus espaços com os/as educandos/as nas salas de aula das escolas.

3.1.2 Conhecimentos socioemocionais na EJA – CONSEJA

No ano de 2022, as escolas voltaram ao presencial e, então, o projeto *Vozes pela Educação* foi suspenso. Nesse mesmo ano, nasce o projeto *Conhecimentos socioemocionais na Educação de Jovens e Adultos – CONSEJA*, o qual poderia ser desenvolvido nas escolas com os/as professores/as que apresentassem demandas ou interesse pelo tema. A Escola Municipal Cidade de Jequié solicitou que o projeto fosse desenvolvido com os/as professores/as da EJA. Além disso, por motivo de reforma na estrutura física da escola, as aulas permaneceram *on-line*. Assim, as atividades do projeto CONSEJA tiveram início com a equipe dos professores/as da EJA desta escola, no formato remoto até o mês de junho e, no segundo semestre, as ações foram desenvolvidas presencialmente. Neste projeto, o CONSEJA, além de ser a idealizadora, atuei como facilitadora.

Figura 7 – Encontro formativo – Gente nasceu para brilhar



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022)

Foram realizados cinco encontros *on-line* e cinco encontros presenciais. Os retornos recebidos, tanto nas *lives* quanto nos encontros formativos presenciais, com a equipe de professores/as da Escola Cidade de Jequié, me impulsionaram a escrever o projeto de pesquisa, assim como participar da seleção de mestrado do PPGEJA. A minha aprovação nesta seleção me formalizou, verdadeiramente, enquanto uma pesquisadora do tema: saberes socioemocionais.

Figuras 8 e 9 – Encontro formativo – Para além de escutar, ver e sentir



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022)

As figuras 8 e 9 apresentam momentos de uma vivência com os/as colaboradores/as da pesquisa que intitulei *Para além de escutar, ver e sentir*. Essa foi uma proposta para desenvolver os sentidos e a consciência corporal. Em silêncio, eles/as deveriam andar pela sala observando detalhes em tudo, percebendo os sons externos, sentindo o corpo e o seu ritmo. Segundo Canda (2013):

As formas de caminhar, na sociedade contemporânea, têm se dado de modo utilitário e funcional, sem o estabelecimento de uma relação prazerosa, sensorial e significativa para o sujeito. O andar não é mais um ato descompromissado, destinado ao vagar de ideias e pensamentos, através do qual os sentidos são ativados por cheiros, sons e odores dos lugares. O sujeito é acometido pelo medo da violência, pela pressa e poluição das ruas, que tendem a brutalizar os sentidos e a sensorialidade (Canda, 2013, p. 113).

Para além de uma atividade simples, essa é uma atividade de grande relevância para o desenvolvimento de saberes socioemocionais, pois, como bem disse Canda na citação acima, a correria do dia a dia afasta o indivíduo de ações voltadas para os sentidos. As inúmeras atribuições que o/a educador/a assume na função de professor/a requer que eles/as parem e observem como tudo tem sido feito de forma célere para dar conta de atender às demandas burocráticas. Pensando nisso, escolhi dois depoimentos de professoras que participaram e avaliaram esse encontro:

A palavra é leveza. “Vamos pisar nesse chão devagarinho”. Vamos pensar mais no presente e vivê-lo com toda leveza possível, agregando opiniões leves e deixando passar o que não temos gerência. Sinto-me leve, nem escutei o celular tocar (Coordenadora C, 2023).

O encontro fortaleceu a minha visão de que consigo controlar e organizar a minha mente. Momento de reflexão e autoconhecimento que deve perdurar em outros encontros (Professora E, 2023).

Essas duas grandes ações que antecederam a pesquisa me impulsionaram a pensar sobre a formação continuada dos professores da EJA, que, além de não acontecer de forma

sistemática, não inclui a educação socioemocional. A seguir, apresentaremos o *locus* da pesquisa, a Escola Municipal Cidade de Jequié.

3.2 O coração da pesquisa: a Escola Municipal Cidade de Jequié

Federação, beleza pura.
Veloso (2011)

Figura 10 – Fachada da Escola Municipal Cidade de Jequié



Fonte: Arquivo da autora (2024)

A Escola Municipal Cidade de Jequié está situada na Avenida Cardeal da Silva, nº 152, no Bairro da Federação. De acordo com o historiador Cid Teixeira, o bairro da Federação teve origem, como um caminho aberto, a partir de um pequeno largo, em homenagem à República Federativa do Brasil, instalada em 1889. O bairro é resultado da urbanização de muitas fazendas e sítios daquela área, como Areia Preta, Gantois, Canjira, São Gonçalo, Paciência e Garcia. A Federação é um bairro rico culturalmente, possuindo diversos terreiros de candomblé (Gantois e Casa Branca), *campus* de universidades (UFBA, UCSAL), escolas públicas e privadas, o tradicional cemitério do Campo Santo, além de todas as torres de TV da cidade, que estão instaladas nas suas imediações. Hoje, o bairro da Federação faz ligação entre diversos pontos da cidade, como as Avenidas Vasco da Gama, Garibaldi, Centenário e os bairros do Rio Vermelho, também com proximidade e acesso para o Engenho Velho de Federação – Baixa da Égua, bairro considerado como um dos espaços que liderou as lutas pela conquista da liberdade negra, e com o Vale da Muriçoca, como é conhecida a Rua Sérgio Carvalho.

De acordo com Ramos (2013), a Federação é um bairro negro, expresso pelo sentido étnico e ratificado por uma população majoritariamente negra, equivalente a 87,22% do total

do bairro – a maior parte autodeclarada parda (48,79%) e a outra parte, preta (38,43%). De acordo com os dados dos infográficos presentes no site ObservaSSA, em 2010, o bairro Federação contava com uma população total de 36.362 habitantes, tendo a maior parte se autodeclarado parda (47,99%) e preta (31,59%), do sexo feminino (54,02%), encontrando-se na faixa etária de 20 a 49 anos (54,35%). No que diz respeito aos domicílios, 3,03% dos responsáveis não eram alfabetizados. Isso comprova o fato de os sujeitos/as da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Cidade de Jequié serem predominantemente mulheres pretas.

A Escola Municipal Cidade de Jequié, fundada em 29 de dezembro de 1992, tem capacidade para receber 596 alunos/as e oferece o ensino da Educação Básica, para a etapa de Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano, no diurno e no noturno, e da Educação de Jovens e Adultos nos Tempos de Aprendizagem IV e V, os quais correspondem ao Fundamental II. Atualmente, a escola possui 17 turmas, com um quadro de 41 professores/as, sendo que sete atuam na EJA com três turmas. A equipe de professores/as da escola é composta por profissionais graduados, com mestrado e também doutorado, o que faz a diferença, tornando essa equipe envolvida e comprometida na obtenção dos melhores resultados educacionais possíveis.

Quanto à infraestrutura, a escola possui pátio descoberto, quadra de esporte descoberta, refeitório, sala da gestão, sala dos professores/as, banheiro para funcionários, banheiros para alunos/as — adequados a alunos/as com deficiência ou mobilidade reduzida —, salas de aulas, secretaria, cozinha, dispensa, sala de multiuso – música, dança e artes. Atualmente, para atender a três turmas da EJA, a escola dispõe de 1 Professor de Língua Portuguesa, 1 professor de Geografia, 1 professor de Inglês, 1 professor de Artes, 1 professor de Educação Física, 1 Professor de História, 1 Professora de Matemática 1 Gestora, 1 Coordenadora Pedagógica, 1 Secretária, 2 Cozinheiras, 1 Porteiro.

Nos últimos dois anos, após a pandemia, o número de educandos/as diminuiu consideravelmente a ponto de, hoje, a escola ter somente três turmas da EJA. Essa queda no número de educandos está associada à dificuldade que algumas pessoas, sendo do interior, tiveram em permanecer na cidade, sem trabalho e sem perspectivas. Outro fator que determina essa queda é a dificuldade que muitos dos/as educandos/as apresentam em chegar até a escola, pela distância do trabalho, pelo cansaço após um dia de trabalho e pelos conflitos dentro das suas comunidades. A dificuldade que a escola enfrenta não é muito diferente de outras escolas

que ofertam a EJA: a permanência dos educandos/as que se matriculam, mas não conseguem dar continuidade.

Apesar dos desafios em reunir os/as professores/as e representantes da comunidade escolar em um único horário, a equipe pedagógica tem investido em estratégias diferenciadas, a fim de manter o Projeto Político Pedagógico (PPP) atualizado, inclusive, apresentando a proposta da educação socioemocional, fruto do trabalho desenvolvido por meio desta pesquisa com os/as colaboradores/as.

3.3 Quem são os/as colaboradores/as da pesquisa

Não muito diferente dos/as educandos/as da EJA, em se tratando de carga horária de trabalho, os/as educadores/as da Educação de Jovens e Adultos também apresentam especificidades. Na maioria das vezes, são profissionais que atuam na educação, na rede pública e/ou privada, e, além de trabalharem no noturno, também estão nos turnos matutino e vespertino, perfazendo uma carga horária de 60 horas semanais, iniciando o primeiro turno de três muito cedo e, ao chegarem na escola, no turno noturno, horário da EJA, encontram-se cansados fisicamente, mentalmente e emocionalmente. É um/a professor/a que já inicia suas atividades no dia, em salas com superlotação de estudantes matriculados, ou seja, são educadores/as, que, na maioria das vezes, estão na EJA para a complementação da sua renda salarial.

No caso dos educadores/as da Escola Municipal Cidade de Jequié da EJA, todos/as trabalham durante o dia em outras escolas e/ou na própria escola Cidade de Jequié. Apesar disso, existe um compromisso desses educadores/as com a escola e com os/as educandos/as em manter estes frequentando e aprendendo, envolvidos e interessados com as atividades propostas e realizadas ao longo do ano. Em um contexto muitas vezes extenuante e promotor do enfraquecimento de forças, observa-se um grupo de educadores/as criando novas possibilidades de ensinar, dando sentido a cada atividade realizada para os/as educandos/as. Cada um/a com o seu saber pessoal contribui, de forma direta e indireta, no desenvolvimento dos/as educandos/as. Em consonância com Tardif (2014):

Quando questionamos os professores sobre seu saber, eles se referem a conhecimentos e a um saber-fazer pessoais, falam dos saberes curriculares, dos programas e dos livros didáticos, apoiam-se em conhecimentos disciplinares relativos às matérias ensinadas, fiam-se em sua própria experiência e apontam certos elementos de sua formação profissional. Em suma, o saber dos professores é plural, composto, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho,

conhecimentos e um saber-fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente (Tardif, 2014, p. 18).

Devo dizer que sempre considerei de grande relevância o trabalho desenvolvido pelos educadores/as da Escola Municipal Cidade de Jequié da EJA para com os/as educandos/as. Apesar de conviverem com as dificuldades que a grande maioria das escolas da rede municipal enfrenta, a exemplo de conflitos na comunidade, quadro de profissionais defasado para as necessidades que a escola apresenta, dificuldades dos/as educandos/as relacionadas ao aprender, infrequência, evasão e outros, os educadores/as desta escola não desistem e procuram entender os/as sujeitos/as da EJA com suas especificidades. Esses professores contribuem, com sua forma de ser, para os/as educandos/as persistirem nos estudos. Conforme Dos Santos Costa e Malloys (2020):

Os adultos que se matriculam em programas de educação de adultos podem precisar de ajuda para persistir. Os agentes educacionais e os professores devem identificar e desenvolver o que “atrai” os alunos para a matrícula, além de serem sensíveis e entender as forças que podem “empurrar” os estudantes adultos para o abandono ou desapontamento quanto ao processo formativo. (Dos Santos Costa; Malloys, 2020, p. 44).

A partir do que apontam Dos Santos Costa e Malloys (2020), fica evidente que os/as professores/as organizam e realizam com os/as educandos/as atividades que promovem aproximações, discussões e reflexões acerca de temas importantes envolvendo a arte, o corpo, o empoderamento feminino, o racismo estrutural, o reconhecimento e a valorização de escritoras negras, por meio da literatura abolicionista por Conceição Evaristo, Maria Carolina de Jesus e Lélia Gonzalez, valorizando as vozes de mulheres negras. Percebem-se, junto a isso, os vínculos construídos entre educadores/as e educandos/as, em que o respeito nas relações prevalece, assim como o reconhecimento às questões emocionais da comunidade escolar.

Fizeram parte da pesquisa sete educadores/as da EJA, quatro mulheres e três homens, compondo um grupo misto e diverso entre as áreas de conhecimento e o tempo de experiência, na faixa etária dos 35 anos aos 55 anos e com títulos de pós-graduação. Definitivamente, é uma equipe interessada e comprometida em fazer a educação acontecer. Um desses educadores participou dos encontros formativos *on-line*, pois, com a redução de turmas da EJA, foi necessário complementar sua carga horária em outra escola. Fizeram parte da pesquisa 1 professor de Geografia, 1 professor de Educação Física, 1 professor de Língua Portuguesa, 1 professora de Artes, 1 professora readaptada, 1 vice-gestora e 1 gestora.

Quadro 2 – Colaboradores/as da pesquisa

QUADRO DOS/AS COLABORADORES/AS DA PESQUISA					
Colaboradores/as da pesquisa	Sexo	Faixa etária	Formação	Tempo de atuação na EJA	Quesito raça/cor
Colaborador P	Masculino	59 anos	Mestrado	Entre 15 a 20 anos	Parda
Colaboradora A	Feminino	46 anos	Graduação	Entre 15 a 20 anos	Branca
Colaboradora C	Feminino	53 anos	Doutorado	Entre 15 a 20 anos	Branca
Colaboradora L	Feminino	39 anos	Mestrado	Entre 15 a 20 anos	Parda
Colaborador D	Masculino	39 anos	Graduação	Entre 10 a 15 anos	Preta
Colaboradora AC	Feminino	55 anos	Graduação	Entre 15 a 20 anos	Parda
Colaborador J	Masculino	57 anos	Graduação	Entre 15 a 20 anos	Parda

Fonte: Elaborado pela autora

Vale destacar a resistência que a equipe de educadores/as da EMCDJ vem apresentando, durante esses cinco últimos anos, a toda e qualquer tentativa de fechamento de turmas da Educação de Jovens e Adultos por parte da Secretaria de Educação. Apesar de haver redução de turmas e, com isso, redução do quadro de professores/as também, a equipe de professores/as que continua se mantém com o compromisso de oferecer o melhor de educação para a comunidade da EJA a partir do que está na possibilidade do grupo.

3.4 O jeito de fazer acontecer

Como dito anteriormente, o *locus* da pesquisa foi a Escola Municipal Cidade de Jequié, da Rede Municipal de Educação de Salvador, que atende à Educação de Jovens e Adultos, e o recorte temporal da pesquisa foi o ano de 2023. O presente estudo *Saberes socioemocionais na formação docente continuada no âmbito da EJA* faz parte do Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na Área de Concentração 2 — Formação de Professores e Políticas Públicas. A escolha desta área deu-se pela aderência ao meu objeto de trabalho. Segundo informações do PPGEJA, a Área de Concentração 2:

Contempla os saberes característicos da docência, da pesquisa e da extensão em educação de jovens e adultos, as especificidades desta modalidade, tratando de questões interligadas com as competências e habilidades básicas do profissional em EJA e as experiências inovadoras que assegurem um bom desempenho do profissional e a efetiva qualificação para o mercado de trabalho (PPGEJA, 2024).

De acordo com o que se propõe a Área de Concentração 2 — Formação de Professores e Políticas Públicas — e atendendo ao que foi proposto nos objetivos deste estudo, epistemologicamente, esta é uma pesquisa que se define como qualitativa, tendo como abordagem principal, metodologicamente falando a pesquisa-ação-formação e como técnica, o grupo focal. No grupo focal, realizamos encontros formativos a partir dos quais surgiram os dispositivos de análise de dados, que são as cartas pedagógicas. A pesquisa com abordagem qualitativa busca compreender a realidade. Para Oliveira (2008):

A abordagem qualitativa pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa (Oliveira, 2008, p. 66).

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (2001) ressalta:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p. 21-22).

Esta pesquisa qualitativa inspirada na pesquisa formação foi desenvolvida por meio de encontros formativos, realizados com sete professores/as da EJA, das áreas de Matemática, Geografia, Artes, Educação Física e Língua Portuguesa. Para esse estudo, foi aplicada a técnica do Grupo Focal, tendo como procedimentos de análise de dados um questionário e uma produção escrita de cartas pedagógicas sobre o tema da pesquisa. Para aporte teórico recorreremos aos autores/as Minayo (2001) (2002), Gondim (2002), (2003), (2005), Macedo (2015), (2020), Debus (1997), Gatti (2005), Patton (1990). De acordo com Gondim, na técnica de pesquisa GF o grupo pode ser composto por, pelo menos, 4 (quatro) pessoas. Ainda sobre o número de participantes no GF, Gondim (2002) destaca:

O tamanho do grupo é um outro aspecto a se destacar. Apesar de se convencionar que este número varia de quatro a 10 pessoas, isto depende do nível de envolvimento com o assunto de cada participante; se este desperta o interesse de um grupo em particular, as pessoas terão mais o que falar e, neste caso, o tamanho não deve ser grande, para não diminuir as chances de todos participarem (Gondim, 2002, p. 154).

Sobre o aspecto do tamanho do grupo para o desenvolvimento do GF, ficou claro que o tempo de 60' não foi suficiente para que todos/as 7 (sete) colaboradores/as tivessem o mesmo tempo de fala nas interações orais. Aqueles/as colaboradores/as que tinham interesse em compartilhar experiências, dúvidas, inquietações e reflexões, muitas vezes, abreviavam as falas em respeito ao tempo do colega. Não houve prejuízo na pesquisa, alguns/as preferiam falar menos, mas o fator tempo é algo a que devemos nos atentar.

De acordo com Macedo (2016, p. 27), “Todos os acontecimentos são improváveis, interferem e são inelimináveis na experiência humana”. Algumas vezes, nos últimos minutos da realização do GF, recebíamos a visita da coordenadora pedagógica ou da gestora com um lembrete, muito cuidadoso, de que o tempo já havia terminado. Os/as professores/as precisavam ir para as salas de aula e, por esse motivo, ficávamos felizes, porque os/as educandos/as já estavam na escola, mas também ficávamos insatisfeitos/as por termos que interromper as reflexões que se encaminhavam na produção de saberes de forma coletiva e colaborativa. Logo, foi possível perceber que o tempo que a pesquisa precisa nem sempre é o tempo que encontramos. De acordo com Macedo (2020), os tempos humanos têm questões de extrema complexidade:

[...] o tempo da pesquisa, da escrita não é um tempo dado, não é um tempo linear. É um tempo responsável, precisamos ter responsabilidade institucional, mas é um tempo que precisamos levar em conta as especificidades da pesquisa. É um tempo que precisa levar em conta que pesquisa não é um caminho a ser seguido, é sempre itinerância, é caminhar, encontros e desencontros (Macedo, 2020).

Concordo com Macedo quanto à complexidade de administrar o “Tempo Rei”, assim chamado por Gil (1984) na sua música que nos diz “[...] não se iludam não me iludo, tudo agora mesmo pode estar por um segundo”, principalmente, quando estamos em grupo de educadores/as, refletindo sobre emoções e falando de sentimentos, envolvendo experiências profissionais que não se separam das experiências pessoais.

Debus (1997) nos diz que, o grupo focal, em seu caráter subjetivo de investigação, é utilizado como Estratégia Metodológica Qualitativa, já que a pesquisa qualitativa tem como característica buscar respostas acerca do que as pessoas pensam e de quais são seus sentimentos. De acordo com Gondin (2003), o investigado não é independente do processo de investigação e, sendo assim, o conhecimento produzido é valorativo e ideológico, de modo que as experiências dos participantes do grupo focal estão intrinsecamente atreladas ao contexto de vida sociocultural. Segundo esta autora:

Os pesquisadores encontram nos grupos focais uma técnica que os ajuda na investigação de crenças, valores, atitudes, opiniões e processos de influência grupal, bem como dá suporte para a geração de hipóteses, a construção teórica e a elaboração de instrumentos (Gondim, 2003, p. 159).

Além de Gondim, encontramos Gatti (2005, p. 12) nos dizendo que o grupo focal é “[...] uma técnica de levantamento de dados muito rica para capturar formas de linguagem, expressões e tipos de comentários de determinado segmento”. De acordo com Patton (1990) e Minayo (2000), o grupo focal, diferentemente da entrevista individual, baseia-se na interação entre os/as participantes da pesquisa para obter os dados necessários. A realização do grupo focal prevê critérios previamente determinados pelo pesquisador, a partir dos objetivos da investigação, e cabe a este organizar um espaço propício às reflexões, em que os/as colaboradores/as possam interagir com seus saberes e não saberes.

Baseado nesses cuidados citados por Patton (1990) e Minayo (2000) o primeiro encontro com a gestão da escola teve o objetivo de compartilhar previamente as datas em que aconteceriam os encontros formativos no espaço físico da instituição, a fim de ficar definido o local em que seriam desenvolvidas as atividades, os recursos que seriam utilizados, como caixa de som e *datashow*, tempo a ser disponibilizado para a participação das/os colaboradoras/es. Como instrumentos, utilizamos um questionário para termos, de forma mais rápida, acesso aos saberes prévios das/os colaboradoras/es acerca da educação socioemocional. Ademais, a produção de cartas pedagógicas foram utilizadas como dispositivos para análise de dados, inclusive, tendo uma boa aceitação por parte dos/as colaboradores/as. Nas cartas pedagógicas, podemos observar as diferentes formas de escrever, mediante a criatividade e os sentimentos de quem escreve, transbordando pelas letras e papéis. De acordo com Vieira (2018):

A carta, como um instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter de rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma, nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso. [...] É nesse sentido, agregando os conceitos de “carta” e de “pedagogia”, que as cartas pedagógicas tomam uma dimensão fortemente marcada pelo compromisso com um diálogo que construa, de forma sistemática, mas agradavelmente humana, a reflexão rigorosa acerca das questões da educação (Vieira, 2018, p. 75-76).

Sobre isso, observei que, ao propor para os colaboradores/as da pesquisa a escrita das cartas, houve receptividade em realizarem tal atividade. De início, perguntei se eles já

conheciam essa forma de escrita: cartas pedagógicas. No grupo de sete professores/as, nenhum/a conhecia. Então, contei para elas/es como foi a minha experiência com a escrita da carta pedagógica na disciplina da profa. Carla Liane e o quanto a produção dessa escrita havia me reportado a um passado de boas lembranças quando recebia cartas de meu pai, que trabalhava em alto mar. Tendo isso em vista, Dickmann (2020) diz:

Quando digo que minha carta parte de minha vida, estou me referindo que escrevo a partir de minhas experiências e meus saberes acumulados. O que sei é compartilhado na carta e serve de insumo para meus interlocutores/as aprenderem comigo e, ao me responderem, me ensinarem, a partir do que sei. A síntese da história de vida — do humano —, e do contexto concreto — do mundo — é o ponto de partida de toda carta pedagógica. Quem escreve compartilha sua vida e seu mundo com quem lê (Dickmann, 2020, p. 40).

Quando nos organizamos para escrever, acionamos memórias afetivas e, com essas memórias, estão os sentimentos que provocam emoções, que, por sua vez, provocam novos sentimentos, o que pode contribuir para a fruição da escrita, preferencialmente, com as etapas previamente planejadas.

3.5 “A emoção começa agora”: encontros formativos

No dia 14/09/2023, às 19h aconteceu o encontro, previamente agendado, com a coordenadora pedagógica e a gestora da escola, com o objetivo de apresentar a proposta do cronograma para a realização de quatro encontros com os/as educadores/as. Vale salientar que os contatos com a gestão da escola somente ocorreram após autorização, por intermédio de carta de apresentação enviada, da Secretaria Municipal de Educação (SMED) para a gestora. Fui atendida na sala onde gestora, coordenadora pedagógica e vice-gestora dividem espaços de trabalho. Nessa noite, passei, rapidamente, na sala dos professores/as, a fim de cumprimentá-los brevemente e, para a minha alegria, fui bem-acolhida, com sorrisos, abraços e falas de “Que bom que você está aqui”.

Para minha surpresa e tristeza, antes de iniciar a conversa com a dupla gestora, fui informada de que a escola havia diminuído uma turma da EJA por falta de matrícula e pelo fato de um professor de Matemática e outro de Língua Portuguesa terem sido encaminhados para outra escola. Continuamos a ver a EJA diminuindo o número de educandos/as matriculados/as de um ano para o outro assustadoramente. Cresce, assim, o número de sujeitos perdendo o direito à educação.

3.5.1 Encontro com a dupla gestora da escola

Para o encontro com a gestora e a coordenadora pedagógica, preparei um acolhimento com a leitura de uma música como início de conversa. Escolhi a leitura da música *Oração ao tempo*, de Caetano Veloso:

[...] tempo, tempo, tempo, tempo
 Por seres tão inventivo e pareceres contínuo
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 És um dos deuses mais lindos
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 Que seja ainda mais vivo
 No som do meu estribilho [...] (Veloso, 1979).

Tinha como intenção provocar na dupla uma reflexão quanto ao tempo que, muitas vezes, dentro da escola, se torna escasso face à complexidade dos acontecimentos inesperados. Essa sensibilização provocou nas participantes da reunião reflexões que traziam na fala sentimento de angústia por tantas demandas e poucos recursos humanos na escola para atender-lhes.

Durante o diálogo, verbalizaram a alegria de eu estar de volta para realizar os encontros com os/as professores/as. Falavam da falta de uma vice-gestora para o noturno, o que demandava muito trabalho para a gestora, tendo em vista a necessidade de estar na escola em três turnos. Compartilhavam da proximidade da saída da coordenadora pedagógica para licença, pois ela apresentava cansaço físico e mental, necessitando afastar-se. Falavam sobre as questões de conflitos existentes na comunidade, que interferiam na assiduidade dos educandos/as, assim como sobre questões comportamentais dos alunos/as do diurno. Nesse encontro, já era possível perceber o quanto esses/as profissionais estavam tendo demandas e exigências para além das suas possibilidades físicas, mentais e emocionais. Freire (1996) nos chama atenção sobre essas questões:

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação (FREIRE, 1996, p. 51).

Naquele encontro, não poderia passar despercebido a carga de tensão presente na dupla gestora, coordenadora pedagógica e gestora, por excesso de demandas sem perspectivas de soluções imediatas pelo órgão central. Essa tensão reverbera no grupo de trabalho, mais um motivo pelo qual acredito se justificar a importância da formação continuada na área da

educação socioemocional nos espaços educativos. Quando reconhecemos nossas emoções e entendemos nossos sentimentos, sabendo, inclusive, nomeá-los e identificando sua origem, temos melhores condições física e mental para vivenciarmos situações adversas, as quais exigem de nós ações e decisões imediatas. Esta pesquisa acontece na perspectiva de contribuir para que os professores/as participem de atividades de formação continuada que favoreçam a autoconsciência e o reconhecimento das emoções em prol de um bem-estar emocional, físico e mental.

Finalizo o encontro com a dupla gestora da escola-*locus* da pesquisa, no dia 14 de setembro de 2023, com a aprovação do calendário dos dias dos encontros com os/as colaboradores/as, para a realização das atividades. Eram um total de quatro encontros, que aconteceriam nos dias 26/09/2023, 03/10/2023, 24/10/2023 e 31/10/2023, tendo esta sequência de pauta: o primeiro encontro teria como objetivo apresentar o tema da pesquisa de mestrado, a proposta de trabalho, a metodologia a ser utilizada e a técnica do grupo focal com encontros formativos. No segundo encontro, haveria resposta a um questionário sobre conhecimentos e experiências prévias acerca do tema da educação socioemocional e aproximações de conceitos. No terceiro encontro, haveria discussões sobre *O sentir, pensar e agir consciente* e, no quarto encontro, aconteceria a produção escrita das cartas pedagógicas.

A pesquisa teve início com a organização e o compartilhamento do convite e da pauta do primeiro encontro com os/as colaboradores/as. Os convites para os encontros aconteceram por *cards*, em que foram utilizadas fotos dos/as próprios/as professores/as em encontros passados. Essa ação foi muito significativa, o que pôde ser constatado a partir da observação do rosto deles/as, com expressão de alegria, com leves sorrisos ao verem suas fotos. Usei dessa estratégia dos *cards* em todos os encontros como forma de chamada e lembrete, os quais eram enviados para os/as colaboradores/as pelo grupo de *WhatsApp*.

3.5.2 Primeiro encontro formativo: a pesquisa e os acordos

Figura 11 – 1º encontro – Grupo focal



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023)

O primeiro encontro, que aconteceu no dia 26/09/2023, às 19h, teve como acolhida a leitura sobre formação como um processo permanente, segundo Freire (1993):

O ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado. O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática (Freire, 1993 p. 27-28).

Com a sala organizada em círculo, iniciei minha reapresentação dizendo da alegria de estar de volta e escutei cada um/a falar o seu nome e como se sentia naquele momento. A escolha da disposição das cadeiras em círculo deu-se para facilitar que todos/as vissem todos/as. Isso é muito importante para a construção de um contrato a partir das orientações sobre a forma de estar no grupo durante os encontros. De forma unânime, os/as colaboradores/as se posicionaram satisfeitos/as em retomar os encontros. Palavras como “alegre”, “bem” e “cansado” prevaleceram. O grupo mostrou-se alegre, mas cansado. Em seguida, apresentei o tema da pesquisa, os objetivos, a proposta dos dias dos encontros e a metodologia. Iniciamos com as orientações de como iriam se desenvolver os encontros formativos. Socializei as regras do grupo focal, em que cada um/a respeitaria o tempo de fala do outro, incentivando a participação de todos/as, devido à falta de garantia que todos/as teriam o mesmo tempo de fala, considerando a possibilidade de haver uns com mais domínio do discurso que outros.

Ao propor para os/as professores/as a escrita das cartas, pensei que fossem receber de forma tensa, associando este fazer a um momento de avaliação de como escrevem. Desfazendo o que eu pensava, e de forma unânime, gostaram da proposta e mostraram-se interessados/as em saber com mais detalhes sobre as cartas e quando iriam produzi-las. Ainda neste encontro, realizamos a Leitura do Termo de Consentimento de Livre Escolha – TCLE, para esclarecimentos de dúvidas quanto ao documento, de maneira que todos/as os/as colaboradores/as da pesquisa assinaram o referido documento, ação que confirmaria a concordância em participar da pesquisa. Por meio do TCLE, os/as colaboradores/as já ofereceram informações pertinentes e necessárias para que a pesquisadora tivesse mais conhecimento sobre eles/as a exemplo da data de nascimento, formação, endereço. Após assinatura do TCLE, cada um/a recebeu uma cópia do documento. Seguimos com apresentação e exibição dos *slides* acerca do tema, articulando teorias e conceitos sobre a educação socioemocional a exemplo da definição abaixo.

Almir e Zilda Del Prette (2005, p. 9) definem a educação socioemocional como algo que "[...] diz respeito aos efeitos de um desempenho social que articula pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demandas da situação e da cultura, gerando consequências positivas para o indivíduo e para a sua relação com as pessoas".

Ao finalizar o grupo focal desse dia, escutamos a música *Oração do Tempo*, de Caetano Veloso, como reflexão sobre o fazer pedagógico, que sempre parece nos dizer que o tempo não é suficiente para a realização daquilo que foi planejado. A escuta e a reflexão também serviram como relaxamento. Eu sempre tinha a sensação de que o tempo era insuficiente para abordar o planejado e escutar todos/as sem que ninguém dominasse a discussão. O difícil era limitar o tempo de fala de algum/a colaborador/a, pois, além de perder posicionamentos, pensamentos, importantes e pertinentes para a pesquisa, isso ainda me deixava com o sentimento de que estava podando a fala de quem precisava e tinha tanto para compartilhar. Eles/as sempre tinham muito para compartilhar.

Ao final do encontro, realizamos uma avaliação, a partir da pergunta: Como foi esse encontro para você? A resposta poderia ser dada em forma de palavras, gestos ou frases. As respostas ficaram em torno de palavras a exemplo: esclarecedor, reflexivo, necessário, tranquilizante, motivador. Exceto com uma professora, que iniciou o trabalho na escola no ano de 2023, já existia um vínculo construído entre os/as colaboradores/as e a pesquisadora, fato que contribuiu para o desenvolvimento da atividade ocorrer de forma mais harmônica.

3.5.3 Segundo encontro formativo: experiências prévias dos/as professores/as sobre os saberes socioemocionais

Figura 12 – 2º encontro – Grupo focal



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023)

Iniciamos o segundo encontro formativo no dia 03/10/23, às 19h, com uma breve retrospectiva do que ocorreu no primeiro encontro, avaliando a dinâmica anterior, inclusive, a partir dos sentimentos vivenciados por cada um/a. A sala se organizou, novamente, com as carteiras em círculo e, como acolhida, houve uma leitura de um trecho da música *O que você quer saber de verdade*:

[...] Solte os seus cabelos ao vento
 Não olhe pra trás
 Ouça o barulhinho que o tempo
 No seu peito faz
 Faça sua dor dançar
 Atenção para escutar
 Esse movimento que traz paz
 Cada folha que cair
 Cada nuvem que passar
Ouve a terra respirar
Pelas portas e janelas das casas
Atenção para escutar
O que você quer saber de verdade (Antunes, Brown e Monte, 2011, *grifos da pesquisadora*).

A proposta de iniciar as atividades promovendo um momento introspectivo favoreceu o envolvimento de todos/as. Após escutarem e refletirem sobre a pergunta: “O que você quer saber de verdade?”, as respostas caminharam no sentido de aprender o que fazer em situações que acontecem na escola, na sala de aula, e que, muitas vezes, “nos tiram do sério”, sendo necessário “lidar com situações de alunos/as com as quais não sabemos lidar”, “situações que exigem diferentes comportamentos”.

Nesse encontro, os/as colaboradores/as responderam a cinco perguntas que fizeram parte de um roteiro de questionamentos construído por mim, enquanto pesquisadora, a fim de me aproximar dos conhecimentos prévios deles/as acerca da educação socioemocional e de suas necessidades formativas. Cada pergunta serviu como dispositivo de reflexão e, por conseguinte, de aproximação com o tema. As perguntas foram respondidas em sala e com comentários, o que contribuiu para todos/as saberem as experiências do grupo na área da educação socioemocional e comprovar que ninguém havia passado por formação anteriormente. A orientação foi para que quem tivesse interesse compartilhasse seu relato com o grupo.

Eu não sabia nada do tema e achei interessantíssimo. O quanto é importante saber ser um professor em cada sala, porque somos diferentes, principalmente com o Fundamental II, que são alunos que trazem muitos problemas. Como lidar com isso? Não podemos desprezar nossos alunos e ainda precisamos da nossa saúde mental. As Secretarias de Educação deveriam se preocupar com isso e colocar psicopedagogos e psicólogos nas escolas. Deveriam ter encontros quinzenais ou mensais. É muito interessante ver alguém estudando isso, porque isso vai se reverberar, o pesquisador nunca está sozinho (Colaboradora C, 2023).

Saberes socioemocionais é o título mais acertado para o momento. Na cidade de Cabaceiras do Paraguaçu, já existe um trabalho com os professores nos horários de AC – atividades complementares. O que a gente precisa é tornar esses momentos na rede. Que você, Josete, seja a precursora deste trabalho a ser multiplicado nas escolas, não só na EJA. Quem trabalha no noturno sabe que a gente adocece. Mas, se a gente tiver isso que a gente faz, a gente consegue (Colaborador P, 2023).

Os depoimentos dos/as professores/as, registrados acima, evidenciam a importância dada por eles/a ao encontro que já contemplava a educação socioemocional. Nas colocações dos colaboradores/as, fica claro que profissionais como psicólogos e psicopedagogos poderiam contribuir com situações emocionais vivenciadas na escola, as quais muitos educadores/as não saberiam dar encaminhamentos. Como não vivemos sem a emoção atuando sobre nossas ações, mais importante é aprendermos sobre esses saberes, porque não sabemos quando a escola pública criará um espaço para que um outro profissional possa atuar nas questões pedagógicas, até então, tidas como de responsabilidade de professores/as e coordenadores/as pedagógicos.

3.5.3.1 Entre perguntas e respostas: o que é preciso saber e sentir

As respostas dadas às perguntas socializadas nesse encontro possibilitaram uma aproximação maior com as experiências prévias dos colaboradores/as com os saberes

socioemocionais. Como e onde aconteceram essas experiências, quando aconteceu e quem proporcionou? Foi na graduação, na pós, em formação continuada oferecida pela instituição que trabalha? A Secretaria Municipal de Educação? A Escola? Algum projeto autônomo? As respostas nos levam a identificar o que os/as colaboradores/as da pesquisa já sabiam sobre o tema e o que pensavam acerca da formação inicial e continuada com o tema de saberes socioemocionais. Desse modo, algumas lacunas eram publicizadas em tom de denúncia, mas também havia anúncios sobre desejos de encontrar estratégias que os apropriassem desses conhecimentos. Vale ressaltar que a pesquisadora também respondeu às perguntas direcionadas aos/as colaboradores/as, a fim de envolver-se mais com o tema em estudo a partir das suas experiências.

Somente depois da minha graduação em Pedagogia, e de forma autônoma, tive acesso a uma aprendizagem abordando o *ser*, uma educação dos sentidos e do sensível e uma educação humanizada. O curso de Psicopedagogia favoreceu o meu olhar para uma educação voltada para o socioemocional. Apresento, abaixo, cinco perguntas que foram feitas aos/às colaboradores/as, em negrito, e as respostas deles/as, que aparecem em recuo. Não me proponho a levantar análises aqui, apenas apresento algumas respostas selecionadas, representando as demais.

1. O que você sabe sobre saberes socioemocionais?

O emocional é muito importante e deve ser considerado, pois somos seres humanos e os sentimentos bons e ruins nos ajudam a aprender e a enfrentar a realidade (Colaboradora AC, 2023).

Acredito que seja a capacidade do sujeito, indivíduo, de se relacionar com ele próprio e com outras pessoas [...], enfrentando desafios e sempre prezando respeito e afeto (Colaboradora C, 2023).

Saberes socioemocionais dizem respeito à capacidade do indivíduo de se relacionar com as pessoas e com as emoções; à ciência de que o estado emocional do sujeito interfere nas relações intrapessoais e interpessoais e ao modo de encarar a realidade [...] (Colaboradora L, 2023).

A minha intenção era chegar ao conceito de saberes socioemocionais, mais uma vez, a partir dos conhecimentos prévios dos/as colaboradores/as. Enquanto pesquisadora, eu respondo a essa pergunta dizendo que saberes socioemocionais são fazeres que envolvem o que as pessoas sentem, pensam e como se comportam em relação a si mesmo, a si mesma e aos outros em diferentes situações, consciente dos afetos agradáveis e/ou desagradáveis que

possam emergir, inclusive, sabendo lidar com eles. Na junção das funções de pesquisadora e formadora, ao responder o questionário, me identifiquei com o que Nóvoa (2004) afirma:

O formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (autoformação); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (heteroformação); o formador forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (ecoformação) (Nóvoa, 2004, p. 16).

A heteroformação apresentada pelo autor se fez presente em todo o processo da pesquisa, contribuindo, também, para a minha auto formação. Relembro que os colaboradores da minha pesquisa são professores/as especialistas. Já citei, na introdução desta dissertação, que é evidente a ausência de componentes curriculares com ementas que contemplem a educação socioemocional nas graduações, de forma que as respostas deste questionário sugerem essa confirmação.

Supondo que a palavra “afeto”, usada por um colaborador, foi pensada como sinônimo de boas emoções, aproveitei para ampliar mais um pouco esse conceito com o grupo, esclarecendo que afetos podem ser agradáveis ou desagradáveis. De acordo com Luckesi (2014):

As relações interpessoais se dão no seio de um espaço marcado pelos nossos estados emocionais e estes têm a ver com a biografia pessoal de cada um de nós. O passado gera nossa anatomia emocional e é com ela que vivemos, convivemos, assim como é com ela que atuamos profissionalmente, que, no caso do educador, como em algumas outras profissões, tem a ver com as relações interpessoais” (Luckesi, 2014, p. 13-23).

As palavras de Luckesi chamam atenção para a relação direta que existe entre as relações entre as pessoas e a história de vida de cada um/a, já que as experiências vividas constroem o nosso corpo emocional, que o autor chama de anatomia emocional. Se pensarmos que estarmos bem é estarmos envolvidos em boas e agradáveis emoções, é correto o que diz um colaborador sobre a influência positiva das emoções e dos sentimentos nos processos de aprender e ensinar.

2. Na sua graduação, você cursou algum componente curricular sobre saberes socioemocionais?

Não. Mesmo em cursos de licenciatura, não tivemos qualquer referência (Colaborador J, 2023).

Em teatro, trabalha-se muito com emoções, sentimentos, sensações e afetos, por este motivo, acredito que, no teatro e nas artes em geral, trabalhamos com os saberes socioemocionais. Todavia, nunca tive uma disciplina com esse nome ou que só tratasse dessa questão complexa (Colaboradora C, 2023).

Acredito que sim, quando o ensino de elaborar planejamento foi ensinado sobre os três conteúdos, conceitual, procedimental e atitudinal. Entendo que o atitudinal tem relação com os saberes socioemocionais mais que os outros (Colaborador D, 2023).

As respostas dos/as colaboradores/as evidenciam, mais uma vez, ausência de componentes curriculares que contemplem a educação socioemocional nas graduações. O acesso a esses saberes não pode ser por via de disciplinas optativas e/ou ser reduzido a alguns conteúdos de um componente curricular específico de Psicologia ou Sociologia. Nem mesmo a área de Artes, que tem emoções e sentimentos valorizados, contempla esses em seus componentes curriculares, de acordo com as respostas.

3. Você já teve alguma formação continuada sobre educação socioemocional?

Não. Como disse anteriormente, sempre temos a presença da nossa colega prof.^a Josete Moreno nas ACs e nas reuniões pedagógicas e, nesses encontros, a possibilidade do contato com essa abordagem sempre nos entusiasma (Colaborador, P, 2023)

Não. Apenas rodas de conversas e encontros com a coordenadora pedagógica Josete Moreno, abordando essa temática (Colaborador D, 2023).

Não. O contato que tive com os saberes socioemocionais na Rede Municipal de Educação de Salvador foi com Josete Moreno, coordenadora pedagógica da Gerência Regional, de que faz parte a escola onde atuo. Na época da pandemia, ela propôs encontros virtuais e, depois, presenciais, com vistas a acolher e fortalecer o grupo docente diante de momentos tão desafiadores. Tal ação reverberou tanto em mim que desenvolvi a *Sala Zen: desenvolvendo competências socioemocionais*, com alunos do 6º ano, no projeto pedagógico da escola de 2022 (Colaboradora L, 2023).

Os/as colaboradores/as foram unânimes em responder que a formação continuada que eles/as tiveram sobre a educação socioemocional foi com a professora Josete Moreno. Em dos relatos, uma colaboradora pontua que levou para sua sala de aula a experiência da “Sala Zen”. Nesta resposta, é possível comprovar o quanto são importantes tais formações e como elas podem se reverberar, tendo os/as educadores/as envolvidos no processo de formação, podendo ser multiplicadores/as desses saberes com seus/as educandos/as. Eu tive o prazer e a satisfação de ter sido convidada para esta atividade e foi emocionante ver os alunos do 6º ano

falando sobre as emoções, sabendo reconhecê-las e nomeá-las, assim como aprendendo sobre os benefícios da respiração consciente nas modulações das suas emoções.

4. Você se acha preparado/a para trabalhar os saberes socioemocionais com seus/as educandos/as?

Não. Quando tive contato com essa abordagem, percebi que nos falta esse domínio, para lidar com as fraturas emocionais, as nossas e a dos nossos alunos. Percebi o quanto estamos carentes e órfãos de afeto, quando nos deparamos com os desânimos do labor docente, do enfrentamento das adversidades em sala de aula. [...] (Colaborador P, 2023).

Como sou professora de teatro, acredito que tenho mais facilidade para trabalhar com o tema, mas preciso ainda de suporte especializado (Colaboradora C, 2023).

Não. Apesar dos encontros e da experiência acima relatada, que foi pontual, sinto que me falta mais conhecimento sobre o tema; como relacionar esses saberes ao meu planejamento e que ferramentas posso utilizar no contexto de sala de aula (Colaborador J. 2023)..

Antes de entender sobre as emoções e os sentimentos dos outros, precisamos entender sobre as nossas emoções e os nossos sentimentos. Só poderemos ajudar os educandos/as nesse sentido se reconhecermos nossas fraquezas e nossas forças, nossa coragem e nosso medo, nossas certezas e nossas dúvidas, nossos saberes e nossos não saberes. Então, entender sobre educação socioemocional perpassa por um trabalho de autoconhecimento, fundamental para a vida humana. Segundo Saviani (1991):

O homem não se faz homem naturalmente, ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir, para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo (Saviani, 1991, p. 15).

Concordando com o que o autor pontua, o sentir, o pensar, o avaliar e o agir, que são saberes socioemocionais, são aprendidos no desenvolvimento do ser. Para que se aprenda, é preciso que alguém ensine e a escola é um espaço para que esses saberes sejam valorizados e ensinados. Para tanto, faz-se necessário que os ensinantes, que são os/as professores/as, tenham condições para.

5. Para você, a educação socioemocional é importante para a formação dos/as educadores/as?

Acredito que será uma grande conquista para a categoria possuir no currículo essa formação, esse aprendizado, ter acesso a esses “caminhos” por onde deverão fluir os escapes tóxicos das angústias e das dores do exercício docente (Colaborador P, 2023).

Sim. Muito importante. Professores que têm contato com estratégias de desenvolvimento socioemocional podem ter mais satisfação e bem-estar com o seu trabalho (Colaboradora AC, 2023).

De modo geral, as respostas dos/as colaboradores/as ao questionário contribuíram para a pesquisadora adquirir dados importantes sobre os processos de aprendizagem acerca dos saberes socioemocionais no percurso profissional de cada um/a deles/as.

Totalmente importante, relevante e indispensável, pois o aprendizado, acredito, se torna muito mais fácil, rápido e efetivo com a participação da afetividade em seu processo (Colaborador D, 2023).

É fundamental, pois é preciso cuidar de quem cuida. Nós, professores, além de desvalorizados em vários aspectos, estamos exaustos. Continuamos fazendo o melhor que podemos, sendo cobrados sem recursos ou formações de qualidade, tendo que lidar com tantos desafios em sala de aula (alunos sem limites, alunos que chegam ao Fundamental 2 ainda em processo de alfabetização, alunos que lidam com transtornos mentais diversos etc.) e ninguém olha para nós – aliás, todo esse pacote é colocado em nossas costas e ainda nos é cobrado alto rendimento, sem política pública que nos dê o mínimo de suporte. Penso que, se o docente estiver emocionalmente organizado, ele terá mais condições de lidar com as adversidades e de gerir melhor os desafios que tem enfrentado em sala de aula. Ser ouvido, ser visto, ser cuidado e aprender a olhar e a agir de maneira mais leve e harmoniosa abre caminhos para mudanças positivas na relação consigo, com os estudantes e com tudo o que diz respeito à jornada de trabalho. Afinal, se a gente muda o nosso olhar, tudo se transforma ao nosso redor (Colaboradora, L, 2023).

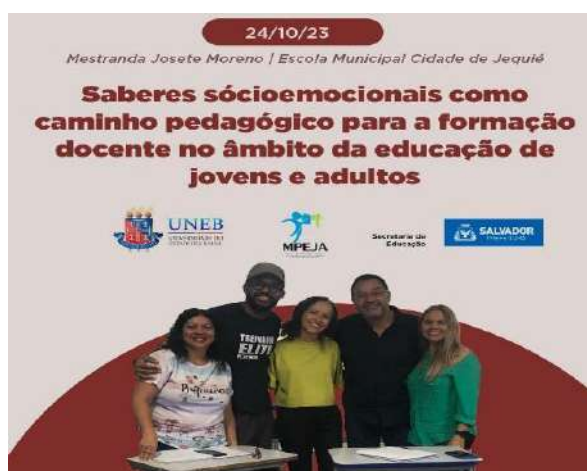
Frente às perguntas e às respostas do questionário, percebe-se que os/as professores/as não tiveram formação inicial na graduação, independentemente do curso realizado, nem formação continuada acerca do tema dos saberes socioemocionais. As respostas apontam que os cursos de graduação não apresentam componentes curriculares específicos da educação socioemocional.

Quem mais se aproximou desse saber na graduação foi a professora de Artes, mas, ainda assim, ela diz não ter cursado uma disciplina específica sobre o socioemocional. A dimensão afetiva tem uma importância fundamental na construção do eu. Quando não temos conhecimento sobre nossas emoções, elas podem nos atrapalhar no dia a dia, distanciando-nos da razão. De acordo com Dantas (1992, p. 88), “A emoção traz consigo a tendência para reduzir a eficácia do funcionamento cognitivo”, o que quer dizer que a emoção pode influenciar nos processos de aprendizagem.

Ainda sobre as respostas dos/as colaboradores/as, de forma unânime, elas denunciam a necessidade de formação, para que os professores/as se sintam seguros para construir planejamentos que contemplem esses saberes, confirmando a despreparação nessa área. Também, as respostas sugerem a necessidade de os/as colaboradores/as cuidarem das suas questões socioemocionais, as quais são invisibilizadas no local de trabalho.

3.5.4 Terceiro encontro formativo: sentir, pensar e agir consciente

Figura 13 – 3º encontro – Grupo focal



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023)

No dia 24/10/2023, às 19h, realizamos o 3º encontro com o tema *Sentir, pensar e agir consciente*. Neste encontro formativo, com a sala organizada em círculo, nos aproximamos do conceito que contempla a educação socioemocional: o sentir, o pensar e o agir, fazendo uma relação com o cérebro, a partir da identificação do hemisfério cerebral que corresponde a cada uma dessas ações, de como essas ações funcionam em nosso cérebro e a importância de reconhecer nossos sentimentos e saber nomeá-los. Como acolhida, realizamos um exercício de respiração consciente para promover foco, atenção e percepção dos nossos sentimentos no aqui e no agora, naquele momento e logo após a leitura da citação a seguir, com o objetivo de nos aproximarmos da relação corpo e mente.

O homem deve saber que de nenhum outro lugar, mas apenas do encéfalo, vem a alegria, o prazer, o riso e a diversão, o pesar, o luto, o desalento e a lamentação. E por isso, de uma maneira especial, nós adquirimos sabedoria e conhecimento e enxergamos e ouvimos e sabemos o que é justo e injusto, o que é bom e o que é ruim, o que é doce e o que é insípido... E pelo mesmo órgão nos tornamos loucos e delirantes, e medos e terrores nos assombram... Todas essas coisas nós temos de suportar do encéfalo quando não está sadio... Nesse sentido, opino que é o encéfalo

quem exerce o maior poder sobre o homem. — Hipócrates, Sobre a Doença Sagrada (Séc. IV a.C.) (Bear; Connors; Paradiso, 2018, p. 4).

O que Hipócrates, o mais célebre médico da Antiguidade e o iniciador da observação clínica, ensinou é que o conhecimento do corpo é impossível sem o conhecimento do homem como um todo. A partir da música *Tempo Rei* (Gil 1984), fizemos uma analogia com o currículo da escola, que, por demandar a abordagem de muitos conteúdos, requer uma administração do tempo e do espaço escolar para o melhor aproveitamento dos saberes necessários a serem aprendidos e ensinados pelos educadores/as da EJA.

Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo, transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos
[...] **Pensamento**
Mesmo o fundamento singular do ser humano
De um momento para o outro
Poderá não mais fundar nem gregos, nem baianos (Gil, 1984, *grifos da pesquisadora*).

O fator tempo sempre aparecia nos encontros como um tema a ser pensado dentro do trabalho pedagógico. O tempo pedagógico tem contribuído para os saberes necessários de um tempo atual estarem nos planejamentos? A partir da frase que muito escutamos das pessoas quando se faz algo de forma impulsiva: “Eu fiz sem pensar”, partimos para entender que o hemisfério esquerdo do cérebro está diretamente ligado ao pensar, enquanto o hemisfério direito, diretamente ligado ao sentir.

De acordo com Damásio (2000), ao resolver um problema, o hemisfério esquerdo irá tratar das deduções lógicas, enquanto o direito providenciará uma perspectiva geral intuitiva. Porém, não podemos viver sem um dos hemisférios. Todo o pensamento é um resultado dos processos de pensamentos dos dois hemisférios. Nesse sentido, o autor versa sobre o fato de a emoção e o sentimento funcionarem em paralelo. Esses conceitos foram apresentados, provocando os/as educadores/as a pensarem nas suas tendências de ações como professor. Mais para o pensar ou mais para o sentir? E os seus educandos/as, qual a tendência deles/as? O que prevalece, o pensar ou o sentir? Quais as consequências de cada tendência? Essas foram, dentre outras, reflexões que aproximaram os professores/as colaboradores/as do autoconhecimento e do entendimento do comportamento dos/as educandos/as.

Encerramos as atividades desse encontro com um breve relaxamento, com a finalidade de promover uma consciência das emoções e dos sentimentos que emergiram naquele encontro.

3.5.5 Quarto encontro formativo: a produção das cartas pedagógicas

Figura 14 – 4º encontro – Grupo focal



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023)

O quarto encontro aconteceu no dia 31/10/2023, às 19h, na sala dos professores/as, onde tem uma mesa retangular grande com oito lugares. Escutamos a música *Maior*, de Dani Black e Milton Nascimento (2015), com a proposta de refletirmos sobre nosso processo de autoconhecimento e aquisição de novos saberes.

Eu sou maior
Do que era antes
Estou melhor
 Do que era ontem
 Eu sou filho do mistério e do silêncio
 Somente o tempo vai me revelar quem sou

As cores mudam
 As mudas crescem
 Quando se desnudam
 Quando não se esquecem
 daquelas dores que deixamos para trás

Sem saber que aquele choro valia ouro
Estamos existindo entre mistérios e silêncios
Evoluindo a cada lua, a cada sol
Se era certo ou se errei
Se sou súdito, se sou rei
Somente atento à voz do tempo saberei (Black e Nascimento, 2015, *grifos da pesquisadora*).

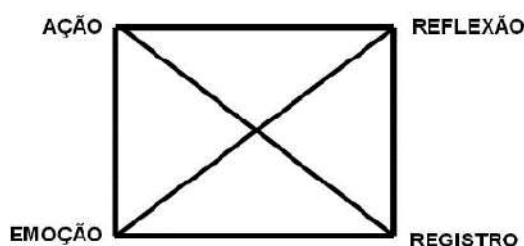
Orientei para que escutassem a música de olhos fechados e em silêncio, o que gerou um clima de tranquilidade na sala e introspecção de cada um/a. Havia, na sala, um professor de Língua Portuguesa e uma professora de Inglês que, apesar de não estarem oficializados

como colaboradores/as da pesquisa, se interessaram em escrever as cartas pedagógicas. Realizamos a leitura sobre o conceito de cartas pedagógicas:

A carta, como um instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter de rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma, nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso. [...] É nesse sentido, agregando os conceitos de “carta” e de “pedagogia”, que as cartas pedagógicas tomam uma dimensão fortemente marcada pelo compromisso com um diálogo que construa, de forma sistemática, mas agradavelmente humana, a reflexão rigorosa acerca das questões da educação (Vieira, 2018, p. 75-76).

Segundo Freitas (2020), a produção da escrita de uma carta pedagógica perpassa por um tetragrama com ações que se intercalam no fazer do autor até a produção final.

Figura 15 – Tetragrama/Carta pedagógica



Fonte: Freitas, 2020a, p. 75

A partir do tetragrama acima apresentado, o qual simboliza o processo de escrita das cartas, usei em pensarmos um caminho mais detalhado para a produção de uma carta pedagógica, guiado por dez passos: 1. Afeto, 2. Emoção, 3. Sentimento, 4. Memórias, 5. Reflexão, 6. Produção escrita, 7. Revisão, 8. Troca de posição de escritor para leitor, 9. Reescrita e 10. Envio. Essas etapas também se repetem no leitor ao receber a carta, quando se propõe a responder.

Conforme Dickmann (2020, p. 24), no livro *Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular*, afirma que “As Cartas Pedagógicas revelam um pensamento dialógico que compreende a educação como processo de humanização dos seres humanos”. De acordo com ele, uma das características da carta é:

Toda carta pedagógica tem seu início na história de vida e na realidade de quem escreve. Em outras palavras, escrevemos a partir do que vivemos e de onde vivemos. Logo, uma carta pedagógica sempre expressará nossa vida. Embora óbvio, este

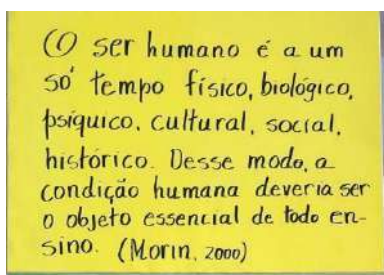
elemento nos ajuda a entender a dimensão humana concreta que a carta traz em suas linhas (Dickmann, 2020, p. 39).

É possível confirmar o que o autor nos diz a partir das escritas dos/das colaboradores/as que escreveram as cartas pedagógicas a partir das suas experiências, com denúncias e anúncios acerca da importância, mas também da invisibilidade da educação socioemocional nos currículos escolares, nos cursos de graduação e nas formações inicial e continuada para professores/as, fatos vivenciados por ele/as. Quando escrevemos, colocamos no papel as emoções, que são os sentimentos já elaborados, agora em pensamentos e, através da cognição, desenvolvemos mais consciência daquilo que escrevemos. O corpo, a mão, o papel e a escrita são instrumentos de consciência. Sobre isso, Freire (1989) preconiza:

Veja que a mão humana é tremendamente cultural. Ela é fazedora, ela é sensibilidade, ela é visibilidade, a mão pensa e age. E eu faço ênfase nesses movimentos pelos quais o corpo humano vira corpo consciente. O corpo se transforma em corpo percebido. E ele descreve, ele anota que, em sua transformação, a vida social está mudando também. O corpo age e, durante suas atitudes, ele desaninha de si e de suas relações o conhecimento sobre a vida (Freire, 1989, p. 34).

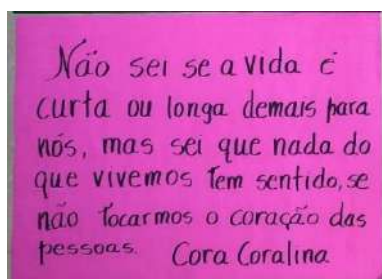
Ao pararmos para organizar os pensamentos, estamos tendo contato com nossos sentimentos, de forma que a razão já está presente, possibilitando, assim, redefinirmos nossas emoções de uma forma bem mais consciente com criatividade e novas possibilidades. Após esse primeiro momento reflexivo, seguimos para a leitura e a reflexão dos três cartazes que levei em papel carmo colorido, com citações dos/as autores/as Edgar Morin, Cora Coralina, Leite e Gazoli. Deixei fixados no mural da sala e orientei, para quem tivesse interesse, ler em voz alta e tecer possíveis comentários.

Figura 16 – 4º EF: cartas pedagógicas



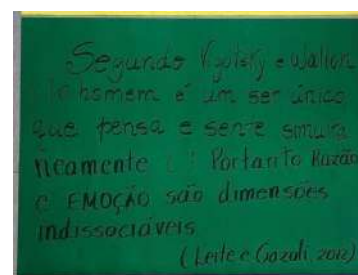
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 17 – 4º EF: cartas pedagógicas



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 18 – 4º EF: cartas pedagógicas



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Logo após a dinâmica, escutei o que eles traziam, em frases como:

Vivemos tão atarefados e presos a dar conta de conteúdos e prazos que esquecemos do emocional. Ao ouvir Josete, comecei a me dar conta de que preciso ser mais próxima de meus alunos, ter mais empatia, mais compreensão, mais compaixão (Professora S, 2023).

A tradição da “ensinagem” no nosso país insiste em formar mentes cheias de conteúdos desconectados de um pulsar das emoções como se corpo e mente vivessem dissociados (Professor L, 2023).

Em cada fala podemos reconhecer a “dor e a delícia” de ser um/a educador/a. É possível identificar a preocupação deles/as de como chegar nos seus/suas alunos/as para ajudar nas questões socioemocionais, apresentando consciência da necessidade do autocuidado. Este, também, foi um momento de escuta dos desabafos, das queixas e das expectativas do grupo. De acordo com Carvalho (2013):

O que se espera da Educação é uma mudança de paradigma, no qual o ser humano não seja visto de forma fragmentada, dividindo razão, corpo e emoção, mas que esses elementos dialoguem e façam parte do cotidiano escolar, incluindo a perspectiva sociocultural de mundo de todos aqueles que participam, direta ou indiretamente da educação, sejam eles pais, educadores, Gestores ou a sociedade como um todo (Carvalho, 2013, p. 27).

A autora Carvalho (2013) nos conclama a fazer uma educação que contemple o sujeito na condição de completude do ser, para que se possa ter uma educação que atenda à condição humana, em que razão, corpo e emoção sejam valorizados e possam estar paralelamente em diálogos nas diversas experiências educacionais.

Ainda, algumas contribuições dos participantes:

Diante da realidade das nossas escolas, faz-se necessário e urgente que se ofereçam processos formativos com foco no desenvolvimento das competências e das habilidades socioemocionais, trazendo para centralidade das discussões as experiências vivenciadas pelos professores no contexto da sala de aula (Coordenadora 4, 2023).

Nós, professores, não recebemos em nossa formação acadêmica o preparo para trabalhar com o socioemocional. Aprendemos a trabalhar o racional, lógico e objetivo (Professor L, 2023).

Percebi o quanto estou desqualificado para atender a esses “adoecimentos” dos meus alunos, porque também estou “adoecido” (Colaborador P, 2023).

Após toda a sensibilização, pedi que pensassem para quem eles gostariam de enviar uma carta falando sobre os saberes socioemocionais na formação de professores/as. O que eles/as gostariam de dizer nesta carta? Seguimos nos passos de sentir, pensar, escrever, ler e concluir. Cada colaborador/a recebeu um bloco de papel e deu início à escrita.

As cartas pedagógicas contribuíram para que os colaboradores/as da pesquisa tivessem a oportunidade de expressarem, através da escrita, saberes, indagações, críticas e sugestões, aflorados nos encontros formativos. De acordo com Gatti (2005, p. 9): “[...] o grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de manifestar”.

Ao final, os colaboradores/as, avaliaram o encontro como:

Muito bom. Faz tempo que não escrevo cartas (Colaborador D, 2023).

Gostei. Me fez pensar nas minhas ações na sala de aula (Colaboradora A, 2023).

Foi bom, me dei conta do que preciso mudar (Colaboradora C, 2023).

Me fez parar para refletir sobre (Colaborador P, 2023).

Foi com os encontros formativos, as respostas do questionário e a produção escrita das cartas pedagógicas que se tornou possível interpretar dados e informações que, na verdade, eram manifestados pelo corpo, pelo olhar, pela entonação de voz e pelo modo de falar dos colaboradores/as.

4 CARTAS PEDAGÓGICAS: O SENTIR DENUNCIA, A ESPERANÇA ANUNCIA

[...] escrever não é uma questão apenas de satisfação pessoal. Não escrevo somente porque me dá prazer escrever, mas também porque me sinto politicamente comprometido, porque gostaria de convencer outras pessoas, sem a elas mentir, de que o sonho ou os sonhos de que falo, sobre que escrevo e porque luto, valem a pena ser tentados (Freire, 1994, p. 15-16).

Nesta seção, estão as produções das cartas pedagógicas escritas pelos/as participantes da pesquisa, denunciando lacunas, invisibilidade da educação socioemocional, ausência de formação continuada para os/as professores/as na área da educação socioemocional, sentimentos, saberes e não saberes e, ainda, suas expectativas, anunciadas nas expectativas e nas possibilidades de um aprender e um ensinar pautados nos saberes socioemocionais.

Confesso que sou apaixonada por cartas e foi na disciplina *Cidadania, inclusão e ética*, com a professora Carla Liane, em uma dinâmica proposta por ela, que despertou em mim o desejo de apresentar as cartas pedagógicas para os colaboradores/as participantes da minha pesquisa e propor que eles escrevessem. Sabia que o grupo tinha muito a contribuir e permitir esse momento de escrita seria de grande relevância para ele/as e para mim como pesquisadora, assim como para a própria pesquisa. As cartas pedagógicas eram uma das formas de comunicação que Paulo Freire gostava de utilizar, sendo um legado do autor à

formação de educadores/as. No livro *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*, Andreola (2000) escreve na Carta-prefácio para Freire, dizendo:

A leitura atenta de tuas Cartas exigirá de todos nós uma releitura de tua obra. Elas acrescentam novas dimensões, ressignificando, em sua totalidade, o teu legado. Sem esquecer as perspectivas da inteligência, da razão, da corporeidade, da ética e da política, para a existência pessoal e coletiva, enfatiza também o papel das emoções dos sentimentos, dos desejos, da vontade, da decisão, da resistência, da escolha, da curiosidade, da criatividade, da intuição, da esteticidade, da beleza da vida, do mundo, do conhecimento. No que tange às emoções, reafirmas a amorosidade e a afetividade, como fatores básicos da vida humana e da educação (Andreola, 2000, p. 9).

Como bem disse Andreola (2000) na citação acima, Freire (2000), nas suas cartas, dá ênfase, em uma mesma proporção, à inteligência e à razão, mas também ressalta a importância das emoções e dos sentimentos. Veremos, a seguir, cartas que apresentam narrativas com os entrelaces e tais características. Além de ser uma das formas de comunicação que Paulo Freire tanto gostava de utilizar, sobretudo no período do exílio, as cartas pedagógicas tornaram-se um legado do autor à formação de educadores/as.

Queirós (1986, p.5), no seu livro infantojuvenil *Correspondência*, nos diz que “As palavras sabem muito mais longe”. Entendendo o processo de escrita de uma carta, é possível compreender o verdadeiro sentido da frase, pois, no caminhar das cartas, as palavras ultrapassam limites de espaços e tempos, andam e vivem mais que as próprias pessoas que as escreveram. *Correspondência* é um livro que contém várias cartas de amor ao Brasil, escritas e compartilhadas entre amigos/as, com o objetivo de acordar e adormecer palavras que defendam a democracia e um Brasil mais justo.

Cada uma das cartas destaca o valor de diferentes palavras como: Trabalho, Justiça, Terra, Paz, Esperança, Igualdade... É então, como fica claro na última correspondência, um voto em favor de que a nossa "Carta maior" a constituição viesse a ser justa, verdadeira e atendesse aos sonhos de nosso povo. Com a habitual sensibilidade de Bartolomeu, este livro também permite que o leitor conheça e tenha contato com o processo e o modo de escrita das tradicionais e demoradas correspondências, hoje substituídas pelos recorrentes e-mails e pelas rápidas mensagens de textos (Global, 2024).

Assim, podemos identificar carta pedagógica como um dispositivo da emoção, do pensamento e da reflexão, do/a escriba e do/a leitor/a, ou seja, do remetente e do destinatário. A escolha para quem será destinada a carta e o que será escrito também é um dispositivo de acesso às subjetividades, provocando, na maioria das vezes, o prazer em escrever com o envolvimento do imaginário. Eu já imaginava as cartas pedagógicas escritas e o efeito que essas causariam nos/as leitores. Imaginava os/as colaboradores/as da pesquisa usando suas

mãos e a caneta para bordarem, com letras, as linhas do papel, na reflexão do objeto da pesquisa. Criar, assim, um documento, a partir das nossas vivências, que faria parte da dissertação em uma etapa quase de conclusão, com destaque e em articulação com as reflexões realizadas durante os encontros do grupo focal, tendo, portanto, uma maior contribuição deles/as.

Na dinâmica realizada pela prof.^a Carla Liane, ela nos propôs escrever para alguém acerca do tema: os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) podem ser considerados cidadãos? A dinâmica me mobilizou a ir no passado ,como faz a ave *Sankofa*, que, na sua etimologia da palavra, em ganês, inclui os termos san (voltar, retornar), ko (ir) e fa (olhar, buscar e pegar). Voltei ao passado e me mantive no presente reflexivo de denúncias, para anunciar um futuro, pensando em possibilidades.

O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Como um símbolo, Sankofa pode ser representado como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Também se apresenta como um desenho similar ao coração ocidental. Sankofa ensinaria a possibilidade de voltar atrás, às nossas raízes, para poder realizar nosso potencial para avançar. Sankofa é, assim, uma realização do eu, individual e coletivo. O que quer que seja que tenha sido perdido, esquecido, renunciado ou privado, pode ser reclamado, reavivado, preservado ou perpetuado. Ele representa os conceitos de auto-identidade e redefinição (Portal da Revista da USP, 1983).

Foi nesta perspectiva que desenvolvi a atividade com os/as professores/as, propondo uma reflexão de um passado, um presente e um futuro, com denúncias e anúncios acerca da educação socioemocional no currículo das escolas. Trarei, aqui, as cartas pedagógicas dos colaboradores/as da pesquisa, assim como de outros/as autores/as que não participaram da pesquisa, mas irão ilustrar e contribuir com esta seção. Essa foi uma sugestão da banca de Qualificação, a qual eu acatei, acreditando ser bem pertinente. São dez cartas ao total e iniciarei a apresentação com a minha carta pedagógica, que hoje faz parte do livro *Cartas pedagógicas da turma 10 – PPGEJA: escrevendo sobre cidadania, inclusão e ética na Educação de Jovens e Adultos*, de autoria dos/as mestrandos/as da turma 10 do PPGEJA.

4.1 Cartas pedagógicas: as palavras sentem muito mais

Apreendi que há um poder intrínseco nesta forma de escrever. Pela sua simplicidade, as pessoas se dispõem mais facilmente e se desafiam a colocar em texto suas reflexões, suas ideias. A estrutura de uma carta pedagógica é mais maleável, mais livre do que um artigo acadêmico, por exemplo. Isso possibilita que mais gente

escreva sobre suas aprendizagens e compartilhe os seus conhecimentos (Dickmann, 2020, p. 37).

Corroborando a afirmação do autor, acima, sinto-me desejosa em iniciar esta seção, compartilhando a carta que enderecei para a prof.^a Carla Liane, produzida a partir de uma dinâmica desenvolvida em uma das suas aulas no componente curricular *Cidadania, inclusão e ética na Educação de Jovens e Adultos*.

CARTA 1

Salvador, 13 de setembro de 2023

Querida prof.^a Carla Liane,
Saúde e paz!

Sinto-me feliz em escrever uma carta pedagógica para você, me apropriando de um instrumento que, na contemporaneidade, não tem sido usado como foi em tempos atrás, a carta. Com as novas tecnologias, o papel e a caneta estão, cada vez mais, sendo trocados pelo teclado dos aparelhos celulares, *tablets* e computadores. Essa escrita me remeteu a memórias afetivas, lembranças de quando ainda era adolescente e recebia cartas do meu pai, vindas do mar.

Meu pai era comandante de navio e, em todos os portos que parava, escrevia, com suas letras bordadas, para nós — eu, minha irmã e minha mãe. O fato é que nós nunca conseguíamos responder àquelas cartas, porque, quando chegavam até nós, meu pai já havia saído daquele porto e, possivelmente, estaria em alto mar ou em outro porto que ainda não sabíamos qual. A alegria de receber aquele envelope branco com as bordas em verde e amarelo, com meu nome, fazia o meu coração bater mais forte e os olhos encherem de lágrimas ao iniciar a leitura das primeiras linhas, que sempre diziam assim: “Querida filha, espero que esta te encontre bem”.

Escrevo-te, prof.^a Carla Liane, para compartilhar os meus pensamentos quanto a esta pergunta reflexiva: os sujeitos da EJA – Educação de Jovens e Adultos — podem ser considerados cidadãos? Confesso que o texto *As cidadanias mutiladas*, de Santos (1997), contribuiu para ampliar minhas reflexões acerca do tema. E eu que achava que todos/as somos cidadãos/ãs, apenas por termos um registro, um CPF e uma identidade, ou mesmo se não tiver

os números de identificação na sociedade, cidadãos/ãs, por estarmos ocupando um espaço no mundo. Ledo engano.

Pensando nos/as nossos/as educandos/as da Educação de Jovens e Adultos, muitas vezes, dentro da mesma sala de aula, se encontrando em família — filha, mãe e avó, por exemplo —, vivenciando a mesma situação de desigualdade com o direito à educação há três gerações, me questiono: onde está o *ser* cidadão/ã de direitos? Por que essas pessoas não conseguem ter acesso à escola, ao trabalho, à saúde e ao lazer e sentirem-se pertencentes e participantes de uma sociedade com seus direitos garantidos? O que o Estado faz para se constituir como uma sociedade decolonial?

Na dinâmica do Varal pedagógico que você disponibilizou na sala, em uma das suas aulas magnas, tive oportunidade de ler a citação de uma educanda da EJA, Salete, que dizia assim:

Eu gosto de vir para a escola, quando é seis horas da tarde eu já tô arrumada e indo pegar o escolar pra vir, chega aqui conversa com um e com outro, copia as atividades, melhor que ficar em casa sozinha, a pessoa em casa sozinha fica pensando coisa que não presta e as vezes é só problema, coloca isso na cabeça e depois faz é adoecer (Salete).

Isso, prof.^a Carla Liane, me faz pensar no quanto é importante entendermos que a escola é feita de pessoas e que pessoas são feitas de sentimentos e relações. A importância de reconhecermos que as emoções fazem parte de toda e qualquer situação nos leva a entender o porquê de precisarmos ter um currículo nas instituições educacionais que contemple e priorize saberes do aprender a ser e aprender a conviver, em uma perspectiva de consciência de si, pois não existe cognição separada da emoção. Henry Wallon (1995) defende que a vida psíquica é formada por três dimensões — motora, afetiva e cognitiva — que atuam de forma integrada. Apropriando-nos desse saber, podemos entender melhor o que pontua a educanda Salete na citação acima.

Continuo esses escritos, prof.^a Carla Liane, afirmando que acredito que ser cidadão/ã também perpassa pelo reconhecimento de que somos sujeitos/as biopsicossociais e precisamos ser vistos nas nossas diversas dimensões existentes a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico, reconhecendo, como diz Morin (2001), que a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino.

Voltando à questão reflexiva que compõem esta carta, através da pergunta de se os sujeitos da EJA podem ser considerados cidadãos, cito Santos (1997), novamente, para lembrar que ele nos informa uma lista de cidadanias mutiladas no nosso país e uma delas é na

educação. Santos (1997) nos fala da ausência de democracia no nosso país, da competitividade que impera na sociedade, do consumo que valoriza o ter no lugar do ideal de ser, da violência do dinheiro e da violência da informação.

A minha intenção, prof.^a Carla Liane, é que esta carta possa chegar à forma do título do livro de Freire (1997) *Denúncia, Anúncio, Profecia, Utopia e Sonho*. Nesse livro, Paulo Freire fez uma crítica à ética do mercado, pervertido, frio e indiferente às questões humanas. Em oposição, ele representa ser, viver com dignidade, amar, estudar, ler o mundo e a palavra, vencer o medo, acreditar, descansar, sonhar. Denuncio, aqui, o descaso com a Educação de Jovens e Adultos, de modo que, nas salas de aula, predominam na sua maioria pessoas negras, mulheres, adultas com um histórico de exclusão e subtração de seus direitos básicos, impedidas de exercerem seu papel de cidadãs pelas inúmeras dificuldades encontradas na sociedade para uma sobrevivência digna, justa e humana.

Parabenizo-te, prof.^a Carla Liane, pela iniciativa de nos propor tal atividade que, com certeza, torna-se mais fácil para escrever do que um artigo, envolve-nos de emoção, possibilita uma escrita mais fluida e, como consequência, amplia o prazer na prática da escrita, atingindo um maior número de colegas. São muitas as estratégias pedagógicas que facilitam os processos do aprender e do ensinar e essa é uma delas.

Obrigada por fortalecer esta tipologia textual: carta, perdida nas salas de aulas do ensino básico, depois da invasão das novas tecnologias nos processos de comunicação, que levou as pessoas a usarem os novos recursos e dispensarem a caneta, o papel e as letras cursivas escritas a mão para comunicar-se. Obrigada por resgatar esse saber na academia e nos apresentar as cartas pedagógicas. Obrigada por nos fazer enxergar as cidadanias mutiladas, assim como nos mostrar caminhos possíveis para exercermos a nossa cidadania na educação.

O meu desejo é que as utopias da educação sirvam como caminhos de motivação para que educandos/as e educadores/as conscientizem-se a cada novo dia de que é preciso denunciar o que precisa mudar, anunciar possibilidades e compreender que a mudança para o melhor só é possível a partir dos movimentos das nossas ações, que não basta só querer, mas é preciso conscientizar-se, para que o sonho saia do pensamento e corporifique-se.

Aproximando-me do fim desta carta, já me despeço. Momentaneamente, sim, porque o que aqui discorro não se esgota nestas linhas e precisará de muitas reflexões e ações, para que possamos alcançar tantas outras pessoas em um processo de desenvolvimento contínuo de consciência do papel de cada um como agente de mudanças.

Despeço-me com um até breve, com muito carinho e apreço, na certeza de que estaremos juntas na busca por caminhos respeitosos, afetivos e dignos para a efetivação de uma educação justa e igualitária para os/as sujeitos/as da Educação de Jovens e Adultos. Que possamos caminhar no combate ao racismo perverso, aniquilando preconceitos e discriminações, fortalecendo, nos/as sujeitos/as da EJA, a autonomia e a confiança nos seus processos de desenvolvimento cognitivo, emocional, físico, cultural, psíquico e, conseqüentemente, do *ser* cidadão/ã.

Josete Moreno

CARTA 2

Salvador, 14 de novembro de 2023

Queridos educandos,
Saúde e paz!

DAS UTOPIAS
Se as coisas são inatingíveis, ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas!
Mário Quintana

Estou escrevendo esta carta pedagógica para compartilhar com vocês um pouco de minha experiência em sala de aula nestes 30 anos de trabalho e fazer um agradecimento. Não vou precisar entrar em correntes filosóficas porque não se faz necessário. Carrego dentro de mim um pouco do aprendizado de cada um de vocês. Wallon, Piaget, Vigotsky, Morin, Ferrero, Nóvoa são teóricos que me mostraram o caminho da estrada. **Mas quem teve que andar fui eu próprio com os meus próprios pés, com meus erros e acertos (mais acertos que erros, tenho certeza).**

Recentemente, estou estudando Alfred Adler, que propõe a questão da sala de aula como uma nação democrática. Isso eu já conhecia com nosso Paulo Freire. **Aprendi a amar vocês antes de transmitir o conhecimento, uma leitura em Pedagogia do Amor.** Como será muito difícil narrar uma trajetória de 30 anos, farei apenas uma síntese e um agradecimento, porque aprendi muito com vocês.

Como a atuação em sala de aula será sempre uma “via de mão dupla”, aproveito o espaço para agradecer a vocês com quem tanto aprendi. Vocês são o sal para a humanidade; mas, se o sal perde o gosto, deixa de ser sal e não serve para mais nada. É jogado fora e pisado pelas pessoas que passam. **Vocês são a luz para o mundo.** Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. Ninguém acende uma lamparina para colocá-la debaixo de um cesto. Pelo contrário, ela é colocada no lugar próprio para que ilumine todos os que estão na casa. Assim também a luz de vocês deve brilhar para que os outros vejam as coisas boas que vocês fazem e louvem o Pai de vocês, que está no céu. Matheus 5, 13-16.

Lembrem-se, também, de Madre Teresa: Para manter uma lamparina acesa, precisamos continuar colocando óleo nela. Para escrever esta mensagem, pensei em buscar frases de Aristóteles, Sócrates ou Platão. Lembrei-me que aprendi com vocês a Filosofia necessária para entender os questionamentos do mundo. Pensei em citar frases de autoajuda de escritores como Augusto Cury, Paulo Coelho, Lair Ribeiro, ou de sacos de embalagens de papel (sacos de pão), mas lembrei-me que a vida é feita de gestos concretos de superação, lembrei-me muito de todos vocês. Pensei em buscar o apoio de Drummond, Fernando Pessoa ou Shakespeare, mas dividi com vocês a poesia diária inspirada em Pablo Neruda, Cora Coralina e Patativa do Assaré. Pensei em narrar as batalhas de Carlos Magno, Luis XIV, Alexandre, O Grande e seus exércitos, Júlio César, os guerreiros mongóis, Rei Artur, e lembrei-me que todos vocês são heróis de verdade, superaram limites, venceram batalhas diárias.

Não será preciso citar frases de palestras interessantes de motivação, liderança, coletividade e paixão, a exemplo de Michel Lewis ou Transformando Suor em Ouro, de Bernardinho ou Nunca Deixe de Tentar, de Michael Jordan, que conscientizam as pessoas sobre a importância da busca pelos seus objetivos, pois tenho, diante de meus olhos, a prova concreta de que não há obstáculo que não seja vencido, meta que não seja alcançada, missão que não seja cumprida.

Cada um de vocês tem uma história que entra na lista de *bestsellers* como exemplo de superação de obstáculos, determinação, persistência e humildade para retomar a busca pelo conhecimento após anos fora da sala de aula. São verdadeiras histórias de sucesso.

Não há necessidade de citar Luísa Mahin, seu filho Luis Gama, Maria Quitéria, Martin Luther King, pois, imediatamente, pensei nas ideias de liberdade e igualdade presentes nas falas de vocês. Pensei em citar Paulo Freire, Henri Wallon, Vigotski, mas aprendi com cada um de vocês que não há limites para aprendizagem. Cada um deles tinha algo diferente para

ensinar. Lembrei-me da fala de Paulo Freire: Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.

Lembrei-me de Lucas, O Evangelhista, c. 9-48, aquele que entre vós for o menor de todos, esse é que o grande. Lembrei-me de nosso aluno Rafael Barreto. Com vocês, aprendi a arte dramática, o teatro vivo, a expressão corporal e atitudes para preservar o meio ambiente; não precisei citar Gil Vicente, Shakespeare ou Molière. Não será preciso mencionar Pe. Zezinho, Pe. Fábio de Melo, Marcelo Rossi ou Reginaldo Manzotti, lembrei-me da tranquilidade, paciência e generosidade de cada um, cada uma de vocês.

Enquanto escrevia esta carta pedagógica para vocês, lembrei-me de mulheres vitoriosas, exemplo de amor a Deus — Rute, Esther, Judite, Sarah, Rachel — e lembrei-me de todas vocês. Pensei em citar a força, a beleza, o amor presentes em Cybele "Mãe dos Deuses" ou deusa mãe, simbolizava a fertilidade da natureza, Atena, deusa da inteligência, das artes, Vênus, Deusa do amor ou Afrodite, deusa da beleza, mas lembrei-me de nossas deusas guerreiras daqui desta turma. Vocês são orgulho para mim e a certeza de que devemos acreditar em sonhos.

Sonhar mais um sonho impossível
Lutar quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão

Meus queridos alunos, minhas queridas alunas,

Deverão, como cidadãos, indignar-se com a corrupção, a falsidade, a mentira, a miséria e o analfabetismo que fazem parte da nossa sociedade. Lutem por um país mais justo, mais democrático. Pensem, diariamente, como podem contribuir para melhorar a educação pública do Brasil. Sem uma educação pública de qualidade, inevitavelmente, não há progresso, não há diminuição da desigualdade social, da miséria que assola o nosso país.

Confúcio, filósofo chinês, ao ser convidado para fazer parte do governo que estava à beira do caos, depois de alguns momentos de reflexão, disse: Estou rezando pelo país. Depois irei ajudar um homem ali naquela esquina, fazendo o que está ao nosso alcance, beneficiamos todos. Apenas tentando ter ideias para salvar o mundo, não ajudamos nem a nós mesmos. Existem mil maneiras de se fazer política – não é preciso ser parte do governo.

Confio que, a partir de hoje, vocês estarão mais tolerantes uns com os outros, são capazes de repudiarem a ignorância, que é sinal de atraso econômico, político e social. Acredito que estarão também mais generosos com o próximo, ajudarão o cego a enxergar o caminho, os surdos a ouvirem a verdade, o órfão a conhecer o acalento de um ombro amigo, ao mudo intérprete para a prática do bem, um sorriso aos desanimados, um abrigo ao desamparado, a leitura ao analfabeto, esperança aos muito honestos.

Deus não escolhe os fracos, capacita os escolhidos. A vocês, não é dado fugir do compromisso de lutar por dias melhores. A quem muito é dado muito será cobrado. Lc 12,48. Não percam nunca a ingenuidade do ser criança, lembrem-se da parábola de Jesus para que sejamos como crianças aos olhos de Deus, na sinceridade dos fatos, na convicção na defesa dos ideais, na procura pela felicidade.

Naquela mesma hora os discípulos se aproximaram de Jesus, perguntando: Quem é o maior no reino dos céus? Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles, e disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrarão no reino dos céus. Portanto, aquele que se tornar humilde como esta criança, esse é o maior do reino dos céus. E todo aquele que receber, em meu nome, uma criança como esta, recebe a mim. Mateus 18:1-14

Olhando para trás, posso afirmar que tudo vale a pena se a alma não é pequena. Sei que levarão com vocês momentos de alegria, de partilha, mas também as pedras que encontrarão no meio do caminho.

Caminhante, são teus rastros
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.
Ao andar faz-se o caminho,
e ao olhar-se para trás
vê-se a senda que jamais
se há de voltar a pisar.
Caminhante, não há caminho,
somente sulcos no mar. *Grande poeta castelhano – Antonio Machado.*

Aprendemos com a Língua Portuguesa muito mais que classificar as palavras ou identificar a sílaba tônica. Aprendemos que a comunicação humana se passa necessariamente pela língua falada ou escrita. Saramago, ao receber o Nobel de Literatura, critica a falta de diálogo entre as nações e diz que é mais fácil enviar para Marte um robô do que resolver um problema com o vizinho. **Desejo que os substantivos que façam parte da vida de todos, a partir de hoje, sejam: amor, alegria, vitória, esperança; os adjetivos, saudável, harmonioso; os verbos, amar, compreender, compartilhar.**

Em um dos textos de *Conversas familiares*, ao ser perguntado o que é um bom professor, Confúcio responde: O que examina tudo o que ensina. As idéias antigas não podem escravizar o homem, porque elas se adaptam e ganham novas formas. Então, tomemos a riqueza filosófica do passado, sem esquecer os desafios que o mundo presente nos propõe.

Ao ser perguntado o que é bom aluno, Confúcio responde: aquele que escuta o que digo, mas adapta meus ensinamentos à sua vida e nunca os segue ao pé da letra. Aquele que não procura um emprego, mas um trabalho que o dignifica. Aquele que não busca ser notado, e sim fazer algo notável.

Aprendemos juntos que a Literatura aproxima as pessoas, alimenta o sonho por um país melhor, fomenta a busca pelo gosto da leitura, como vimos em Ricardo Azevedo, nos contos populares, trazendo as narrativas orais para a sala de aula, valorizando a oralidade, característica marcante em nossos alunos. Vocês lembram do conto *O Rei que ficou cego*?

Meus queridos, minhas queridas,

A literatura traz exemplos belíssimos para serem seguidos. Isak Dinesen, pseudônimo da dinamarquês Karen Blixen Finecke, escreveu um belo conto que, adaptado para o cinema, ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro: *A Festa de Babette*.

A protagonista, com sua generosidade, faz uma grande festa para retribuir a duas senhoras os cuidados que tiveram em acolher um idoso, pai da protagonista, oferecendo um jantar com todo o dinheiro recebido de um prêmio de loteria. A generosidade é feita com tudo o que temos e não com o que nos sobra.

Lembrei-me, também, de O. Henri, pseudônimo do escritor norte-americano William Sidney Porter, que apresenta um casal que, não tendo nada para presentear um ao outro na noite de Reis (*O presente dos Magos*), encontra no que tem de mais precioso uma forma de encontrar dinheiro para comprar os tais presentes. Ele vende seu valiosíssimo relógio de ouro, objeto de herança, e compra um belo pente para os cabelos longos da amada. Ela, por sua vez, vende as mechas longas dos seus cabelos para comprar pulseira para o valioso relógio. Claro que, ao abrirem os presentes, ele não possuía mais o relógio nem ela, os cabelos. O importante, no conto, é analisar que generosidade não tem importância com o fim, o importante é que cada um deu o que tinha de melhor.

Que possamos fazer o melhor, acreditamos que a escola é um espaço de acordo, de normas de convivência e, principalmente, um espaço para a realização do ato de educar, um lugar de acolhimento, onde as diferenças são importantes para que o coletivo e ainda cada um,

na sua individualidade, tenha uma educação significativa, de qualidade, criando condições para uma vida melhor e mais digna.

A função primordial do processo educativo é educar as gerações para que se realize, além da escolarização, uma formação em que os valores humanos e éticos se constituam como referências basilares no ato de educar. Portanto, não basta ensinar, é importante que as pessoas sejam ou se tornem partícipes da construção de um mundo melhor.

Para concluir, deixo uma bênção: Suas alegrias podem ser tão brilhantes quanto a manhã e suas mágoas apenas sombras que desaparecem na luz do amor. Que você tenha felicidade suficiente para manter sua doçura. Provas para lhe manter forte. Mágoas para lhe manter humano. Esperanças para lhe manter feliz. Fracassos para lhe manter humilde. Sucesso para lhe manter entusiasmado. Amigos para lhe dar conforto. Fé e coragem em si mesmo para eliminar a tristeza. Riqueza para suprir suas necessidades. E mais uma coisa: determinação para fazer com que cada dia seja mais maravilhoso que o dia anterior. Sejam todos muito felizes!

Muito obrigado,

Jocely Mota Souza
Professor e Educador

CARTA 3

Salvador, 31 de outubro de 2023

Minha amiga,

Há tempos, venho observando o adoecimento de colegas, alguns muito queridos, no ambiente de trabalho, na escola; colegas que acreditam no que fazem, que se entregam, que vão além dos currículos, que pensam e sentem antes de fazerem o que fazem; enfim, colegas professores. **E eis que hoje percebi que também adoeci, adoeci no exercício do meu ofício de ensinar, não somente os elementos conceituais de minha disciplina, mas as consequências desse aprendizado, as consequências das descobertas, as questões, as dúvidas, as constatações e as necessidades de respostas que demandaram de mim uma postura de acolhimento, de afetuosidade, de acarinhamento.**

Percebi o quanto estou desqualificado para atender a esses “adoecimentos” dos meus alunos, porque também estou adoecido. Tenho medo de me ferir, de causar um problema maior e de ampliar o problema do meu aluno por não saber como fazê-lo. **E quem irá ouvir meus lamentos? Quem escutará minhas queixas? Quem sentirá as minhas dores junto comigo?**

Ah, minha amiga, tenho tantas fraturas na alma, mas não demonstro a ninguém, apenas sigo fazendo o que esperam de mim, sigo ensinando a matéria, passando exercícios, corrigindo, cobrando dos alunos, reclamando... mantendo a naturalidade de que tudo isso é ser professor: reclamar do salário, do excesso de atividade, do excesso de planos e planejamentos, dos baixos rendimentos dos meus alunos, do meu colega que não liga para nada, que não faz nada, que não se preocupa com nenhum aluno. Isso tudo é normal e todos sabem que faz parte.

Mas, minha amiga, quem irá me ouvir sobre minhas angústias, tristezas, sensação de impotência, de insegurança, de fragilidade? Por que ninguém consegue nos entender, nos perceber, sem que antes nos entreguemos? Creio que é preciso gritar, nos abraçar, nos entender, nos cuidar!!!

Talvez tenhamos que nos defender de nós mesmos, um dia!! Daquilo que não sabemos, daquilo que não vemos... **é preciso que alguém nos veja, nos sintam, nos acolha e diga para nós como sermos fortes, ou como nos restauramos para continuar... porque precisamos continuar, minha amiga.** Precisamos porque queremos!

Pedro Anselmo

CARTA 4

Salvador, 31 de outubro de 2023

Queridos gestores, colegas e alunos,

A situação da educação no geral está precisando ser desconstruída. Seus métodos estão defasados e são ineficientes. Isso acontece por diversos motivos, sendo um deles a falta do componente socioemocional. O mundo evoluiu e a forma como as pessoas aprendem hoje também é diferente. Mas nós, professores, não recebemos, em nossa formação acadêmica, o preparo para trabalhar com o socioemocional. **Aprendemos a trabalhar com o racional, o lógico e o objetivo.**

Para tanto, informo a necessidade pessoal e ao meu ver de ampla maioria de uma formação em que possamos, de forma significativa, aprender a trabalhar com o socioemocional e, assim, assegurar melhores resultados no aprendizado e no crescimento pessoal, de forma geral, aos alunos.

Davi Dantas

CARTA 5

Salvador, 31 de outubro de 2023

Ao Universo,

Vivemos tão atarefados e presos a dar conta de conteúdos e prazos que esquecemos do emocional. Terminamos fazendo com que a invisibilidade de nossos alunos seja ainda maior e mais desesperadora para eles.

Ao ouvir Josete, comecei a me dar conta de que preciso ser mais próxima de meus alunos, ter mais empatia, mais compreensão, mais compaixão.

Na maioria das vezes, em nossas vidas, oferecemos aquilo que recebemos em nossa formação. Diante desse reconhecimento, percebo que, muitas vezes, não acredito em algumas desculpas que os alunos trazem e termino sendo intolerante com eles. **Acho que preciso mesmo de uma formação continuada para aprender a lidar melhor com o meu emocional e o do meu aluno.**

Sandra

CARTA 6

Salvador, 31 de outubro de 2023

Aos proponentes da educação formal (escolar) do Brasil,

Eu, um educador com mais de trinta anos de atuação no chão de escolas públicas e privadas, escrevo-lhes para denunciar a flagrante invisibilidade da Educação Emocional e seus efeitos deletérios à formação do corpo social em geral, mas sobretudo de mentes.

A tradição da “ensinagem” no nosso país insiste em formar mentes cheias de conteúdos desconectados de um pulsar das emoções como se corpo e mente vivessem dissociados. Ora, a vida – maior escola que existe – não aparta o joio do trigo. Logo, pergunto-lhes: por que na escola poderia ser diferente?

Como acredito que mais vale uma cabeça bem feita que bem cheia, anuncio-lhes, ainda que tardiamente talvez, que urgem medidas que promovam uma educação plena de luz, ou seja, que atravesse os corações de quem mergulhar na deslumbrante aventura de aprender. Enfim, peço-lhes: promovam momentos de formação continuada a fim de que os professores ampliem a si e a seus alunos saberes e sabores que emancipem mentes e corações, permitindo-nos sonhar sempre e cada vez mais.

Lourival

CARTA 7

Salvador, agosto de 2024

Carta para Maribel Costa Silva

Há muito tempo, preciso te falar, olhar para você, te encarar, mas com tempo, tempo para você, para mim, para nós duas. Precisamos disso, você precisa disso! Tempo, tempo, tempo...

Sinto e observo que a nossa amizade está distante, por causa de várias questões de tempo, de pausas, de discussões, de silêncios. Coisas não ditas, deixadas sempre para depois (do trabalho), por causa do tempo, tempo, tempo...

Para além da nossa amizade (hoje distante), te amo como uma irmã que o universo me deu, mas, além disso, precisamos falar, conversar. Falando de trabalho (escola/ICEIA), **observo que o ambiente escolar está cada dia mais difícil, mais bélico, mais ameaçador, mais adoecedor, e observo também o quanto você está adoecida e esgotada,** mas não sabe, ou ainda não encontrou o caminho para melhorar, para se curar. Por outro lado, sinto que eu também não sou mais como era antes, falando agora da docência, da pedagogia, do meu fazer teatral, **tenho tentado me manter calma, sóbria, grata e com o mesmo entusiasmo de antes para não adoecer no ambiente escolar, a nossa clientela (alunos). A cada semestre que passa, fica mais difícil essa problemática,** também por questões de excesso de carga

horária no ICEIA e no município. **Em minha opinião, na nossa escola, está faltando, percepção, perceber o(s) outro(s), preocupação, empatia e afeto.** Sei que não é fácil gerir uma escola, já estive nesse lugar e preferi não permanecer para não adoecer. Sou professora de teatro e **trabalho com emoções, atenções, sentimentos, afetos e vejo que você também está precisando de atenção, cuidado, afeto** para poder perceber, que se você não se olhar, não se perceber, observar as coisas da sua vida “pessoal” vai acabar perdendo coisas importantes, amizades, por exemplo. **No ambiente escolar, cuidamos dos nossos alunos, mas quem cuida de nós? Quem nos auxilia nos momentos de dor e fraqueza da alma? Quem diz para e se cuide? Não quero adoecer no trabalho, no exercício da minha profissão e também não quero que você adoença mais. Precisamos de tempo, tempo, tempo...**

Amo ser professora, ainda mais de teatro e sei que você também ama o que faz, porque o faz com competência, **mas precisa de mais tempo, tempo, tempo...**

Pode ser que todas essas palavras não façam muito sentido para você, mas, para mim, fazem todo o sentido, todavia, peço que reflita sobre elas. Ao terminar de ler, “pare” e pense em tudo que leu e saiba (tenha certeza) que quem te escreveu foi uma amiga/irmã que te quer muito bem e se preocupa com você.

Tempo, tempo, tempo...

Cristiane

CARTA 8.

À esquerda do Rio Doce, 11 de setembro de 2020

De Ailton Krenak para quem quer cantar e dançar para o céu

Amigos,

Percebi, antes de começar a escrever essas palavras, que se aproxima a primavera. Estamos chegando ao momento do esteio do céu. **Decidi, então, escrever esta carta para falar com vocês sobre o Bem Viver, para quem acredita que cantando é possível suspender o céu, para quem acredita que o modo como vivemos e o mundo onde vivemos é recriado a toda hora.** Para além da nossa capacidade de descrever a vida, quero aqui falar da vida como um evento que acontece de dentro de tudo, o tempo todo.

Escrevo, então, para nosso Taru, nosso céu, e para quem acredita que pode suspendê-lo nesse tempo primaveril de proximidade com a terra.

Nossos ancestrais cantavam para suspender o céu. Com esse canto, a cura também chega. Esse é um dos poderes que nossos ancestrais nos passaram: uma prática de comunhão da terra com o céu, por isso a terra é a nossa mãe.

A ideia da terra como nossa mãe é muito repetida entre nós, indígenas. A poética expressa nessa imagem da mãe-terra pode ser até ingênua para alguns, mas ser filho da terra é aprender que estamos em relação com todos os outros seres sagrados que constituem o mundo. Se esse giro de forças pudesse ser pensado não como ingenuidade nossa, mas como nosso modo de agir no coletivo, provavelmente não seríamos nós, os indígenas, os povos sem o lugar de viver e o lugar de morrer na grande história do mundo.

Nosso canto também nos livra do abismo que os brancos criaram entre os mortos e os vivos. Nossos ancestrais estão todos aqui, estão todos em meu corpo e, quando eu morrer, eles estarão aqui também. Do mesmo modo, eu também estarei. A comunhão céu e terra é isso, o nosso Taru Andé é isso! Por isso, a importância de não ocupar nossos pensamentos com narrativas estreitas, com uma narrativa só. Essa ideia dos nossos antigos de suspender o céu cantando, dançando, para aliviar a terra do excesso de pressão que oprime os humanos se relaciona com uma outra constelação de saberes, que nos diz que o céu já caiu sobre a terra em outras épocas.

Quando as humanidades experimentam catástrofes, fazem do canto e da dança a sua aprendizagem. Esses cantos de suspender o céu criam uma brisa, um ar que faz com que os humanos reestabeleçam a sua própria cura. Essa ideia ensina que o céu já caiu em outras épocas e os humanos desenvolveram formas de conversar com o céu, cantar para ele, cantar para o rio, para a montanha. Essas humanidades extraíram dessas experiências a poesia da vida, o canto para afastar a dor, o xamanismo, ou seja, poderes que nossos ancestrais passaram de geração em geração para nos constituirmos como filhos do organismo terra.

Essa lógica que o Ocidente criou de demarcar território, de enquadrar as formas de vida dos povos originários causou danos irreversíveis às nossas formas de estar no mundo, danos que se repetem por falta de um bom encontro que possa reconciliar essas perspectivas de mundo em disputa. Pensar o mundo pela lógica das disputas virou a razão da humanidade, como se essa ideia tivesse uma natureza própria. Em outras palavras, o verbo disputar virou verbo vida, passou a nomear o princípio das coisas do mundo. Mas como estar além da violência que confirma todos os dias o equívoco da narrativa que diz que o mundo foi criado

para nos servir e que nós estamos aqui para incidir sobre ele? Como estar além? Como deixar de acreditar no mundo como uma plataforma extrativista? Como escapar desse vírus gigante homo sapiens, essa bactéria que come o planeta?

Se continuarmos entendendo o mundo assim, viveremos sempre produzindo incidentes, terríveis incidentes engajados em nome e em defesa do progresso, da evolução e só teremos a banalização e o desprezo pela vida como horizonte de expectativa. **Digo isso porque o que escolhemos comer, vestir, fazer, plantar, criar tem relação com tudo isso, mas, ao invés de ser habitado, o mundo passou a ser disputado, como se nós tivéssemos recebido o mundo para isso: para uma grande e infinita disputa. Quando defendo que precisamos voltar a sonhar é porque precisamos acreditar na criação de uma inteligência sutil, movente, para permitir que a vida, em sua diferença, coexista.**

Por isso, quando o céu criar a pressão sobre a terra, digo a você que dance, que suspenda o céu! Os filhos da terra precisam cantar e dançar para que o céu possa dar uma atmosfera vital, necessária para o retorno das flores, dos pássaros, das borboletas, das matas, enfim, para a celebração da vida, para o Bem Viver.

Escrever esta carta, neste momento crítico das humanidades ou das pluralidades, como gosto mais de dizer, me fez desejar dançar para o céu, me fez querer a vida nessa plenitude e me fez, também, convidar você que está lendo estas palavras agora para cantar junto, para chamar a primavera, para vivermos juntos e bem. Com um abraço afetuoso,

Ailton Krenak (Krenak, 2020, p. 20)

CARTA 9

Salvador, 25 de outubro de 2020

De Suzane Lima Costa para quem ainda escreve cartas

Queridxs,

Eu ainda escrevo cartas. Cartas curtas. Meu Bem Viver há uma década. Publiquei parte dessas cartas em alguns artigos, do mesmo modo, fiz de certos artigos cartas, não só pelo meu amor ao gênero, mas porque achei nesse modo de escrever um jeito de conversar, de colocar as palavras nessa dimensão da dialogia, um afeto. Também leio cartas, de outros tempos e de agora, de escritores conhecidos e de desconhecidos, mas foram as cartas recentemente escritas

por Davi Kopenawa, Gabriel Gentil, pelas mães Terenas..., cartas escritas por indígenas, **que me fizeram parar para perguntar quem ainda escreve cartas, quais as composições desse tipo de escrita, a quem são destinadas e por que escrever cartas no tempo da rapidez.** [...] Por outro lado, não posso esquecer que nem toda carta produz essa ideia de correspondência, nem todo gesto de escrever cria esse efeito-carta, porque nem toda arte se dispõem a reproduzir conversações. O efeito-correspondência tem seus alcances e seus limites e está muito na mira de quem ainda faz da escrita de cartas uma montagem ordinária de manuscritos avulsos, entrecortada por cobras grandes e seus beijos impossíveis. Outra vez, a ficção, queridxs, a ficção!! Não sei das saídas para continuar escrevendo minha carta aos indígenas, mas posso te dizer que tenho lido muitas dessas cartas-instalações, dessas cartas filmes, e tenho falado sobre elas por aí, por isso resolvi escrever esta minha carta ligeira para quem se dedica a esse fazer de projetar utopias para os outros, para quem cria objetos de correspondência, porque tem na dialógica a invenção não de um lugar, mas dos modos como nos movimentamos na diversidade deles. Obrigada por suas cartas. Quando as leio, sinto que, de algum modo, faço parte de suas vidas e vejo que encontrei, nesse fazer de escrever, ler e pesquisar cartas, um lugar de viver.

Um forte abraço,

SUZANE LIMA COSTA (Costa, 2020, p. 254)

CARTA 10.

Natal (RN), fevereiro de 2021

Uma nova primavera

Estimado Paulo Freire, saudações democráticas! Desde a sua partida, em 1997, que sua memória tem sido um alento para nós, educadores brasileiros, pois seguimos os seus passos ao trabalharmos pela formação humanizadora, pela autonomia dos sujeitos e pela transformação social. [...] continua sendo uma inspiração para a gente, no que se refere à gestão democrática, acesso e permanência escolares, qualidade da educação e educação de jovens e adultos. [...] Acho oportuno destacar aqui a importância das suas reflexões e análises sobre o contexto educacional brasileiro, pois essas prepararam o terreno para os progressistas

trabalharemos com mais esperança, motivando o verbo, “esperançar”, o sentimento efetivado na ação, no arregaçar de mangas e no vigor da luta pela justiça social. [...]

Depois do golpe de 2016 o Ministério da Educação virou uma “balburdia”. Todos os nomes indicados para esse órgão, dessa data para cá, são problemáticos. Imagine o senhor que até Mendonça Filho assumiu esse posto. Foi noticiado na imprensa, na época, que era preciso “enxugar” regalias dos educadores para equilibrar os cofres públicos. Mendoncinha atribuía o problema econômico do país a nós, já que, em suas palavras, tínhamos “férias de 45 dias, aposentadoria especial, descanso pedagógico, piso salarial e até lanche grátis.” Quando ele fala em “lanche grátis” o senhor sabe do que ele está falando, não é?

[...] Nessa linha dos “anúncios”, não posso deixar de citar uma amiga sua, a prof.^a Ana Mae Barbosa. **Esta grande defensora do ensino de arte nas escolas públicas brasileira continua firme na luta e fazendo críticas ferrenhas a nova Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Este documento foi elaborado sem ouvir adequadamente a sociedade, sofrendo interferências de setores financeiros.** Ana Mae foi sua aluna e colega de trabalho e o senhor conhece bem sua força e determinação. [...] Ana Mae valoriza a reforma que o senhor fez no currículo das escolas, dando o status à arte que esta merece no currículo, durante o período em que esteve à frente da Secretaria de Educação de São Paulo.

Somada a todas essas dificuldades ainda tem uma pandemia matando o nosso povo. O Brasil já se aproxima de 250.000 óbitos registrados por COVID-19. As escolas estão fechadas desde março de 2020 e estamos convivendo com a dor, o medo e o sofrimento de perder nossos entes queridos: familiares, colegas de trabalho, educandos. Acabei de receber uma ligação da Secretaria de Saúde confirmando que meu teste deu positivo para COVID-19. Mesmo com sintomas leves, uma notícia dessa deixa a gente muito abalado emocionalmente, além de aumentar a raiva do (des)governo, que é negacionista, é inimigo da ciência e se nega a vacinar o povo.

Por fim, quero dizer que estamos nos reinventando enquanto educadores e que temos feito um grande esforço para não deixar que as incertezas nos paralisem diante dessa realidade catastrófica, que é agravada pela postura criminoso de um presidente genocida. A leitura dos seus livros, meu caro, traz um sopro de vida e renovação para nós, educadores. Pedagogia da Esperança, Pedagogia da Autonomia, Medo e Ousadia, Pedagogia dos Sonhos Possíveis, entre outros, têm contribuído significativamente com esse nosso processo de reinvenção docente, porque nos coloca diante da “ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optarmos, na verdade, por um mundo de gente.”

[...] Nós, que primamos pelos afetos, pela amorosidade, pelo contato físico respeitoso, sabemos da importância dos encontros. Se não fosse o valor da cultura e da arte nesse momento, querido Paulo, não estaríamos tendo forças para resistir. Nunca as pessoas consumiram tantos livros, ouviram tanta música, assistiram tantos filmes, provocaram tantas discussões intermediadas pela internet. [...] Falamos de profissionais que têm como princípio de seu trabalho a liberdade, a transgressão, a criatividade. Por isso mesmo nos ajudam, com suas invenções, a nutrir a nossa imaginação, nos tirando da fria e dura realidade em que estamos imersos, para esperar a chegada de uma nova primavera. Somos resistência! Um abraço, com estima e afeto!

Jailson Valentim dos Santos²

4.2 As cartas dizem muito mais: análise dos resultados

De acordo com Paulo (2020), existe um poder intrínseco nesta forma de escrever. Por ser mais simples, as pessoas se dispõem mais facilmente e se desafiam a colocar em texto suas reflexões, suas ideias. A autora diz que a estrutura de uma carta pedagógica é mais maleável, mais livre do que um artigo acadêmico, o que possibilita que mais gente escreva sobre suas aprendizagens e compartilhe os seus conhecimentos. Durante a pesquisa, além das cartas produzidas pelos/as colaboradores/as, tive acesso a outras cartas e, dessas, escolhi três cartas para ilustrar esta seção, primeiro, por ter sido esta uma orientação da banca de qualificação e, segundo, porque encontrei nessas cartas conteúdos que corroboram as categorias definidas para a análise dos dados. Por isso, fazem parte dessa seção a carta de Ailton Krenak (2021), a carta de Suzane Costa (2021), as quais fazem parte do livro *Cartas para um bem viver* e, também, a carta de Jailson Valentim dos Santos (2021), esta, escrita para Paulo Freire.

Encontraremos, nesta subseção, partes das cartas dos colaboradores/as em que foi possível identificar o fator tempo como um aprendizado necessário para ser investido na educação e na vida, a comunicação como fator importante para as relações entre os pares, o adoecimento de professores/as tomando proporções maiores nos últimos anos, a ausência de

² É professor/artista/pesquisador vinculado à rede pública de ensino do Rio Grande do Norte. Possui formação em Artes Visuais pela UFPel; especialização em Ensino de Arte, pela UCAM e: mestrado em Artes Visuais pela UFPB/UFPE. Vendedor do XX Prêmio Arte na Escola Cidadã (2019), na Modalidade EJA. E-mail: valentim8@yahoo.com.br

formação continuada para professores na área da educação socioemocional, as relações pessoais e interpessoais ficando em segundo plano, o escutar, olhar e perceber o outro sendo pouco valorizado nas relações e o excesso de atividades e conteúdos como fator de desgaste físico e emocional para os professores/as.

Apresentaremos, para a análise dos dados, quatro subseções com as categorias distintas, mas que dialogam entre si. As categorias que despontaram da análise dos dados desta pesquisa foram consideradas a partir da caracterização e das interpretações dos dados obtidos das cartas pedagógicas que apontam para os temas: 1. Saberes necessários para o desenvolvimento de uma educação socioemocional; 2. A Educação de Jovens e Adultos e o *ser professor/a*; 3. A Educação de Jovens e Adultos e o tempo pedagógico; 4. A lacuna na formação continuada da Educação de Jovens e Adultos.

4.2.1 Saberes necessários para o desenvolvimento de uma educação socioemocional

Nesta categoria, apresentaremos evidências encontradas nas cartas pedagógicas acerca dos valores humanos tão intrínsecos aos seres humanos. Uma das bases teóricas da pedagogia de Freire (1977) é a antropológica, que afirma que a humanização é a vocação ontológica de todos os seres humanos. Segundo Gadotti (2011), o professor educa para a paz, para o bem viver.

O novo professor é também um profissional do encantamento. Num mundo de desencanto e de agressividade crescentes, o novo professor tem um papel biófilo. É um promotor da vida, do bem-viver, educa para a paz e a sustentabilidade. Não podemos abrir mão de uma antiga lição: a educação é, ao mesmo tempo, ciência e arte. A arte é a “técnica da emoção” (Vygotski). O novo profissional da educação é também um profissional que domina a arte de reencantar, de despertar nas pessoas a capacidade de engajar-se e mudar (Gadotti, 2011, p. 71).

Na carta feita para seus educandos/as da EJA, um professor nos mostra o quanto de encantamento ele tem pela profissão e o quanto de valor humano ele reconhece nos seus educandos/as. O professor reporta-se aos seus educandos/as mediante a carta, em forma de encantamento, a partir das palavras positivas, da poesia, de contos e de reconhecimento. Ele diz:

Aprendemos com a Língua Portuguesa muito mais que classificar as palavras ou identificar a sílaba tônica. Aprendemos que a comunicação humana se passa necessariamente pela língua falada ou escrita. [...] Desejo que os substantivos que façam parte da vida de todos, a partir de hoje, sejam: amor, alegria, vitória,

esperança; os adjetivos, saudável, harmonioso; os verbos, amar, compreender, compartilhar (Colaborador J, 2023).

[...] Confio que a partir de hoje vocês estarão mais tolerantes uns com os outros, são capazes de repudiarem a ignorância que é sinal de atraso econômico, político e social. Acredito que estarão também mais generosos com o próximo, ajudarão ao cego a enxergar o caminho, aos surdos a ouvirem a verdade, ao órfão o acalento de um ombro amigo, ao mudo intérprete para a prática do bem, um sorriso aos desanimados, um abrigo ao desamparado, a leitura ao analfabeto, esperança aos muito honestos (Colaborador J, 2023).

Meus queridos alunos, minhas queridas alunas, deverão, como cidadãos, indignar-se com a corrupção, a falsidade, a mentira, a miséria, o analfabetismo que fazem parte da nossa sociedade. Lutem por um país mais justo, mais democrático (Colaborador J, 2023).

Com a diminuição de turmas da EJA na Escola Municipal Cidade de Jequié, foi necessário o Professor J complementar a carga horária em outra unidade escolar. Por isso, realizamos os encontros de forma *on-line*, via *Whatsapp*, além dos contatos por *e-mails* e telefonemas. Confesso que, na primeira leitura da carta, pensei que o professor havia fugido da proposta da orientação para a escrita da carta, que era abordar sobre a invisibilidade dos saberes socioemocionais na educação e a ausência de formação continuada para os/as educadores/as nessa área. Ao reler a carta, me emocionei ao identificar tantos ensinamentos sobre valores humanos, em que ele conseguiu fazer uma relação, surpreendente, entre teorias de autores renomados e a realidade dos/as educandos/as da EJA.

A função primordial do processo educativo é educar as gerações para que se realize, além da escolarização, uma formação em que os valores humanos e éticos se constituam referências basilares no ato de educar (Colaborador J, 2023).

É possível perceber a sensibilidade do professor em reconhecer os valores humanos nas atitudes e nos comportamentos dos/as educandos/as, que não deixam de ser saberes socioemocionais. É interessante, também, a sutileza do professor na forma de denunciar a ausência desses saberes nos currículos escolares. No livro *Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular*, Fernanda dos Santos Paulo nos fala sobre algumas importantes características das cartas pedagógicas, sendo uma delas a capacidade que a carta tem de atingir as emoções, o sentimento e a afetividade humana.

Atingir a lógica humana é importante para dar um sentido prático ao que escrevemos. Se a mensagem nos parece ilógica, não daremos atenção. [...] É preciso lógica para disparar a interação e a compreensão. De outro lado, a carta pedagógica tem o poder, como diz o professor Jaime, de tocar o coração das pessoas. Ele explica essa expressão como sendo a capacidade de atingir as emoções, o sentimento e a afetividade humana. Esta potencialidade de aflorar a sensibilidade é, para mim, o

elemento humanizador da carta pedagógica. A carta pedagógica é um instrumento de humanização das relações humanas (Paulo e Dickmann, 2020, p. 45).

E sobre valores humanos Freire (1997) nos diz:

[...] que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos (...) abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (Freire, 1997, p. 136).

É possível perceber o quanto o professor tem de humanização e sensibilidade na sua prática a partir da sua carta pedagógica, o quanto ele reconhece e acredita nos valores humanos dos/as seus/as educandos/as, evidenciado através das analogias feitas com as atitudes dos/as educandos/as com as citações filosóficas de grandes mestres.

4.2.2 A EJA e o ser professor/a

Nesta categoria, serão apresentadas evidências encontradas nas cartas acerca do ser professor/a e sua relação direta com o agir a partir das suas subjetividades. Como considera Oliveira (2021, p. 33) “Cada um traz um mundo dentro de si. Somos múltiplos. Carrego dentro de mim uma multidão, de povos, cores, jeitos e vozes. Tecemos redes e conexões. Contágio. A vida é de uma complexidade assustadora e bonita”. O ser professor/a está diretamente imbricado com suas experiências de vida, suas histórias e as experiências atuais oferecidas pelo espaço, pelo tempo e pelas relações no trabalho. Assim, nos diz Tardif (2014):

[...] o saber dos professores depende, por um lado, das condições concretas nas quais o trabalho deles se realiza e, por outro, da personalidade e da experiência profissional dos próprios professores. Nessa perspectiva, o saber dos professores parece estar assentado em transações constantes entre o que eles são (incluindo as emoções, a cognição, as expectativas, a história pessoal deles, etc.) e o que fazem. O ser e o agir, ou melhor, o que Eu sou e o que Eu faço ao ensinar, devem ser vistos aqui não como dois polos separados, mas como resultados dinâmicos das próprias transações inseridas no processo de trabalho escolar (Tardif, 2014, p. 16).

É complexo o fazer identitário do professor/a. A importância de se reconhecer nessa profissão exige autoconhecimento contínuo, o que contribui para um melhor desempenho das funções, conseqüentemente, um melhor entendimento dos seus processos e dos processos dos/as educandos/as. Conforme Nóvoa (1995):

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção e de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo

identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. [...] É um processo que necessita de tempo. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças (Nóvoa, 1995, p. 16).

O que o autor nos fala sobre a identidade ser um lugar de lutas e de conflitos é possível ser entendido, nas palavras dos professores, quando eles falam de inseguranças, tristezas, sensação de impotência e fragilidade:

Mas, minha amiga, quem irá me ouvir sobre minhas angústias, tristezas, sensação de impotência, de insegurança, de fragilidade? Por que ninguém consegue nos entender, nos perceber, sem que antes nos entreguemos? Creio que é preciso gritar, nos abraçar, nos entender, nos cuidar!!! (Colaborador P, 2023).

Wallon, Piaget, Vigotsky, Morin, Ferrero, Nóvoa são teóricos que me mostraram o caminho da estrada. Mas quem teve que andar fui eu próprio com os meus próprios pés, com meus erros e acertos (mais acertos que erros, tenho certeza) (Colaborador J, 2023).

É possível perceber, a partir disso, que o caminhar dos/as professores/as dentro da escola parece ficar distante de passos que possam caminhar junto a eles/as, dividindo e entendendo os sentimentos conflituosos que afloram diante da identidade de ser professor.

[...] Anuncio-lhes, ainda que tardiamente talvez, que urgem medidas que promovam uma educação plena de luz, ou seja que atravesse os corações de quem mergulhar na deslumbrante aventura de aprender. (Colaborador L, 2023).

[...] Sigo fazendo o que esperam de mim, sigo ensinando a matéria, passando exercícios, corrigindo, cobrando dos alunos, reclamando...mantendo a naturalidade de que tudo isso é ser professor: reclamar do salário, do excesso de atividade, do excesso de planos e planejamentos, dos baixos rendimentos dos meus alunos (Colaborador P, 2023).

Talvez tenhamos que nos defender de nós mesmos, um dia!! Daquilo que não sabemos, daquilo que não vemos... é preciso que alguém nos veja, nos sinta, nos acolha e diga para nós como sermos fortes, ou como nos restauramos para continuar... porque precisamos continuar, minha amiga (Colaborador P, 2023).

Infelizmente, tem se tornado uma situação corriqueira, dentro da Secretaria de Educação de Salvador, ver professores/as adoecidos, precisando de afastamento das suas atividades pedagógicas. Em algumas situações, observa-se a necessidade de uma readaptação de função dentro da própria unidade de trabalho, porém, fora de sala de aula. A fala do colaborador P, abaixo, retrata sentimentos oriundos de uma ausência dos saberes socioemocionais:

Percebi o quanto estou desqualificado para atender a esses “adoecimentos” dos meus alunos, porque também estou adoecido. Tenho medo de me ferir, de causar um problema maior e de ampliar o problema do meu aluno por não saber como fazê-lo.

E quem irá ouvir meus lamentos? Quem escutará minhas queixas? Quem sentirá as minhas dores junto comigo? (Colaborador P, 2023).

A citação a Freire e Boff por Gadotti (2011, p. 71) parece que consegue dialogar bem com as angústias apresentadas nas cartas dos professores:

A razão competente deve ser uma razão “molhada de emoção” (Freire). O papel das emoções no processo de aprendizagem é decisivo: razão e emoção não são instâncias separadas no ser que aprende (Wallon). A emoção é parte do ato de conhecer. Em alemão, educar significa cuidar, acolher. Uma sociedade alucinada e ruidosa como a nossa não pode educar porque não pode cuidar, não pode acolher. Nela não há mais tempo para o “modo de ser cuidado”, para o encontro, mas apenas para o “modo de ser trabalho” ou exploração, nas expressões utilizadas por Leonardo Boff (1999) (Gadotti, 2011, p. 71).

Esse grito de alerta dos professores, através dos escritos das cartas, diz também da urgência de formar professores/as na área dos saberes socioemocionais. Muitos não sabem que precisam mudar, porque não lhes foram apresentadas outras formas de atuarem, então, eles/as continuam preocupando-se em ensinar apenas os conceitos apresentados nos currículos, sem saber como acolher seus educandos/as, porque eles também precisam ser acolhidos/as. Segundo Tardif (2017):

[...] O saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer. Além disso, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc (Tardif, 2017, p. 11).

De acordo com Tardif, o ser professor/a é produto das experiências de vida, da vivência profissional e das relações estabelecidas com a comunidade escolar.

4.2.3 A EJA e o tempo pedagógico

Tempo-espaço são categorias que sempre estiveram no centro da preocupação humana com a vida. O ser humano reconhece no tempo a sua existência finita. Com o avanço científico-tecnológico, o tempo e o espaço passaram a ser dimensionados em função de novas possibilidades criadas pelo homem. A escola está situada num determinado espaço e tem que saber lidar com a simultaneidade e a complexidade do tempo de hoje. À escola é atribuída a tarefa imensa de favorecer aos estudantes a compreensão do movimento dialético que impregna as relações entre o homem, a natureza e a cultura no continuum do tempo (Brasil, 2004. p. 45).

Nesta categoria, foram reunidas evidências que comprovam que os/as educadores/as não dispõem de tempo suficiente para as variadas demandas que são colocadas como sendo de

responsabilidade deles/as, para além da sala de aula e, também, na atuação pedagógica. O fator tempo apareceu como um dispositivo para adoecimentos físico e mental da categoria.

Vivemos tão atarefados e presos a dar conta de conteúdos e prazos que esquecemos do emocional. Terminamos fazendo com que a invisibilidade de nossos alunos seja ainda maior e mais desesperadora para eles (Professora S, 2023).

[...] que me fizeram parar para perguntar quem ainda escreve cartas, quais as composições desse tipo de escrita, a quem são destinadas e por que escrever cartas no tempo da rapidez (Costa, 2022).

As citações acima, retiradas das cartas das professoras, nos mostram os desafios encontrados pelos educadores/as na administração de muitos e diferenciados tempos, o administrativo, o burocrático, o pedagógico, para garantir a aprendizagem dos educandos/as, e, principalmente, o tempo das sensibilidades, da atenção às subjetividades.

Pensar o mundo pela lógica das disputas virou a razão da humanidade, como se essa ideia tivesse uma natureza própria. Em outras palavras, o verbo disputar virou verbo vida, passou a nomear o princípio das coisas do mundo (Krenak, 2022).

No ambiente escolar cuidamos dos nossos alunos, mas quem cuida de nós? Quem nos auxilia nos momentos de dor e fraqueza da alma? Quem diz para e se cuida? Não quero adoecer no trabalho, no exercício da minha profissão e também não quero que você adoça mais. Precisamos de tempo, tempo, tempo...(Colaboradora C, 2023).

De acordo com Freitas (2004), a organização dos tempos e dos espaços da escola no processo ensino-aprendizagem é um item para se dar importância e se ter atenção. Conforme o autor, foram os liberais que denunciaram, há pelo menos 40 anos, a lógica perversa dos tempos e dos espaços da escola. Segundo Oliveira (2021, p. 54) “O tempo que predomina na escola é um tempo de urgências e a sensação é que as demandas necessitam de pronto atendimento, não há tempo para pensar, discutir. Tudo é para ontem”.

Dentre outros fatores, o tempo pedagógico ainda pode ser considerado um entrave na atuação do/a professor/a, na relação do planejar e executar. Muito ainda se vê do funcionamento da escola do século passado nas escolas dos dias atuais, as quais exigem mudanças que possam acompanhar as transformações do mundo.

4.2.4 A lacuna do socioemocional na formação do/a professor/a da EJA

Os sentimentos, juntamente com as emoções que os originam, não são um luxo. Servem de guias internos e ajudam-nos a comunicar aos outros sinais que também os podem guiar. E os sentimentos não são nem intangíveis nem ilusórios. Ao contrário da opinião científica tradicional, são precisamente tão cognitivos como qualquer outra percepção. São o resultado de uma curiosa organização fisiológica que

transformou o cérebro no público cativo das atividades teatrais do corpo (Damásio, 1996, p. 9).

Nesta categoria, foram reunidas evidências que comprovam a percepção dos professores/as acerca da lacuna na formação continuada a respeito da educação socioemocional. De acordo com Damásio (1996), os sentimentos são cognitivos como qualquer outra percepção, portanto, são saberes indispensáveis a todos/as os/as professores/as. Reconhece-se, nas escritas das cartas dos/as colaboradores/as, o que Tardif (2014, p. 96), em seu livro *Saberes docentes e formação profissional*, nos diz com relação aos/as professores/as vivenciarem situações diversas: “A precariedade de emprego pode tornar-se cansativa e desanimadora e alimentar um certo desencanto que, sem necessariamente afetar o amor pelo ensino, afeta, até um certo ponto, o ardor do professor, mergulhando-o na amargura”.

A situação da educação no geral está precisando ser desconstruída. Seus métodos estão defasados e são ineficientes. Isso por diversos motivos, sendo um deles a falta do componente socioemocional. O mundo evoluiu e a forma como as pessoas aprendem hoje também é diferente. Mas nós professores não recebemos em nossa formação acadêmica o preparo para trabalhar com o socioemocional. Aprendemos a trabalhar com o racional, lógico e objetivo (Colaborador D, 2023).

Eu, um educador com mais de trinta anos de atuação no chão de escolas públicas e privadas, escrevo-lhes para denunciar a flagrante invisibilidade da Educação Emocional e seus efeitos deletérios à formação do corpo social em geral, mas sobretudo de mentes (Colaborador L, 2023).

Fica evidente que os professores/as especialistas se apropriam dos saberes das suas áreas específicas, que sua formação inicial não contemplou os saberes socioemocionais para serem inseridos em um currículo escolar, como se pudéssemos separar a emoção da cognição. Essa elucidação feita pelos/as professores/as, de que eles/as não foram preparados/as para lidarem com situações que exijam deles/as os saberes emocionais promovem neles/nelas uma sensação de incompetência e insegurança. E a pergunta que ele/as fazem é: a quem recorrer? Como ajudar os/as educandos/as sem, também, nos prejudicar?

Ao ouvir Josete, comecei a me dar conta de que preciso ser mais próxima de meus alunos, ter mais empatia, mais compreensão, mais compaixão (Colaboradora S, 2023).

Enfim peço-lhes: promovam momentos de formação continuada a fim de que os professores ampliem a si e a seus alunos saberes e sabores que emancipem mentes e corações, permitindo-nos sonhar sempre e cada vez mais (Colaboradora L, 2023).

[...] Esta grande defensora do ensino de arte nas escolas públicas brasileiras continua firme na luta e fazendo críticas ferrenhas à nova Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Este documento foi elaborado sem ouvir adequadamente a sociedade, sofrendo interferências de setores financeiros (Professor Joilson, 2023).

Ainda sobre a lacuna na formação continuada, um colaborador apresenta, na sua carta, seus não saberes e diz muito sobre o que a formação inicial oferece aos professores/as ou deixa de oferecer-lhes. Ainda que sua formação tenha sido na área da Educação Física, o socioemocional não foi contemplado. Ele fala por ele e pelos colegas, afirmando a necessidade de formação nessa área. Segundo Tardif (2017, p. 287), “As fontes da formação profissional dos professores não se limitam à formação inicial na universidade; trata-se, no verdadeiro sentido do termo, de uma formação contínua e continuada que abrange toda a carreira docente”.

Seguindo o mesmo raciocínio do autor, espera-se que a formação de professores/as faça parte dos planejamentos estratégicos anuais das instituições de ensino e que esses sejam pensados a partir das necessidades apresentadas pelos professores/as. Como nos diz ainda esse autor, as atividades de formação e de educação não são priorizadas:

Na medida em que a produção de novos conhecimentos tende a se impor como um fim em si mesmo e um imperativo social indiscutível, e é o que parece ocorrer hoje em dia, as atividades de formação e de educação parecem passar progressivamente para o segundo plano. Com efeito, o valor social, cultural e epistemológico dos saberes reside em sua capacidade de renovação constante, e a formação com base nos saberes estabelecidos não passa de uma introdução às tarefas cognitivas consideradas essenciais e assumidas pela comunidade científica em exercício (Tardif, 2017, p. 34).

Comungo com o pensamento de Tardif quanto ao pouco investimento na formação de professores/as, fato esse que alerta para a lacuna existente na área da educação socioemocional, comprovadamente, ainda, com pouca prioridade. O trabalho do professor da EJA é dinâmico e exaustivo, por ser no terceiro turno, o que exige deles/as saberes específicos. Tardif (2000, p. 16) vai nos dizer que: “O objeto do trabalho do docente são os seres humanos e, por conseguinte, os saberes dos professores carregam as marcas do ser humano”.

Dessa forma, a lacuna da formação continuada pela ausência de investimentos na educação socioemocional é evidente, pois os/as professores/as lidam com uma diversidade de educandos/as também envolvidos de emoções e sentimentos diferentes em uma mesma sala de aula. Os desafios nos processos de aprender e ensinar se iniciam quando os educandos/as chegam à escola à noite, cansados por conta do dia exaustivo de trabalho. Conforme Tardif (2000, p. 17), “motivar os alunos é uma atividade emocional e social que exige mediações

complexas da interação humana: a sedução, a persuasão, a autoridade, a retórica, as recompensas, as punições etc”.

Para o professor/a motivar os/as educandos/as, ele/a também precisa ser motivado/a e envolvido/as em diálogos respeitosos e éticos, necessários para o crescimento dos/as envolvidos/as nos processos de ensino e aprendizagem. Ensinar e aprender exigem comprometimento na relação de confiança que deve existir entre educandos/as e professores/as. Apesar de se observar um crescente interesse por pesquisas acadêmicas com o tema na área da formação de professores/as, também, encontramos desafios e ausência de conteúdos pertinentes às demandas e às exigências do dia a dia da escola, sobretudo das questões relacionais.

Sobre a produção das cartas, acredito que o ser professor/a contribuiu para o êxito, de forma prazerosa, para a realização desta atividade, tendo em vista que a escrita já faz parte da vida de todo/a professor/a. Nas cartas os/as professores/as, colaboradores/as da pesquisa falam das suas vivências e das suas experiências na educação. Eles apontam fragilidades da educação e da ausência de um investimento de formação inicial e continuada acerca da educação socioemocional. Por ter sido uma ação promovida e envolvida com e pela emoção, tendo sentido, a escrita fluiu de forma criativa e com muita sinceridade. De acordo com a reflexão de Dickmann (2020), a escrita de cartas pedagógicas causa efeitos nos interlocutores:

Quero refletir agora sobre o efeito que uma carta pedagógica causa nos interlocutores/as. Ela não é enviada somente para dar avisos. Ela gera movimento. O professor Moacir Gadotti, na carta-prefácio ao nosso livro *Pedagogia da Gratidão*, cita quatro efeitos de uma carta pedagógica, que compartilho a seguir: ela convida à aproximação, convida ao diálogo, chama à resposta, chama à continuidade e estabelece uma relação pessoal (Dickmann, 2020, p. 42).

Nesse sentido, se uma carta pedagógica “chama à resposta”, é prudente que as cartas aqui publicadas tenham devolutivas. Posto isso, emerge-se a responsabilidade de tornar público e compartilhado com outros/as educadores/as as produções realizadas, para que se possa multiplicar conhecimentos e apresentar denúncias e anúncios sobre os saberes socioemocionais na formação de professores/as, na tentativa de uma melhor convivência de cada um/a consigo mesmo/a e com os/as outros/as.

5. (IN) CONCLUSÃO: “A HISTÓRIA NÃO TEM FIM”

*Não somos máquinas de pensar.
Somos máquinas de sentir que pensam.*
Antônio Damásio

A dimensão emocional do ser humano sempre foi um tema atraente para mim, desde o início da minha formação acadêmica busco, de forma autônoma, aprender mais sobre as influências das emoções nos processos de aprender, de ensinar e as relações entre autoestima, emoção e prazer na educação. Aqui, devo falar da importância de todas experiências vividas durante o processo da pesquisa, desde o desejo de me tornar uma pesquisadora até a dificuldade em (in)concluir a escrita dessa dissertação.

Atuando como coordenadora pedagógica na Educação de Jovens e Adultos, da Secretaria Municipal de Educação, há dezesseis anos, venho me dedicando a desenvolver ações na perspectiva de uma educação humanizada, com olhar para as questões ligadas às emoções dos/as educandos/as e dos/as educadores/a, reconhecendo que razão e emoção estão presentes em uma mesma realidade.

Nesse contexto, de ter um olhar voltado para as questões do ser, de reconhecer a importância do corpo e entender que as emoções desempenham um papel importante nos nossos pensamentos, foi que, no período da pandemia da COVID 19, com a suspensão das aulas presenciais, o distanciamento físico e o emergir de adoecimentos físico e mental dos/as educadores/as, fui motivada a organizar e realizar dezessete *lives* para os/as educadores/as, com o objetivo de manter um espaço para fortalecimento dos vínculos entre profissionais da Secretaria Municipal de Educação de Salvador, sobretudo das escolas da EJA da Gerência Regional Orla.

As *lives* que abordavam temas voltados para as questões socioemocionais atraíram um maior número de professores/as e, conseqüentemente, acontecia uma maior interação entre a mediadora, palestrantes e os/as participantes ouvintes. Foi daí que comecei a perceber que os saberes socioemocionais, naquele momento, se destacavam, tornando-se essencial e prioritário. Os questionamentos começavam a surgir acerca da formação do/a professor/a nesta área. Os saberes socioemocionais estão contemplados nas formações continuadas dos/as professores/as da EJA? Os/As professores/as sentem-se preparados/as para trabalharem com seus educandos/as os saberes socioemocionais? Essas perguntas me provocaram e

contribuíram para a escrita do Projeto de Mestrado *Saberes socioemocionais na formação docente continuada no âmbito da EJA*.

A pergunta que fica: quais saberes socioemocionais devemos priorizar para o enfrentamento de um mundo que está sempre em mudança, em que o conhecimento torna-se dinâmico e provisório? Ter o domínio e o conhecimento de conteúdos e técnicas da Matemática, da Língua portuguesa, da Ciência, da Geografia e da História, por exemplo, sempre será importante, mas esses saberes demandam um caminhar junto aos saberes socioemocionais – saber sobre afetos, emoções, sentimentos, incertezas, de forma que os desafios que surgem no dia a dia precisam ser valorizados, reconhecidos e aprendidos. Desenvolver o autoconhecimento e as habilidades para lidar com os próprios sentimentos, sabendo modular as emoções, é tão essencial quanto ensinar e aprender conhecimentos que privilegiam o domínio de conteúdos conceituais. Esses são aspectos que contribuem para uma educação expansiva, transformadora e humana com a possibilidade de influências para as relações harmônicas dentro da escola, impactando de forma positiva os/as educadores/as, os/as jovens adultos e os/as idosos/as da EJA.

A escola, com a sua função social, necessita ter o olhar e a escuta sensíveis para educandos/as e educadores/as para que esses possam exercer sua função de mediadores das aprendizagens, de forma plena, precisando, também ser acolhidos/as nos afetos, nas emoções e nos sentimentos, nos saberes e nos não saberes, na atenção e no cuidado, primordiais para a saúde física e mental. Isso é essencial para que eles se sintam preparados/as para desenvolverem com harmonia, segurança e sabedoria a parte que lhes cabe como educador/a junto à comunidade escolar., afinal, como diz um provérbio africano, é preciso uma comunidade inteira para educar uma criança. Fazendo uma analogia com a EJA, podemos dizer: é preciso que todos/as educadores/as estejam envolvidos/as harmonicamente para que os/as educandos/as da EJA sintam-se, também, acolhidos/as dentro das suas especificidades, envolvidos e motivados a avançarem nos seus processos de aprendizagem, apesar dos seus corpos cansados de um dia de trabalho, poderem resistir às dificuldades encontradas e permanecerem até o fim das aulas, vencendo dia após dia.

A proposta de a comunidade inteira se responsabilizar pelo sucesso contribui para a permanência dos/as educandos/as na escola, afasta a exclusão, o preconceito e a discriminação, tendo em vista o fato de haver vários olhares e atenção diversa de todos/as para todos/as. Não se pode delegar a responsabilidade de manter os educandos/as na EJA, assíduos, pontuais e motivados/as apenas para os/as educadores/as. É preciso que as políticas públicas garantam o

direito à educação dos sujeitos da EJA e que implementem ações para o fortalecimento desta modalidade, desde as chamadas públicas de entrada, como ações de permanência e aprendizagem dos/as educandos/as até o reconhecimento e valorização deles/as como verdadeiros sujeitos de direitos. Para além disso, deve-se garantir, também, a valorização dos educadores/as com salários dignos, com assistência à saúde, segurança e formação continuada adequada às necessidades do grupo — aqui vale ressaltar a formação na área dos saberes socioemocionais.

Como nos disse Freire (1997), matricular os pobres na escola, não é o suficiente (inclusão). A escola precisa, também, matricular com os/as educandos/as a cultura deles/as, seus desejos, seus sonhos, a vontade de ‘ser mais’”. Essas palavras reforçam a necessidade de as instituições educacionais reconhecerem e valorizarem a subjetividade dos sujeitos, sua história, seu contexto, sua singularidade. Quando somente o cognitivo é validado, é possível que esse seja um contexto potencializador do fenômeno da infrequência, da evasão e da falta de motivação por parte dos que estão ensinando e daqueles que estão aprendendo.

A presente pesquisa teve como ponto de partida a invisibilidade das questões socioemocionais na educação: os/as professores/as da Educação de Jovens e Adultos participam de formação continuada na área dos saberes socioemocionais? A partir desta questão, procuramos investigar as contribuições e as influências dos saberes socioemocionais nos processos de formação continuada dos/as professores/as no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, a fim de confirmar, a lacuna existente na formação continuada nessa área e, também, a necessidade de investimentos de formação, com vistas a contribuir com os processos de ensino e aprendizagem na modalidade da EJA, por meio dos saberes socioemocionais.

Os procedimentos metodológicos escolhidos contribuíram tanto para a reflexão da questão problematizadora como para a análise dos aspectos concernentes aos saberes necessários para o desenvolvimento de uma educação socioemocional na formação dos/as professores/as da EJA, por intermédio de encontros formativos, rodas de conversa com reflexões de forma colaborativa sobre a importância dos saberes socioemocionais nos processos formativos, além da produção escrita de cartas pedagógicas, com enfoque nos saberes socioemocionais.

Nesse sentido, a partir dos escritos nas cartas pedagógicas dos colaboradores/as, a pesquisa nos aponta que as vozes e as ações dos/as educadores/as da EJA precisam ser escutadas e vistas, fortalecidas inclusive para além dos muros da escola, em defesa de uma

educação pautada no respeito e no reconhecimento de que somos todos/as seres do pensar, do sentir e do agir. Dentre outras evidências, as cartas dos/as colaboradores/as apontam que o fator tempo é assunto necessário de ser aprendido para ser melhor administrado na educação e na vida. Também nos apontam a comunicação como fator importante para as relações entre os pares. Denunciam a ausência de formação continuada para professores/as na área da educação socioemocional, pouco investimento nas relações pessoais e interpessoais, o escutar e o olhar pouco valorizados nas relações de trabalho, o excesso de atividades e conteúdos como um dos fatores de desgaste físico e mental corroborando o adoecimento, de ordem emocional, dos/as professores/as.

Diante disso, percebemos que investir nos saberes socioemocionais é uma necessidade importante na formação do/a professor/a, um conteúdo que precisa estar nos currículos da graduação, para chegar a todos/as os/as professores/as, desde a formação inicial à continuada. Por não serem inatos, os saberes socioemocionais podem ser aprendidos durante todo o processo de desenvolvimento dos indivíduos.

Os registros aqui postos nos confirmam que esta pesquisa, além de outros pontos, investiu em despertar nos colaboradores a busca em aprender a fazer uma educação pautada na perspectiva da afetividade. Reconhecemos, como disse Freire (1996), que somos seres inconclusos, por isso, a educação deve ser um processo permanente. Quando nos reconhecemos como seres inacabados, nos tornamos educáveis.

Acerca disso, os educadores/as precisam ser preparados/as para as mudanças do novo cenário educacional que se configura em uma educação da pessoa como um todo. Se faz necessário que os sistemas educacionais se empenhem em um currículo humanizado e isso está para além de desenvolver habilidades acadêmicas, é preparar educadores/as e educandos/as para a vida.

A pesquisa evidencia a necessidade de formação continuada que invista em saberes acerca do viver e do fazer a educação em um mundo globalizado. Para tanto, cabe o investimento em uma formação que valide e oriente sobre os principais valores humanos, a convivência social, a integração e a solidariedade entre as pessoas, uma educação pautada na condição humana lembrando de dois pilares da educação: saber ser, saber conviver (Delors, 1998). Portanto, o/a professor/a, peça fundamental nos processos de desenvolvimento e das mediações de aprendizagem dos/as educandos/as, devem, também, priorizar entender e cuidar das suas emoções, ao tempo que, também, devem, receber o devido cuidado e entendimento nas suas questões emocionais.

Dito isso, é importante lembrar que nossos corpos estão sempre ávidos para aprender sobre os sentidos que nos faz ser. Aprender e desenvolver saberes essenciais para viver com sentido e pelos sentidos. Precisamos aprender a escutar mais que ouvir, pois ouvir está relacionado ao estado mecânico realizado pelos ouvidos, já o escutar está relacionado a uma escolha, uma ação de prestar atenção de forma voluntária e com o desejo. Aprender a olhar mais que ver. Nesse contexto, o ver é a parte mecânica da visão e o olhar está para além, necessita de maior envolvimento, de compreensão e interiorização, de descobertas de detalhes que o ver, somente, não permite. Aprender mais a saborear que apenas experimentar, sentir mais que tocar, olfatear mais que cheirar. Somos seres do pensar, mas não só. Somos seres de sentidos.

Para finalizar o que não acabou, relato a repercussão e a relevância desta pesquisa, para além do muro da escola *locus* da pesquisa. A convite de instituições educacionais, a pesquisadora realizou atividades formativas, por meio de vivências e minicursos, durante o período do mestrado, contemplando o tema da educação socioemocional, para coordenadores/as pedagógicos/as, gestores/as, pais e responsáveis, estudantes da graduação da UNEB e da UFBA, educadores/as de CMEIs, de Escolas do Ensino Fundamental I e II e da Educação de Jovens e Adultos. Os temas variavam, mas sempre possuíam enfoque no autoconhecimento, no autocuidado, na autoconsciência e na consciência corporal, a exemplo: *Eu, você, nós e os saberes socioemocionais*, vivência realizada com Professores/as da Escola Municipal Madre Judite; *Saberes socioemocionais: sentimentos importam*, vivência realizada com estudantes da graduação do curso de Pedagogia da UNEB - CAMPUS I; *Eu me acolho, tu te acolhes, nós nos acolhemos: socioemocional em pauta*, vivência realizada com professores/as, coordenadoras e gestoras do CMEI Amaralina e do CMEI Calabar; *Comunicação e criatividade como práticas que desenvolvem o autoconhecimento*, minicurso para estudantes da graduação da UFBA no SEPESQ/2023; e *Saberes e práticas necessários para um bem viver em família*, vivência realizada para mães, professores/as e coordenadora Pedagógica na Escola Pestalozzi e também para a escola Municipal Maria Amália Paiva.

Diante do exposto, acreditamos que os objetivos da pesquisa foram atendidos, inclusive, com relevância para a comunidade da EJA pelos desdobramentos de percursos formativos, que não ficaram apenas com os/as colaboradores/as, na Escola Municipal Cidade de Jequié, o *locus* da pesquisa, mas também alcançaram outros espaços educativos e sujeitos para além da Educação de Jovens e Adultos. Sabemos que o impacto da pesquisa produzido durante o seu desenvolvimento pode ser um indicador de influência nas adjacências do

contexto onde está sendo produzida, podendo influenciar no interesse da comunidade acadêmica sobre o tema.

Esse é um ponto de seguimento, a continuidade faz-se necessária. As cartas pedagógicas chegarão em outros espaços e outras cartas serão escritas por outros sujeitos para que as palavras expressem em registros nossos anseios, nossos sonhos, nossos desejos, nossas emoções e nossos sentimentos, revelando a necessidade de aprendermos sobre os saberes socioemocionais.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, A. SANTOS, C. L. N., CASTÁNEDA, J. A. Inovação da gestão dos saberes escolares: fator de promoção da qualidade do trabalho pedagógico. **REVISTA DA FAEÉBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 21, n. 38, p. 115-126, jul./dez, 2012.
- ARAÚJO, F. L. S. **Experiências vividas, aprendizagens construídas**: trajetórias de resistências de jovens do campo e da periferia urbana. Salvador: Novas Edições Acadêmicas, 2017. p. 231.
- ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BARRETT, S. **Os segredos das suas células**: guia prático para descobrir a inteligência do seu corpo e promover a cura e a transformação interior. Tradução: Martha Argel, Humberto Moura Neto. São Paulo: Cultrix, 2016.
- BEAR, M. F.; CONNORS, B. W.; PARADISO, M. A. **Neurociências**: desvendando o Sistema Nervoso. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Conselho escolar e o aproveitamento significativo do tempo pedagógico**. Brasília: MEC, SEB, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 21 dez. 2023.
- BLOCK A., Osmarina.; RAUSCH, Rita Buzzi. Saberes Docentes: Dialogando com Tardif, Pimenta e Freire. **UNOPAR Cient., Ciênc. Human. Educ.**, Londrina, v. 15, n. 3, p. 249-254, out. 2014.
- SOUSA, C. M. (coord). **Cartas a Paulo Freire**: escrita por quem ousa esperar. Campina Grande: EDUEPB, 2021. p. 28-36.
- COSTA, S. L.; XUCURU-KARIRI, R. (orgs.) **Cartas para o bem viver**. Salvador: ParaLeLo13S, 2020.
- DICKMANN, I.; PAULO, F. S. **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. Chapecó: Livrologia, 2020.
- CARVALHO, C. M. P. **O Teatro na Educação de Jovens e Adultos**: contribuições para o processo de Letramento e a Formação da Cidadania. Salvador: 2009.
- CARVALHO, C. M. P. **Professora, no teatro pode rir?**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013.
- CANDA, C. N. **Todo mundo pode fazer teatro**: o teatro do oprimido e a formação político-estética de trabalhadores da indústria. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). Salvador: Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, 2013.

DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. *In*: LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

DAMÁSIO, A. R. Emoção ou sentimento? Mental ou comportamental?: António Damásio explica a organização afetiva humana. **Fronteiras**, [s.l.], Disponível em: <https://abrir.link/W5eb8>. Acesso em: 08 jan. 2024.

DAMÁSIO, A. R. Tradução: Dora Vicente, Georgina Segurado. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DEBUS, M. **Manual para excelência em la investigacion mediante grupos focales**. Washington: Academy for Educational Development, 1997.

DEL PRETTE, Z.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

DELORS, J.; AL-MUFTI, I.; AMAGI, I.; CARNEIRO, R.; CHUNG, F.; GEREMEK, B.; GORHAM, W.; KORNHAUSER, A.; MANLEY, M.; QUERO, M. P.; SAVANÉ, M.; SINGH, K.; STAVENHAGEN, R.; SUHR, M. W.; NANZHAO, Z.. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998.

DICKMANN, I. As dez características de uma carta pedagógica. *In*: PAULO, F. S.; DICKMANN, I. (Org.). **Cartas Pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na Educação Popular**. Coleção Paulo Freire, v. 2. Chapecó: Livrologia, 2020.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização (1929)**. vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREIRE, A. M. A.. Notas; introdução. *In*: FREIRE, P. **Cartas à Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 237-242.

FREIRE, P. Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho, *In*: BRASIL; SENADO FEDERAL. **O livro da profecia: o Brasil no terceiro milênio**. Brasil: Coleção Senado, 1997.

FREIRE, P., **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos (1921-1997)**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 19.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, P.; FREIRE, A. M. A. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não.** Cartas a quem ousa ensinar. 10 ed. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1993. p. 27-38.

FREITAS, L. C. A avaliação e as reformas dos anos de 1990. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 86, 2004. p. 13-170.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis: Vozes, 1995, p. 39, 61.

GADOTTI, M. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar.** São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido.** 2 ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005.

GIL, Gilberto. Tempo rei. **Letras**, [s.l.], [s.d.]. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/gilberto-gil/46247/>. Acesso em: 23 ago. 2024.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. Revista Paidéia. **Cadernos de Psicologia e Educação**. v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional.** Tradução: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo, Cortez, 2000.

LEITE, S. A. S. A afetividade como objeto de pesquisa. In: BORUCHVITCH, E.; AZZI, R. G.; SOLIGO, A. (Org.) **Temas em Psicologia Educacional: contribuições para a formação de professores.** Campinas: Mercado das Letras, 2017.

LENINE. Leve e suave. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kLVB-1NcYqs>.

LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 3, n. 2, 2014.

MARTINS, L. M.. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MALLOWS, D.; DOS SANTOS COSTA, G.. Persistência na educação de jovens e adultos: reflexões sobre currículo e inclusão. In: DOS SANTOS COSTA, G.; RAJADELL-PUIGGRÓS, N.; NUNES, C. P. (Org.). **Educação e inclusão: desafios formativos e curriculares.** Vitória da Conquista: Edições UESB, 2020, v. 1, p. 41-54.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MACEDO, R. S.; PIMENTEL, Á.; GALEFFI, D. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa**: educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 30.

MACEDO, R. S. **A pesquisa e o acontecimento**: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 27.

MACEDO, R. S. **Compreender e mediar a formação**: o fundante da educação. Brasília: Liber Livro, 2010.

MACEDO, R. S. **A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária**. Campinas: Pontes, 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=t6a_9qPvjic. Acesso em: 23 set. 2024.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, 2001.

MONTE, Marisa. O que você quer saber de verdade. **Letras**, [s.l], [s.d.]. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/marisa-monte/1982234/>. Acesso em: 23 set. 2023.

MPEJA. **Área de concentração**. Disponível em <https://www.mpeja.uneb.br/area-de-concentracao/>. Acesso em: 23 ago. 2024.

NÓVOA, A. Prefácio. In: JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez Editora, 2004, p. 11-34.

NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto Alegre: Porto, 1995.

OBSERVA Salvador. **Observa SSA**, Engenho Velho da Federação, Salvador, [s.d.]. Disponível em: <https://abrir.link/s4Wnz>. Acesso em: 10 dez. 2023.

OLIVEIRA, C. M.. **Poesia Falada**: a arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021, p. 33, 54.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, M. K. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. São Paulo: Faculdade Educação, Universidade de São Paulo, 1999.

PATTON, M. Q. *Qualitative evaluation and research methods*. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 1990.

NASCIMENTO, L. M. J.; COSTA, T. C. (orgs.). **Projeto político pedagógico da educação de jovens e adultos**: Rede Municipal de Ensino de Salvador. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

QUEIROZ, B. Campos. **Correspondência**. São Paulo: Global, 2024. Disponível em: <https://grupoeditorialglobal.com.br/catalogos/livro/?id=4488>. Acesso em: 23 set. 2024.

SANTOS, M. A. As cidadanias mutiladas. *In*: LERNER J. (ed.). **O Preconceito**. Governo do Estado de São Paulo. São Paulo: IMESP, 1996-1997, p. 133-144.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: Primeiras aproximações. São Paulo: Cortez, 1991.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, nº 13, jan./abr. 2000, p. 16, 17.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 96, 287.

VELOSO, Caetano. Oração ao tempo. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qNIPLFsBNbc>. Acesso em: 24 ago. 2024.

VIEIRA, A. Cartas pedagógicas. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 75-76.

VITAL, S. C. C.; URT, S. C. BNCC e as competências socioemocionais: uma análise crítica às propostas de formação continuada. **Revista Teias**, [S. l.], v. 23, n. 71, p. 256–268, 2022. DOI: 10.12957/teias.2022.70252. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/70252>. Acesso em: 13 jun. 2024.

WALLON, H. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Tradução: Isabel Galvão. [s.l.]: Vozes, 1995.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – 1º ENCONTRO – GRUPO FOCAL – A PESQUISA E OS ACORDOS – SABERES SOCIOEMOCIONAIS NA FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Dia: 26/09/2023

Horário: 19h

Local: Escola Municipal Cidade de Jequié

Participantes: Professore/as colaboradores/as da pesquisa *Saberes socioemocionais na e para formação docente continuada no âmbito da Educação de Jovens e Adultos*

Objetivos:

- Apresentar a pesquisadora, o tema e os objetivos da pesquisa;
- Escutar os colaboradores/as, seus nomes, seus interesses e seus sentimentos em participar da pesquisa;
- Apresentar a proposta dos dias dos encontros e a metodologia a ser utilizada, Grupo Focal com encontros formativos;
- Realizar a leitura do Termo de Consentimento de Livre Escolha – TCLE;
- Recolher as assinaturas dos/as colaboradores/as no Termo de Consentimento de Livre Escolha – TCLE;
- Entregar uma cópia do TCLE a cada colaborador/a da pesquisa;
- Apresentar o conceito de *Saberes socioemocionais*.

Metodologia:

Organizar a sala em círculo a fim de facilitar a comunicação e a visualização de todos/as. Apresentar-me falando da importância do nosso nome e da alegria de estar de volta. Escutar cada um/a falar o seu nome. Informar a área de concentração da pesquisa, que é formação de professor/a, e ler a citação de Freire (1993):

O ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado. O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a

ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática (Freire, 1993 p. 27-28).

A leitura do Termo de Consentimento de Livre Escolha - TCLE deverá ser feita para esclarecimentos de dúvidas quanto ao documento, de modo que todos/as os/as colaboradores/as da pesquisa devem assinar o referido documento, a fim de confirmar a concordância em participar da pesquisa. Cada colaborador/a deverá receber uma cópia do documento. Apresentar e exibir *slides* com conceitos da educação socioemocional.

Finalizar escutando a música *Oração do Tempo* (Velloso, 1979) como reflexão sobre o tempo do fazer pedagógico, que sempre parece nos dizer que o tempo não é suficiente para a realização do que foi planejado. A escuta e a reflexão também servirão como acomodação para que os/as professore/as possam dar continuidade às suas aulas com os/as educandos/as.

Avaliação:

Ao final do encontro, os/as colaboradores/as poderão expressar seus sentimentos com relação ao encontro através de palavras e/ou frases.

APÊNDICE 2 – 2º ENCONTRO – GRUPO FOCAL – EXPERIÊNCIAS PRÉVIAS DOS/AS PROFESSORES/AS SOBRE SABERES SOCIOEMOCIONAIS

Experiências prévias dos professores/as com os saberes socioemocionais: o que é preciso saber e sentir

Dia: 03/10/2023

Horário: 19h

Local: Escola Municipal Cidade de Jequié

Participantes: Professore/as colaboradores/as da pesquisa *Saberes socioemocionais na e para formação docente continuada no âmbito da Educação de Jovens e Adultos*

Objetivos:

- Investigar os conhecimentos prévios dos/as colaboradores/as acerca da educação socioemocional;
- Identificar pontos importantes da educação socioemocional para atender às necessidades formativas dos colaboradores/as;
- Compartilhar com os/as colaboradores/as um roteiro de perguntas acerca dos seus conhecimentos prévios sobre a educação socioemocional.

Metodologia:

Iniciar o segundo encontro formativo com uma breve retrospectiva do que ocorreu no primeiro encontro, a partir dos sentimentos vivenciados por cada um/a. Como acolhida, deve-se ler este trecho da música *O que você quer saber de verdade* (Antunes, Brown e Monte, 2011):

[...] Solte os seus cabelos ao vento
Não olhe pra trás
Ouça o barulhinho que o tempo
No seu peito faz
Faça sua dor dançar
Atenção para escutar
Esse movimento que traz paz
Cada folha que cair
Cada nuvem que passar
Ouve a terra respirar
Pelos portas e janelas das casas
Atenção para escutar
O que você quer saber de verdade (Antunes, Brown e Monte, 2011).

Após escutarem e refletirem sobre a pergunta: “O que você quer saber de verdade?”, quem se sentir à vontade poderá socializar com o grupo. Em grupo, iremos ler as perguntas, uma de cada vez, e cada um/a irá responder escrevendo, podendo comentar com o grupo.

Avaliação:

A avaliação será feita a partir da pergunta “Esse encontro te aproximou da educação socioemocional?”.

APÊNDICE 3 – 3º ENCONTRO – GRUPO FOCAL – SENTIR, PENSAR E AGIR CONSCIENTE

Sentir, pensar e agir consciente

Dia: 24/10/2023

Horário: 19h

Local: Escola Municipal Cidade de Jequié

Participantes: Professore/as colaboradores/as da pesquisa *Saberes socioemocionais na e para formação docente continuada no âmbito da Educação de Jovens e adultos*

Objetivos:

- Conceituar a palavra “socioemocional”;
- Reconhecer que o hemisfério esquerdo do cérebro está diretamente ligado ao pensar, enquanto o hemisfério direito está diretamente ligado ao sentir;
- Refletir sobre a tendência de suas ações como professor: “Mais para o pensar ou mais para o sentir?”.

Metodologia:

Apresentar conceito que contempla a educação socioemocional: o sentir, o pensar e o agir, fazendo uma relação com o cérebro, identificando o hemisfério cerebral que corresponde a cada uma dessas ações, além de abordar sobre como essas ações funcionam em nosso cérebro e a importância de reconhecer nossos sentimentos para saber nomeá-los. Como acolhida, deve-se realizar exercício de respiração consciente para promover foco, atenção e percepção dos nossos sentimentos no tempo presente e, em seguida, a leitura da seguinte citação de Hipócrates:

O homem deve saber que de nenhum outro lugar, mas apenas do encéfalo, vem a alegria, o prazer, o riso e a diversão, o pesar, o luto, o desalento e a lamentação. E por isso, de uma maneira especial, nós adquirimos sabedoria e conhecimento e enxergamos e ouvimos e sabemos o que é justo e injusto, o que é bom e o que é ruim, o que é doce e o que é insípido... E pelo mesmo órgão nos tornamos loucos e delirantes, e medos e terrores nos assombram... Todas essas coisas nós temos de suportar do encéfalo quando não está sadio... Nesse sentido, opino que é o encéfalo quem exerce o maior poder sobre o homem. — Hipócrates, Sobre a Doença Sagrada (Séc. IV a.C.)

Refletir, a partir da música *Tempo Rei* (Gil 1984), sobre o currículo da escola e os saberes necessários a serem aprendidos e ensinados pelos/as educadores/as da EJA.

Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo, transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos
[...] Pensamento
Mesmo o fundamento singular do ser humano
De um momento para o outro
Poderá não mais fundar nem gregos, nem baianos (Gil, 1984)

A partir da frase que muito escutamos das pessoas quando fazem algo de forma impulsiva: “Eu fiz sem pensar”, deve-se provocar o entendimento de que o hemisfério esquerdo está diretamente ligado ao pensar, enquanto o hemisfério direito está diretamente ligado ao sentir. De acordo com Damásio (2000) ao resolver um problema, o hemisfério esquerdo irá tratar das deduções lógicas, enquanto o direito providenciará uma perspectiva geral intuitiva. Mas não podemos viver sem um dos hemisférios. Todo o pensamento é um resultado dos processos de pensamentos dos dois hemisférios. Nesse sentido, o autor nos diz que a emoção e o sentimento funcionam em paralelo.

Apresentar os conceitos, provocando cada um/a a pensar na tendência de suas ações como professor/a: “Mais para o pensar ou mais para o sentir?”. E os seus educandos/as, qual a tendência deles/as? O que prevalece, o pensar ou o sentir? Quais as consequências de cada tendência? Deve-se encerrar as atividades com um breve relaxamento, a fim de promover uma consciência das emoções e dos sentimentos.

Avaliação:

Com uma palavra, expressar como foi o encontro.

APÊNDICE 4 – 4º ENCONTRO – GRUPO FOCAL – PRODUÇÃO DAS CARTAS PEDAGÓGICAS

Produção das cartas pedagógicas

Dia: 31/10/2023

Horário: 19h

Local: Escola Municipal Cidade de Jequié

Participantes: Professore/as colaboradores/as da pesquisa *Saberes socioemocionais na e para formação docente continuada no âmbito da Educação de Jovens e Adultos*

Objetivos:

- Conceituar e apresentar as cartas pedagógicas;
- Sensibilizar o grupo para a produção de cartas pedagógicas;
- Produzir cartas pedagógicas.

Metodologia:

Com a sala em círculo, apresentar o conceito das cartas pedagógicas, legado de Paulo Freire (2018) para os/as educadores/as.

A carta, como um instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter de rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma, nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso. [...] É nesse sentido, agregando os conceitos de “carta” e de “pedagogia”, que as cartas pedagógicas tomam uma dimensão fortemente marcada pelo compromisso com um diálogo que construa, de forma sistemática, mas agradavelmente humana, a reflexão rigorosa acerca das questões da educação (Vieira, 2018, p. 75-76).

Ler para eles uma parte da carta pedagógica que escrevi. Para sensibilização, deve-se escutar a música *Maior*, de Dani Black e Milton Nascimento (2015), com a proposta de refletirmos sobre nosso processo de autoconhecimento e aquisição de novos saberes.

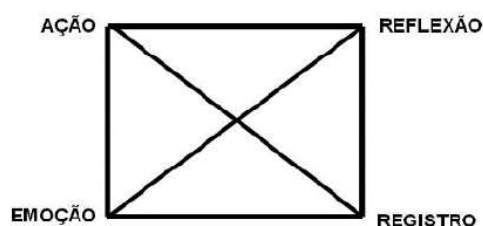
Eu sou maior
Do que era antes
Estou melhor
Do que era ontem
Eu sou filho do mistério e do silêncio
Somente o tempo vai me revelar quem sou

s cores mudam
 As mudas crescem
 Quando se desnudam
 Quando não se esquecem
 Daquelas dores que deixamos para trás

Sem saber que aquele choro valia ouro
 Estamos existindo entre mistérios e silêncios
 Evoluindo a cada lua, a cada sol
 Se era certo ou se errei
 Se sou súdito, se sou rei
 Somente atento à voz do tempo saberei (Black; Nascimento, 2015)

“As cartas pedagógicas revelam um pensamento dialógico que compreende a educação como processo de humanização dos seres humanos”. Segundo Freitas (2020), a produção da escrita de uma carta pedagógica perpassa por um tetragrama com ações que se intercalam no fazer do autor até a produção final.

Figura – Tetragrama/Carta pedagógica



Fonte: Freitas, 2020a, p. 75

A partir do tetragrama acima apresentado, o qual simboliza o processo de escrita das cartas, ousei em pensarmos um caminho mais detalhado para a produção de uma carta pedagógica, guiado por dez passos: 1. Afeto, 2. Emoção, 3. Sentimento, 4. Memórias, 5. Reflexão, 6. Produção escrita, 7. Revisão, 8. Troca de posição de escritor para leitor, 9. Reescrita e 10. Envio. Essas etapas também se repetem no leitor ao receber a carta, quando se propõe a responder.

Conforme Dickmann (2020, p. 24), no livro *Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular*, afirma que “As Cartas Pedagógicas revelam um pensamento dialógico que compreende a educação como processo de humanização dos seres humanos”. De acordo com ele, uma das características da carta é:

Toda carta pedagógica tem seu início na história de vida e na realidade de quem escreve. Em outras palavras, escrevemos a partir do que vivemos e de onde vivemos. Logo, uma carta pedagógica sempre expressará nossa vida. Embora óbvio, este

elemento nos ajuda a entender a dimensão humana concreta que a carta traz em suas linhas (Dickmann, 2020, p. 39).

Quando escrevemos, colocamos no papel as emoções, que são os sentimentos já elaborados, agora em pensamentos e, através da cognição, desenvolvemos mais consciência daquilo que escrevemos. O corpo, a mão, o papel e a escrita são instrumentos de consciência. Sobre isso, Freire (1989) preconiza:

Veja que a mão humana é tremendamente cultural. Ela é fazedora, ela é sensibilidade, ela é visibilidade, a mão pensa e age. E eu faço ênfase nesses movimentos pelos quais o corpo humano vira corpo consciente. O corpo se transforma em corpo percebido. E ele descreve, ele anota que, em sua transformação, a vida social está mudando também. O corpo age e, durante suas atitudes, ele desaninha de si e de suas relações o conhecimento sobre a vida (Freire, 1989, p. 34).

Ao pararmos para organizar os pensamentos, estamos tendo contato com nossos sentimentos, de forma que a razão já está presente, possibilitando, assim, redefinirmos nossas emoções de uma forma bem mais consciente com criatividade e novas possibilidades. Após esse primeiro momento reflexivo, seguimos para a leitura e a reflexão dos três cartazes que levei em papel carmo colorido, com citações dos/as autores/as Edgar Morin, Cora Coralina, Leite e Gazoli. Em seguida, foi o momento da prática da produção da escrita.

Avaliação:

Com uma palavra, expressar como foi o encontro.

APÊNDICE 5 – ROTEIRO DE PERGUNTAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

CAMPUS I MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS – PPGEJA

Caro/a colaborador/a,

Solicito que responda às questões abaixo, as quais irão subsidiar minha pesquisa *Saberes socioemocionais como caminho pedagógico para a formação docente no âmbito da educação de jovens e adultos.*

1. O que você sabe sobre saberes socioemocionais?
2. Na sua graduação, você cursou algum componente curricular que abordasse esse conhecimento acerca dos saberes socioemocionais?
3. Você já passou por alguma formação inicial e/ou continuada oferecida pela Rede Municipal de Educação de Salvador, abordando os saberes socioemocionais?
4. Você se acha preparado/a para trabalhar os saberes socioemocionais com seus educandos/as?
5. Você acredita que este conteúdo, o da educação socioemocional, é importante para a formação de educadores/as? Por quê?

APÊNDICE 6 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS –
PPGEJA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC - CAMPUS I
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS, CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: F () M () **Data de Nascimento:** _____

Endereço: _____

Complemento: _____

Bairro: _____ **Cidade:** _____ **Telefone:** _____

II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

TÍTULO DO PROJETO: *Saberes socioemocionais como caminho pedagógico para a formação docente no âmbito na Educação de Jovens e Adultos*

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Josete Moreno do Nascimento Almeida

III – EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O/a senhor/a está sendo convidado (a) a participar da pesquisa *Saberes socioemocionais como caminho pedagógico para a formação docente no âmbito na Educação de Jovens e Adultos*,

de responsabilidade da pesquisadora Josete Moreno do Nascimento Almeida, discente da Universidade do Estado da Bahia, que tem como objetivo realizar um estudo mais aprofundado acerca dos saberes socioemocionais e suas possíveis contribuições para a formação de educadores/as da Educação de Jovens e Adultos. A realização desta pesquisa trará benefícios para a produção de conhecimentos sobre Educação socioemocional através de ações específicas no campo da educação e possibilitará acesso aos possíveis benefícios nos processos do aprender e do ensinar a partir da compreensão do desenvolvimento e da prática dos referidos saberes na ação pedagógica dos/as educadores/as. Caso aceite, a sua participação nesta pesquisa consistirá em, voluntariamente, participar de um grupo focal através de oficinas formativas pautadas no tema da “Educação socioemocional”. Apesar de o desenvolvimento da pesquisa ocorrer de modo a não lhe causar nenhum tipo de constrangimento, esse é um potencial risco associado à pesquisa ao compartilhar os seus sentimentos e as suas emoções. A pesquisadora estará atenta com ações preventivas para evitar esse risco. O/A senhor/a receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita pela UNEB, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa. Ainda, em caso de danos decorrentes do estudo, o/a senhor/a tem direito à indenização. O desenvolvimento da pesquisa ocorrerá de modo a não lhe causar nenhum tipo de constrangimento. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e para tanto, assegurarei o sigilo sobre sua identificação. O/a senhor/a receberá uma cópia deste termo, em que consta o telefone e o endereço da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e a sua participação, agora ou a qualquer momento. Caso sinta-se desconfortável ao participar do grupo focal nas oficinas formativas, poderá solicitar a não participação na pesquisa. Quaisquer dúvidas que o/a senhor/a apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora, e o/a senhor/a, caso queira, poderá entrar em contato, também, com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Josete Moreno do Nascimento Almeida

Endereço: Rua Conselheiro Correia de Menezes 64, Edf. Residencial Horto Florestal – Horto

Telefone: (71) 988229085 | **E-mail:** josetealmeida@educacaosalvador.net

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobrás, 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido(a) pela pesquisadora sobre os objetivos, os benefícios da pesquisa e os riscos de minha participação na pesquisa *Saberes socioemocionais como caminho pedagógico para a formação docente no âmbito na Educação de Jovens e Adultos* e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade como voluntária/o. Consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação seja preservada. Assinarei este documento em duas vias, sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim. Li e concordo em participar da pesquisa.

_____, _____ de _____ de _____.

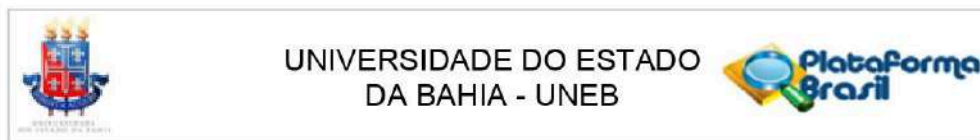
Assinatura do participante da pesquisa

Josete Moreno do Nascimento Almeida
Assinatura da pesquisadora discente
(Orientanda)

Carla Meira Pires de Carvalho
Assinatura da Professora responsável
(Orientadora)

ANEXOS

ANEXO 1 – APROVAÇÃO DO PROJETO PELO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Competências socioemocionais como ferramenta pedagógica na Educação de Jovens e Adultos: contribuições para os processos de consciência corporal, cognitiva e emocional.

Pesquisador: JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 73956323.5.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

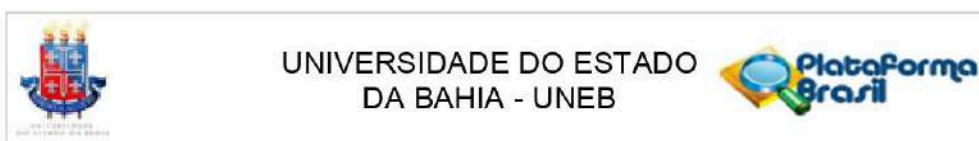
Número do Parecer: 6.649.545

Apresentação do Projeto:

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Há 15 anos acompanhando a EJA como Coordenadora pedagógica da Educação de Jovens e Adultos me aproximei dos saberes de Paulo Freire, corporificando palavras como corpo, paixão, consciência, emoção, sentimento, liberdade, esperar, opressão, reflexão e ação, que passaram a vibrar mais forte na minha fala, pois se articulam à minha prática pedagógica, gerando novos sentidos a cada encontro com educandos/as e educadores/as. Freire (2007) ressalta a inteireza do ser humano e critica as dicotomias: corpo e pensamento, razão e emoção, objetividade e subjetividade. O autor destaca: [...] "sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática, meticulosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também". Considerando as relações e interferências mútuas entre a emoção, a ação e a respiração e a necessidade de conexão entre corpo e mente para que o aprendizado seja assimilado, entender como manter uma mente tranquila, com foco e atenção, ter um corpo distensionado, conhecer posturas adequadas de coluna ereta, ombros relaxados, promover o autocuidado, autoconhecimento, a cooperação e a resiliência, sobretudo para tempos e espaços de aprendizagem, podem ser saberes essenciais para os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.649.545

Hipótese/Pergunta orientadora:

Será que o desenvolvimento de competências socioemocionais contribui para um estado de harmonia entre corpo e mente, pensamento e sentimento? A pequena refeição oferecida aos/às educandos/as da EJA no horário de chegada é importante para alimentar o corpo físico. E a mente? Como é possível alimentar e tranquilizar a mente cansada, para ter atenção, memória, reflexão?

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Realizar um estudo mais aprofundado acerca das competências socioemocionais, e suas possíveis contribuições para os processos da consciência corporal, cognitiva e emocional dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos

Objetivo Secundário:

Acessar e compreender os possíveis benefícios do desenvolvimento das competências socioemocionais nos processos do aprender e do ensinar;

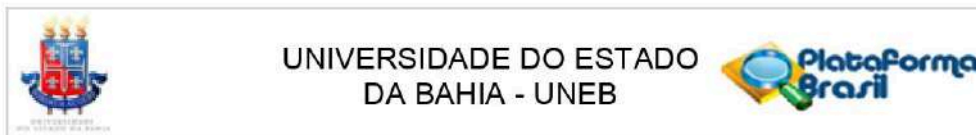
Socializar o material gerado na pesquisa com as comunidades da Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal, gerência orla e a quem interessar-se pelo tema.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Vale à informação, de forma geral, que o risco mencionado na Plataforma Brasil se enquadra intimamente com a vulnerabilidade do participante. Essas possibilidades trazem uma perspectiva de ação nas várias áreas inerentes à vida do ser humano, incluindo a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural, espiritual e profissional do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente.

Destacamos que a informação dos possíveis riscos da pesquisa fornecida aos participantes tem a função pedagógica de proporcionar o entendimento e a correlação da experiência de vida dele (o participante) com o objeto do estudo e os processos de registro de dados para decidirem se querem/podem/devem ou não participar, sabendo que tem possibilidade mínima do desconforto, constrangimento ou cansaço, sempre no foco de promover ainda mais a dignidade dos envolvidos.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.849.545

Considerando-se a partir deste entendimento a decisão da participação ou não, pois só com o conhecimento pleno das circunstâncias da pesquisa pode-se exercer a autonomia em plenitude.

Outro aspecto que se vislumbra com essa informação é que ao correlacionar a experiência de vida, o objeto e os dispositivos de registro de dados, o participante evita de participar se entender que há a possibilidade da maleficência por conta das suas experiências e o/a pesquisador/a livra-se de embaraços e até possíveis processos.

Evidencia-se com essas informações/ações a tentativa de manter-se a dignidade, além de colocar em "tela" que a variável dominante não é a pesquisa e sim a experiência de vida do participante e a vasta possibilidade de não conhecer-se a pleno todas as experiências de vida dos seres humanos envolvidos na pesquisa.

A pesquisadora informa aos pesquisados do documento TCLE postado em 03/11/2023 os benefícios da pesquisa, possíveis riscos, assistência integral e imediata, de forma gratuita pela UNEB, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa, e direito à indenização, caso se sintam lesados em algum momento da pesquisa.

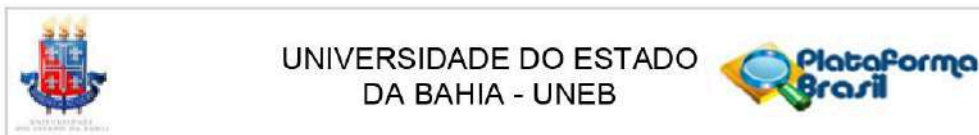
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Destacamos que todos os comentários deste parecer são baseados na correlação dos princípios éticos (autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça) com os aspectos da pesquisa (objeto, participante, metodologia e aspectos do campo). Sempre na perspectiva da orientação e sem julgamento de valores, conforme preconiza a ética no seu significado mais profundo que é propor a dignidade humana.

A pesquisa é importante com o potencial de melhorar/evoluir a atividade estudada e os participantes envolvidos nela uma vez que poderá trazer benefícios para a produção de conhecimento sobre competências socioemocionais através de ações específicas no campo educacional, assim como o acesso e compreensão dos possíveis benefícios nos processos do aprender e do ensinar a partir do desenvolvimento das competências socioemocionais com a equipe de educadores/as.

Critério de inclusão: Ser Professor/a, Coordenador/a Pedagógico/a, Gestor/a da Educação de

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.649.545

Jovens e Adultos da Escola Municipal Cidade de Jequié.

Critério de Exclusão: Não fazer parte do quadro de Professor/a, Coordenador/a Pedagógico/a, Gestor/a da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Cidade de Jequié

O orçamento: Financiamento próprio.

O cronograma: Exequível.

Instrumento de registro de dados: Dentro da eticidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Em consonância.
- 2 – Termo de confidencialidade: Em consonância.
- 3 – A autorização institucional da proponente: Em consonância.
- 4 – A autorização da instituição coparticipante: Em consonância.
- 5 – Anuência da comunidade: Não se aplica.
- 6 - Folha de rosto: Em consonância.
- 7 – Modelo do TCLE: Em consonância.
- 8 – Modelo do Assentimento: Não se aplica.
- 9 – Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: Em consonância.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamentos dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP-UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

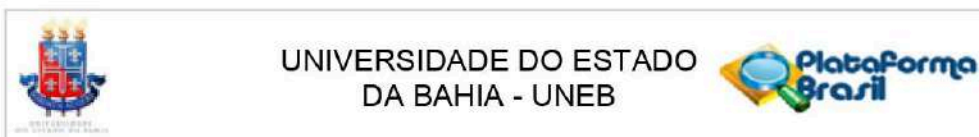
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o Projeto APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução CNS/MS 466/12 o CEP-UNEB considera o projeto APROVADO

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



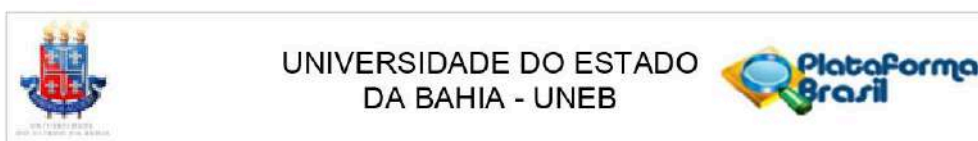
Continuação do Parecer: 6.649.545

para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP-UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2080620.pdf	04/12/2023 20:39:12		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consetimento_Livre_e_Esclarecido.pdf	03/11/2023 01:43:08	JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA	Aceito
Outros	termo_de_confidencialidade.pdf	03/11/2023 01:28:51	JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA	Aceito
Declaração do Patrocinador	Declaracao_do_patrocinador.pdf	04/09/2023 21:06:53	JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consetimento_Livre_e_Esclarecido_pdf	04/09/2023 21:06:14	JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	solicitacao_assinada_pelo_pesquisador_responsavel.pdf	04/09/2023 21:05:40	JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_de_concordancia.pdf	04/09/2023 20:48:07	JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_instituicao_e_infraestrutura.pdf	04/09/2023 20:46:33	JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_MPEJA_UNEB_2022_29_assinado.pdf	04/09/2023 20:45:22	JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	04/09/2023 20:43:29	JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA	Aceito

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.649.545

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 15 de Fevereiro de 2024

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes 1122, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br

ANEXO 2 – CARTAS PEDAGÓGICAS

Queridos gestores, colegas e alunos.

A situação da educação no geral está passando por desconhecida. São escolas muito diferentes e não conhecidas. Isso por vários motivos, mas um deles a falta de condições estruturais. O mundo mudou e a forma como os alunos aprendem hoje também é diferente. Mas nós professores não recebemos um novo formato acadêmico e precisamos continuar trabalhando com o modelo antigo. Alguns alunos trabalham com o modelo antigo e outros com o novo.

Para tanto, existe a realidade pessoal e é uma vez mais marcada de uma formação que permite de forma significativa aprender a trabalhar com o novo modelo sem esquecer as competências adquiridas no modelo antigo e o conhecimento pessoal de forma geral dos alunos.

Dina S. Brito

Em escrever esta carta pedagógica, parto a experiência de 30 anos de atuação de formadora e falta de liberdade de alguns dos nossos colegas de profissão, este docente que se relaciona com seus alunos, que são crianças que muitas vezes chegam de energia e criatividade extra-futuras o dito "limites" de sala de aula, muitos são professores que possuem em sua vida experiências nas suas atitudes, muitas vezes de forma inconsciente, ao tentar uma prática imediata para ensinar/contar tal comportamento considerado por ele inadequado.

Diante desta situação, pergunto: indago, que este professor não tem controle emocional, pois sua atitude algumas vezes ultrapassa os limites da escola, trazendo sérias consequências para ele e neste momento sinto que existe uma solidiedade re-lacionada por parte dos seus colegas.

Os momentos da educação formal (escolar) do Brasil

Eu, um educador com mais de trinta anos de atuação no chão de escolas públicas e privadas, escrevo-lhes para denunciar a flagrante invisibilidade da Educação Emocional e seus efeitos deletérios à formação do corpo social em geral, mas sobretudo de mentes.

A tradição da insuagem no nosso país insiste em formar mentes cheias de conteúdos desconectados de um pulso das emoções como se corpo e mente fossem coisas dissociadas. Ora, a vida é maior escola que existe - não a gente, o que do corpo logo, porque to-lhes: por que não, escolas podem ser desproteídas?

Como acreditar, que mais vale uma cabeça bem feita do

Queridos gestores escolares,

Tudo bem?

Espero que esta carta te encontre bem. Estou ciente da sua responsabilidade em gerir uma escola, mais do que isso, gerir pessoas, cada uma com sua história de vida, trazendo marcas próprias, sonhos a serem realizados, expectativas, sentimentos, emoções.

Sai que a educação escolar não é tão fácil; Cada dia com sua rotina e repentinamente acontece o inesperado que envolve atores da vasta comunidade escolar. Já lembro-me do poema que cita que neste universo escolar, todos são seres humanos: O diretor é gente e porteiro, o zelador, o professor, o aluno, o pai do aluno, a funcionária dos serviços gerais, a merendeira, a motorista do transporte escolar, o visitante que chega para apresentar o seu trabalho, um serviço terceirizado para pra pensar na responsabilidade

Minha amiga,

há tempos tenho observado o adiantamento de colegas, alguns muitos rápidos, no ambiente de trabalho na escola; colegas que vivem no que fazem, que se entregam, que cuidam dos currículos, que pensam e vivem antes de fazerem e que fazem; enfim, colegas profissionais. E sei que hoje faço que também sei; adviro no exercício do meu ofício de ensinar, não somente os elementos conceituais de nenhuma disciplina, mas as consequências da aprendizagem,

Do universo

Quemos tão atarefados e presos a dar conta de conteúdos e provas que esquecemos do emocional. Terminamos fazendo com que a invisibilidade de de nossos alunos seja ainda maior e mais desesperadora para eles.

Em um instante, começo a me dar conta de que preciso ser mais próxima de meus alunos, ter mais empatia, mais compreensão, mais compaixão.

Na maioria das vezes em nossas vidas, esquecemos aquilo que recebemos em nossa formação. Diante desse reconhecimento, percebo que muitas vezes nos acreditamos em algumas desculpas que os alunos trazem e terminamos sendo intolerante com os mesmos.

Acho que preciso mesmo de uma formação continuada para aprender a lidar melhor com o meu emocional e o do meu aluno. Grato

**ANEXO 3 – CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA A ESCOLA LÓCUS DA
PESQUISA ESCOLA MUNICIPAL CIDADE DE JEQUIÉ**

Processo - SMED/SEATE | N° 130972/2023

Prezado(a) Diretor(a),

De ordem da Diretoria Pedagógica/Secretaria Municipal da Educação - SMED, fica autorizado pesquisa de campo intitulada "*COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONTRIBUIÇÕES PARA OS PROCESSOS DE CONSCIÊNCIA CORPORAL, COGNITIVA E EMOCIONAL*", que tem como objetivo geral realizar um estudo mais aprofundado acerca das competências socioemocionais, e suas possíveis contribuições para os processos da consciência corporal, cognitiva e emocional dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa será desenvolvida pela mestrandia Josete Moreno do Nascimento Almeida, do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sob a orientação da Profa. Dra. Carla Meira Pires de Carvalho.

*Recomenda-se assinar o [TERMO DE COMPROMISSO] quando autorizado o estágio curricular pela assessoria técnica da Diretoria Pedagógica/Secretaria Municipal da Educação - SMED. Deve constar no referido Termo, todas as cláusulas que nortearão as atividades curriculares a serem realizadas; indicar o professor orientador da instituição de ensino; o número da apólice e a companhia de Seguro de Acidentes Pessoais, entre outros. Os documentos PPP, REGIMENTO ESCOLAR, PLANO GESTOR, entre outros específicos da escola, só poderão ser analisados, se necessário, na própria Unidade Escolar. Para a realização de pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pesquisa de Pós-Graduação Lato Sensu e Stricto Sensu, o pesquisador deverá apresentar o [TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO] aos sujeitos da pesquisa, o mais amplo esclarecimento sobre a investigação a ser realizada. Mais informações sobre a documentação necessária para estágio curricular, pesquisa, dentre outros, acesse: *DOCUMENTO ORIENTADOR DE ESTÁGIO CURRICULAR E PESQUISA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SALVADOR*, disponível no link: <http://educacao.salvador.ba.gov.br/adm/wp-content/uploads/2022/05/Orientador-EstagioPesquisa07.pdf> *Considerando a importância das pesquisas científicas e os seus desdobramentos para estudos de âmbito educacional, o pesquisador deverá apresentar o resultado da pesquisa stricto sensu, à SMED, em formato PDF, para o e-mail: estagioepesquisa.pedagogico@educacaosalvador.net.

Atenciosamente,

Vanilza Jordão

Assessoria de Organização Educacional e Programas

Diretoria Pedagógica

Secretaria Municipal da Educação

Prefeitura Municipal do Salvador - Site:<http://educacao3.salvador.ba.gov.br>

**ANEXO 4 – ATESTADO DA VIVÊNCIA REALIZADA NO CENTRO MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO INFANTIL AMARALINA**

Eu me acolho, tú te acolhes, nós nos acolhemos: educação socioemocional em pauta



**Prefeitura Municipal do Salvador
Secretaria Municipal da Educação – SMED**

Gerência Regional de Educação - GRE - ORLA
Centro Municipal de Educação Infantil de Amaralina
Rua Visconde Itaboraí, 102, Amaralina, SSA-Ba. CEP: 41900 – 031
Código da Escola: 0505 Telefone: 3202-0102

ATESTADO

Atestamos para os devidos fins que, Josete Moreno do Nascimento Almeida, realizou em 14 de fevereiro de 2023, a vivência formativa "Eu me acolho, tu te acolhes, nós nos acolhemos: educação socioemocional em pauta". A referida ação foi desenvolvida com a participação das professoras, Auxiliares de Desenvolvimento Infantil: (ADIs) coordenação pedagógica, gestão escolar e funcionários da administração desse CMEI.

Salvador, 14 de fevereiro de 2023.

Maria Adelina Hayne Mendes Neta

Vice- gestora

Matrícula nº 3082599

**ANEXO 5 – ATESTADO DA VIVÊNCIA REALIZADA NO CENTRO DE
EDUCAÇÃO PESTALOZZI (1)**



Centro de Apoio Pedagógico Especializado Pestalozzi

Fundado em 24 de maio de 1954 – D.O 24/01/1954, Decreto, nº 15.660

Alteração a denominação dos Centros Pedagógicos - D.O 16/07/2024 - Ano CVIII - nº 23.951 - Portaria nº 963/2024

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ATESTADO

O Centro de Apoio Pedagógico Especializado Pestalozzi atesta para os devidos fins acadêmicos que, Josete Moreno do Nascimento Almeida, realizou a vivência formativa **AUTOCUIDADO: um momento! Deixe-me respirar!** Nesse centro, no dia 15 de agosto de 2022. A Vivência teve duração de 2h (duas horas) e contou com a participação de professores/as, Coordenadora Pedagógica e pais/responsáveis.

Salvador, 17 de outubro de 2024,

Maria Eugênia Seixas Ribeiro
Prof.ª Maria Eugênia Seixas Ribeiro
Diretora

Maria Eugênia Seixas Ribeiro
NTE 28 Port. 00340474
D.O. 29/10/2021
Diretora - CAPE Pestalozzi

**ANEXO 6 – ATESTADO DA VIVÊNCIA REALIZADA NO CENTRO DE
EDUCAÇÃO PESTALOZZI (2)**



Centro de Apoio Pedagógico Especializado Pestalozzi

Fundado em 24 de maio de 1954 - D.O 24/01/1954, Decreto, nº 15.660

Alteração a denominação dos Centros Pedagógicos - D.O 16/07/2024 - Ano CVIII - nº 23.951 - Portaria nº 963/2024

GOVERNO DO ESTADO
BAHA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ATESTADO

O Centro de Apoio Pedagógico Especializado Pestalozzi atesta para os devidos fins acadêmicos que, **Josete Moreno do Nascimento Almeida**, realizou a vivência formativa **SABERES E PRÁTICAS ESSENCIAIS PARA UM BEM VIVER** nesse centro, no dia 05 de setembro de 2024. A Vivência teve duração de 2h (duas horas) e contou com a participação de professores/as, Coordenadora Pedagógica e pais/responsáveis.

Salvador, 17 de outubro de 2024,

Maria Eugênia Seixas Ribeiro
Prof.ª Maria Eugênia Seixas Ribeiro
Diretora

Maria Eugênia Seixas Ribeiro
NTE 26 Port. 00340474
D.O. 29/10/2021
Diretora - CAPE Pestalozzi

ANEXO 7 – *CARD* DA RODA DE CONVERSA REALIZADA NO CENTRO DE
EDUCAÇÃO PESTALOZZI



DIÁLOGO COM AS
Famílias

SABERES E PRÁTICAS
ESSÊNCIAS PARA O
BEM VIVER.

05/09, QUINTA-FEIRA

15H

Josete Moreno
Neuroeducadora
Mestranda - UNEB
Coordenadora Pedagógica - SMED

CENTRO DE APOIO PEDAGÓGICO ESPECIALIZADO PESTALOZZI
Av. Milton Santos, s/n - Ondina

ANEXO 8 – CERTIFICADO DO MINICURSO REALIZADO NO SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA EM LETRAS – SEPESQ 2023

N. DE CERTIFICAÇÃO: 216MU23A6JNCEV6

 República Federativa do Brasil
Ministério da Educação

 Universidade Federal da Bahia
Pró-Reitoria de Extensão Universitária

CERTIFICADO

Certificamos, para os devidos fins, que **JOSETE MORENO ALMEIDA** ministrou(ram) o minicurso **Comunicação e criatividade como práticas que desenvolvem o autoconhecimento**, durante o XVI SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA EM LETRAS, com carga horária de 4 horas, realizado na Universidade Federal da Bahia, Campus Universitário de Ondina, pelo Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, nos dias 23, 24 e 25 de outubro de 2023.
Salvador, dezembro de 2023

Registro SIATEX: 19658
Relatório: 11175


Guilherme Bertissolo
Pró-Reitor de Extensão Universitária


VIRTUTE SPIRITUS


Julia Pinheiro Gomes
Comissão Organizadora XVI SEPESQ

ANEXO 9 – CERTIFICADO DA OFICINA REALIZADA NO XIII ETBCES



XIII ETBCES
XIII ENCONTRO DE TURISMO DE BASE
COMUNITÁRIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA



C E R T I F I C A D O

Certificamos que Josete Moreno do nascimento Almeida participou do XIII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - XIII ETBCES, cujo tema foi: "Universidade e Comunidade: horizontes de transformações" ocorrido entre 11 a 17 de setembro de 2023, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador-BA, no qual apresentou OFICINA com o tema: Educação Socioemocional em pauta: sentimentos importam

Salvador, 17 de setembro de 2023

Francisca de Paula Santos da Silva
FRANCISCA DE PAULA SANTOS DA SILVA
 COORDENADORA GERAL DO XIII ETBCES

Juliana Andrade do Carmo Martins
JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS
 COMISSÃO ORGANIZADORA DO XIII ETBCES

Tereza Verena Melo da Paixão
TEREZA VERENA MELO DA PAIXÃO
 COMISSÃO ORGANIZADORA DO XIII ETBCES



ANEXO 10 – PALESTRA PARA EDUCADORES/AS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO



Educadoras da rede pública se reúnem para debater volta às aulas após onda de violência em comunidades de Salvador

“O que nós vamos fazer com nossos alunos?”, “O que eu, como professora, vou falar quando as aulas voltarem?”, “Qual o papel dos educadores nesse contexto?” Essas foram algumas das inquietações que moveram profissionais da educação da rede municipal de ensino de Salvador a se reunirem na manhã desta segunda (11) na Escola Municipal Casa da Amizade,

no Jardim Apipema. O encontro, organizado por organizações comunitárias e gestoras de ensino das escolas públicas Nossa Senhora de Fátima, Tertuliano de Góes, CMEI Calabar, Colégio Antônio Carlos Onofre e Escola Casa da Amizade, localizadas no Calabar, Alto das Pombas e adjacências, teve como objetivo criar um espaço de acolhimento e diálogo diante da onda de violência que se agravou nas últimas semanas na capital baiana, que afetou moradores e toda a comunidade escolar das áreas atingidas.

Uma das demandas mais urgentes para mais de 100 presentes no encontro – entre professoras, gestoras, merendeiras, auxiliares de serviços gerais e ADI's (auxiliares de desenvolvimento infantil), muitas delas também moradoras das comunidades afetadas – é lidar com o emocional diante de tamanha insegurança. Para dialogar com esse problema, o encontro teve início com um momento de autocuidado com a neuroeducadora Josete Moreno, que demonstrou técnicas de respiração, consciência corporal e meditação que poderiam ser replicadas em diversos espaços, como em casa ou na própria escola. Mais do que oferecer técnicas prontas, o objetivo da neuroeducadora foi o de incentivar que os profissionais validassem suas emoções, escutassem a si mesmos e uns aos outros. “Escolas são feitas por pessoas e pessoas são feitas de sentimentos”, destaca Josete.

Fonte:

<https://ceas.com.br/educadoras-da-rede-publica-se-reunem-para-debater-volta-as-aulas-apos-onda-de-violencia-em-comunidades-de-salvador/>

**ANEXO 11 – ATESTADO DA VIVÊNCIA REALIZADA NA ESCOLA
MUNICIPAL MARIA AMÁLIA PAIVA**



ESCOLA MUNICIPAL MARIA AMALIA PAIVA
RUA EDGAR DE BARROS, n. 40
NORDESTE DE AMARALINA.
CEP 41900-420 SALVADOR BAHIA. TEL. 3202-0119/0118
e-mail: empaiva@educacaosalvador.net

Salvador, 17 de outubro de 2024

DECLARAÇÃO

A Escola Municipal Maria Amália Paiva, atesta para os devidos fins que, Josete Moreno do Nascimento Almeida, realizou a roda de conversa *Saberes e práticas necessários para um bem viver em família*, no dia 26 de setembro de 2024. A roda de conversa com as famílias teve duração de 2h (duas horas) e contou com a participação dos pais e responsáveis dos educandos e de professores, Coordenadora Pedagógica e Gestora.

Atenciosamente,

Ana Karine Oliveira da Encarnação

Ana Karine Oliveira da Encarnação

Diretora

Ana Karine Oliveira da Encarnação
Diretora
Port. 541/2023
Matrícula 2112792

ANEXO 12 – DECLARAÇÃO DA VIVÊNCIA REALIZADA NA GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA DA UNEB



DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que **JOSETE MORENO DO NASCIMENTO ALMEIDA**, portadora CPF: **177.197.715-91**, participou do Projeto Diálogos em Rede Estágio Supervisionado em Gestão: Conexões, partilha de desafios e experiências, realizando a vivência intitulada a **Educação Emocional em pauta: sentimentos importam**, com carga horária de 4h, realizado em 18/04/2023, na Universidade do Estado da Bahia –Departamento de Educação Campus I – Salvador.

Documento assinado digitalmente
gov.br ANTONETE ARAUJO SILVA XAVIER
Data: 19/10/2024 10:42:13-0:300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Antonete Araújo Silva Xavier – Mat 74543767-1
Professora Adjunta – UNEB – DEDC Campus I
Coordenadora da Brinquedoteca Universitária Paulo Freire

ANEXO 13 – DECLARAÇÃO DA VIVÊNCIA REALIZADA NA CRECHE PRIMEIRO PASSO SUSSUARANA



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
GERÊNCIA REGIONAL DO CABULA
CRECHE E PRÉ-ESCOLA PRIMEIRO PASSO SUSSUARANA



DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que JOSETE MORENO NASCIMENTO ALMEIDA, portadora do CPF: 177.197.715-91, participou do ciclo formativo desenvolvido pela gestão e coordenação pedagógica da Creche e Pré-escola Primeiro Passo Sussuarana, realizando, como facilitadora um encontro com o tema *Cuidando de quem cuida*, destinado às docentes e Profissionais de Apoio Escolar, com carga horária de 4 horas, realizado no dia 09/12/2023.



Documento assinado digitalmente
ADRIANA SOARES DOS SANTOS
Data: 21/11/2024 15:40:10-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Adriana Soares dos Santos

Gestora

